



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RENATA CERQUEIRA BARBOSA

**SEDUÇÃO E CONQUISTA:
A AMANTE NA POESIA DE OVÍDIO**

**Curitiba
Agosto/2002**

RENATA CERQUEIRA BARBOSA

**SEDUÇÃO E CONQUISTA: A AMANTE NA POESIA
DE OVÍDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Paraná, para a obtenção do título de Mestre em História, na linha de pesquisa Cultura e Poder, sob a orientação do Prof. Dr. Renan Frighetto.

Curitiba
Agosto/2002

Dedico este trabalho ao meu Amor Fábio, pelo incentivo, compreensão, paciência e dedicação que demonstrou, em todos os momentos alegres e difíceis em que estive durante a execução deste trabalho. Dedico também a todos as pessoas 'amantes' do amor.

AGRADECIMENTOS

As idéias contidas nesse trabalho são de inteira responsabilidade da autora, no entanto, é necessário agradecer a todas as pessoas que fizeram com que este trabalho fosse possível: aos meus pais Raimunda e Barbosa, que me deram incentivo durante todo este tempo; aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, ao Prof. Dr. e orientador Renan Frighetto, pelas orientações dadas, pelo “debate científico”, pela amizade e confiança que depositou em mim durante todo o trabalho; ao amigo Prof. Ms. Claudiomar dos Reis Gonçalves pelas leituras, críticas e sugestões, pela paciência e orientação dada em todos os momentos que precisei; ao amigo, Prof. Dr. J. Miguel Arias Neto, pela leitura e sugestões; aos Prof. Drs. Fátima Fernandes e Euclides Marchi, pelas críticas e sugestões dadas na qualificação; ao Prof. Ld. Pedro Paulo Funari pela leitura e sugestões; aos amigos Cláides Schneider, Juliana Reinhardt, Leandro Magalhães e Miliandre de Souza, pela amizade, companheirismo e apoio, que demonstraram durante esta jornada. Amigos como estes teremos para sempre! Agradeço também a Luci, secretária do Programa de Pós-Graduação, por toda a assistência dada durante o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço a Capes, pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa.

SUMÁRIO

Resumo	6
Abstract	7
1. Introdução:	8
2. Capítulo I	
Historiografia e Gênero	11
2.1. Estudo da mulher na Antigüidade	22
2.2. Quem foi Ovídio: vida e obra	37
3. Capítulo II	
Mulher e casamento na sociedade Romana	52
3.1. O Direito romano e sua influência na divisão dos sexos.....	52
3.2. O casamento no direito romano	57
3.3. A Relação conjugal	65
3.4. O Adultério e o concubinato.....	67
3.5. A condição da mulher no casamento e concubinato	75
4. Capítulo III	
Elegia e fonte	79
4.1. A Prostituição	79
4.2. Elegia Erótica	93
4.3. O poeta elegíaco e o amor	113
4.4. <i>A Arte de Amar</i>	125
5. Conclusão	149
6. Fontes	153
7. Referências Bibliográficas	154

RESUMO

O Objetivo deste trabalho é o de analisar a amante romana na sociedade do período, século I d.C. utilizando como fonte a *Ars Amatoria*, de Ovídio, obra que se trata de um “manual de galanteio”, na qual é possível identificar os aspectos entendidos como característicos dos amantes, ou melhor, da mulher amante, e de como deve ser seu comportamento para obter uma boa conquista. Estas informações dadas por Ovídio, são pertinentes, a partir do momento em que percebemos as leituras que fazem parte do mundo em que vivem, sob o prisma de sua mentalidade aristocrática, podendo assim representar o pensamento de parte da sociedade romana.

Palavras-chave: Mulher, Antigüidade, Sexualidade, Elegia Erótica.

ABSTRACT

This work aims to analyze the Roman lover in the society of the period, century I AD, using as source the *Ars Amatoria*, of Ovídio, work that is a matter of a “wooing manual”, in which is possible to identify the aspects understood as characteristics of lovers, or better, of the woman lover, and of how should be her behavior in order to obtain a good conquest. These information given by Ovídio are pertinent since the moment we realize the readings that make part of the world in which they live, under the prism of their aristocratic mentality, being possible to illustrate, therefore, the thought of part of the Roman society.

Key words: Woman, Antiquity, Sexuality, Erotic Elegy.

1. INTRODUÇÃO.

A experiência Histórica é o resultado da atuação conjunta na sociedade, de homens e mulheres que a compõem e que nela vivem. Esquecer, portanto, a metade da humanidade com suas vivências, sentimentos, o caráter da relação entre os dois grupos e sua representação em cada sociedade, condiciona o conhecimento apenas de uma História incompleta e “mutilada”.

É evidente que, tanto na historiografia em geral, e na Antigüidade Romana em particular, existem trabalhos sobre mulheres ou sobre aspectos com elas relacionados¹, porém, a maior parte destes trabalhos se refere às “mulheres célebres”, quase sempre por suas relações com homens famosos, mulheres da casa Imperial em Roma, ou ainda, mulheres que são destacadas positiva ou negativamente, por “aspectos especiais”, como beleza, bondade, fidelidade, infidelidade, feiúra, etc. Um grande exemplo, problema digno de maior análise é o da submissão da mulher e do seu aparecimento como figura de desordem, por um lado, ou benéfica por outro. Esta linha de investigação, além de marginal, não atesta na verdade o que foi a vida da mulher ao longo da História, mas pelo contrário, identifica-se como uma História vista pelo olhar masculino².

Os estudos clássicos reforçam pontos de vista conservadores de diversas maneiras, na maioria dos casos ao apoiarem-se em uma leitura empirista a partir do senso

¹ Um exemplo é o trabalho de Anthony Barrett. *Agrippina. Sex, Power, and Politics in the Early Empire*. New Haven and London: Yale University Press, 1996

² CIRIBELLI, Marilda C. “Reflexões sobre a História da Mulher em Roma”. *PHOÏNLX*, Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995, p. 138.

comum³, dos documentos antigos. O uso do senso comum para a manutenção de relações iníquas de poder contribui para que estas relações injustas sejam mantidas pela naturalização dos discursos sociais.⁴ Devemos, portanto, evitar esta abordagem derivada do senso comum na medida em que apenas a análise crítica permite compreender o “masculino” e o “feminino” como construções sociais que variam em termos de classe social e gênero, em diferentes períodos e sociedades históricas.

Partindo deste pressuposto, o objetivo deste trabalho é o de analisar a amante romana na sociedade do período, século I d.C. Para tanto, utilizaremos como fonte a *Ars Amatoria*, de Ovídio, obra que se trata de um “manual de galanteio”, na qual é possível identificar os aspectos entendidos como característicos dos amantes, ou melhor, da mulher amante, e de como deve ser seu comportamento para obter uma boa conquista. Estas informações dadas por Ovídio, são pertinentes, a partir do momento em que percebemos as leituras que fazem parte do mundo em que vivem, sob o prisma de sua mentalidade aristocrática, podendo assim representar o pensamento de parte da sociedade romana.

No primeiro capítulo, faremos uma pequena justificativa com relação à utilização do estudo de gênero para o entendimento da mulher e do homem na historiografia. Em seguida abordaremos o autor. Para isto, utilizaremos autores como

³ FUNARI, P. P. A. “Romanas por elas mesmas”. *Cadernos Pagu*, 1995, p. 180. Funari trabalha o senso comum, como contrário à análise crítica, em que “deve-se superar a hierarquia tradicional de valores e pessoas implícita no pensamento baseado na oposição binária do tipo ‘isto ou aquilo’, em benefício da complementaridade e da multiplicidade de opiniões e pessoas”.

⁴Idem, *ibidem*.

Paratore, Leoni e Gudeman para compreender o universo do autor, suas influências e suas obras.

O segundo capítulo trata-se de um estudo sobre a mulher romana do período. O Direito romano e sua influência na divisão dos sexos, o casamento no direito, a relação conjugal, o adultério e concubinato e a condição da mulher no casamento e concubinato. Autores como Catherine Salles, Aline Roussel, Yan Thomas serão importantes no decorrer deste capítulo devido aos estudos que fazem sobre a mulher romana antiga.

O último capítulo será iniciado, com o tema prostituição e elegia erótica, visto que estão intrinsecamente ligados ao tema “amante”. Em seguida, demonstraremos partes da fonte em que é possível detectar o comportamento desejado e esperado dos amantes, e os conselhos dados pelo autor para se obter este comportamento, sendo possível observar a opinião do autor a respeito do tema.

E finalmente, na Conclusão, faremos as considerações finais no que diz respeito à fonte e bibliografia abordada.

2. CAPÍTULO I: HISTORIOGRAFIA E GÊNERO.

“A história é filha da narrativa. Não se define por um objeto de estudo, mas por um tipo de discurso. Dizer que estuda o tempo não tem de fato outro sentido que dizer que dispõe todos os objetos que estuda no tempo: fazer história é contar uma história.”⁵

Segundo François Furet, “contar” é na realidade, dizer “aquilo que aconteceu” a alguém ou a um indivíduo, país, instituição, aos homens que viveram antes do instante em que se narra. É restituir o caos de acontecimentos que constituem o tecido de uma existência, a trama de uma vida. A narrativa histórica obedece, portanto, a um recorte do tempo que se inscreve no dado bruto da vivência: no fundo, fixa as recordações dos indivíduos e das coletividades. Conserva vivo aquilo que escolheram do seu passado ou simplesmente do passado, sem desfazer nem reconstruir os objetos desse passado: fala dos momentos, não dos objetos.⁶

Essa era, com certeza, uma das razões pelas quais a História tradicional foi principalmente biográfica ou política. Na vivência coletiva da humanidade, aquilo que era mais fascinante e disponível para a narração era a aventura dos grandes homens e Estados (além dos interesses políticos). Portanto, seria claro o porquê do desenvolvimento da História na Antigüidade grega e romana, e depois na Europa Moderna, como “anais do poder e da guerra”. O recorte narrativo compassou os infortúnios e as vitórias dos povos –

⁵ FURET, François. *A Oficina da História*. São Paulo: Gradiva, 1972, p.81.

⁶ Idem, p.82.

os grandes momentos da História.⁷

Para que se possa fugir deste tipo de abordagem, o historiador da Antigüidade, se depara com alguns problemas, no que diz respeito às fontes. É fato bem conhecido que a documentação de que dispõe este historiador, pára de diminuir à medida que se desce do nível das super-estruturas ao das infra-estruturas. São muito numerosos os documentos, quando se trata de estudar a história do movimento das idéias (apesar das lacunas da tradição manuscrita) ou a história das religiões (pelo menos na época cristã); ainda mais numerosos quando se trata da história política. Para René Martin⁸, “*ao nível da história econômica, a pobreza das nossas fontes é para lastimar, e a sua extrema dispersão no tempo constitui uma dificuldade suplementar*”. Conhecemos melhor a sociedade antiga do que a economia antiga, mas as fontes que nos permitem estudá-la nem por isso deixam de ser insuficientes em quantidade e qualidade⁹.

As fontes literárias, conquanto não sejam as únicas, conservam uma extraordinária importância, e sabe-se como é delicada a sua utilização: é preciso levar em conta os “fenômenos de distorção” relativos ao mesmo tempo à subjetividade da testemunha considerada e aos limites da experiência social que pôde refratar na sua obra.¹⁰

Segundo René Martin, desta forma a história social da Antigüidade mal

⁷ Idem, ibidem.

⁸ MARTIN, René. “História Social do mundo romano antigo: métodos e problemas” In. GODINHO, Vitorino Magalhães. *A História Social: problemas, fontes e métodos*. Lisboa: edições cosmos, 1965, p. 68.

⁹ Idem, ibidem.

¹⁰ PROUST, Jacques. “História social e História Literária”. In. GODINHO, op. cit. p. 307.

começa a chegar à idade adulta, o que não significa que trabalhos de grande importância como os de Fustel de Coulanges, devam ser desprezados. Esta passagem à idade adulta, concretizou-se pela criação da Escola dos Annales, a qual sentia a necessidade de uma História mais abrangente e totalizante. Esta necessidade nascia do fato de que o homem contemporâneo se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir, não poderia reduzir-se a um mero reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de pensar e agir dos poderosos do momento. Fazer uma “outra história”, na expressão usada por Lucien Febvre, era descobrir o homem na plenitude de suas virtualidades, que se inscreviam concretamente em suas realizações históricas. Abria-se, em consequência, o leque de possibilidades do fazer histórico, da mesma maneira que se impunha a esse fazer a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e os instrumentos que permitiriam aos historiadores ampliar sua visão do homem.¹¹ Talvez resida nessa intenção de diversificar o fazer historiográfico a maior contribuição de Marc Bloch, e Lucien Febvre, quando fundaram a revista *Annales*, com o objetivo de fazer dela um instrumento de enriquecimento da História.¹²

A preocupação em abranger toda a atividade humana, encorajou o grupo dos Annales à interdisciplinaridade, no sentido de aprenderem a colaborar com antropólogos sociais, economistas, críticos literários, psicólogos, sociólogos, etc. Os historiadores da arte, da literatura e da ciência, que costumavam buscar seus interesses mais ou menos isolados do corpo principal de historiadores, começavam a manter com eles um

¹¹ BURKE, Peter. *A Escola dos Annales*, São Paulo: Unesp, 1991, p. 07.

¹² Idem, p. 08.

contato mais regular.¹³

Juntamente com a nova História e o grupo dos Annales, outros temas passaram a ser trabalhados dentro da historiografia, como a História da criança, dos operários, prisioneiros e mulheres, entre outras. A História das mulheres tornou-se, dessa forma, um grande exemplo da evolução temática na historiografia mundial.

A expansão dos estudos que incorporam a mulher e a abordagem de gênero na História localiza-se no quadro de transformações por que vem passando a História nos últimos tempos, sendo possível afirmar que, por razões internas e externas, esses estudos emergiram da crise dos paradigmas tradicionais da escrita da História, que necessitavam uma completa revisão dos seus instrumentos de pesquisa. Essa crise de identidade da História levou à procura de “outras Histórias”, o que possibilitou uma ampliação do saber histórico, proporcionando uma abertura para o descobrimento das mulheres e do gênero.¹⁴

A História das mulheres aparece como um campo definível de estudos nas últimas décadas, apesar das enormes dificuldades encontradas. Um dos exemplos seria o do porque a História tradicional, já citada anteriormente, não aborda este tema, operando um verdadeiro recalçamento do tema feminino, e de modo geral, do cotidiano. Quando econômica, a História ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e

¹³ Idem, p. 17.

¹⁴ MATOS, Maria Izilda . Outras Histórias: “As mulheres e estudos dos Gêneros – Percursos e possibilidades”. In. *Gênero em debate, trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997, P.86.

negligência os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do homem em geral como humanidade¹⁵, ou seja, a mulher precisa ser estudada nas suas particularidades e nas suas semelhanças.

À vontade de se escrever (talvez necessidade) sobre a História das mulheres, até então esquecida ou mesmo negada, apoiou-se na explosão do feminismo juntando-se ao grande desenvolvimento da Antropologia e da História das mentalidades.¹⁶

Segundo Joan Scott, a política feminista é o ponto de partida. A origem do campo situa-se na década de 60, quando as ativistas feministas reivindicaram uma história que estabelecesse heroínas como prova da atuação das mulheres, além de explicações sobre a opressão e inspiração para a ação.¹⁷ No Brasil, o feminismo apareceu como movimento social organizado em meados da década de 70, em meio à ditadura militar, e as reivindicações feministas no período, como em todos os países onde o feminismo se manifestou, visavam à igualdade de direitos em relação aos homens, igualdade salarial para o mesmo trabalho desenvolvido, etc. Ou seja, era o “feminismo da igualdade”. Esta primeira onda feminista propõe, como o próprio nome sugere,

“(...) uma igualdade de direitos entre mulheres e homens, incorporando os valores masculinos, sua razão e concepção ditas neutras e universais,

¹⁵ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 185.

¹⁶ PANTEL, Pauline S. “A História da mulheres na História da Antigüidade, hoje”. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle (org). *História das Mulheres*. São Paulo: Ebradil, p. 592.

¹⁷ SCOTT, Joan. “ História das mulheres”. In BURKE, Peter (org) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 64.

isto é, não questiona as estruturas mentais da cultura masculina, exigindo que a mulher seja tratada como o homem".¹⁸

O "movimento feminista organizado", tanto no Brasil quanto nos outros países em que se manifestou, além do projeto de construir uma nova identidade sexual para a mulher, incitou respostas tanto dos homens quanto de algumas feministas. A resposta feminista foi o chamado "feminismo da diferença", que busca não valorizar a cultura feminina, procurando desconstruir os conceitos (provenientes da cultura masculina dominante) sobre o que é ser mulher. Pretende uma nova forma de pensamento e ação femininas que não se vincule à cultura masculina, propondo que a mulher não se masculinize ou incorpore os valores masculinos, mas sim que acrescente os valores femininos, a feminilidade à cultura masculina. Os homens e as mulheres são vistos como diferentes enquanto grupos e internamente aos grupos, e esta diferença não deve ser esquecida ou anulada, mas trazida à tona para que os diferentes possam se completar e produzir algo de novo.¹⁹

O fato de pretender recuperar a "dignidade, a beleza e a força" das mulheres, ao contrário da visão "machista" de que as feministas eram mulheres feias, e mal amadas, vai ao encontro da valorização do feminino e a tentativa da construção de uma identidade feminina longe dos estereótipos da feminista como não-mulher, e da mulher como inferior ao homem, ou seja, valorizar o feminino como diferente do masculino, mas

¹⁸ MARSON, Melina Izar. "Da feminista "macha" aos homens sensíveis". In. *Cadernos Ael*. N.3/4. Campinas, São Paulo: Ael, 1995 & 1996, p. 93 - 94.

¹⁹ Idem, p. 98.

não como inferior. Há ainda, a tentativa de construção de uma nova imagem feminista, que possa ser mais facilmente aceita pelos homens e principalmente pelas mulheres. Ocorre, então, a aceitação da feminilidade e do feminino para a feminista, além de uma busca de não apenas mudar o Estado e as leis, mas os homens e a sociedade como um todo.²⁰

No campo acadêmico, a mudança ocorreu quando as feministas “acadêmicas” responderam ao chamado de “sua” História e dirigiram sua erudição para uma atividade política mais ampla. No início, houve uma conexão direta entre política e intelectualidade. Posteriormente, a História das mulheres afastou-se da política, e ampliou seu campo de questionamento documentando aspectos da vida das mulheres no passado, e dessa forma adquiriu uma energia própria. O acúmulo de monografias e artigos, e a emergência de autoridades intelectuais reconhecidas foram os indicadores familiares de um novo campo de estudo, legitimado em parte, por sua distância da luta política.²¹ Finalmente na década de 80, o rompimento definitivo com a política propiciou o desvio deste campo para o gênero, conquistando seu próprio espaço, pois Gênero é um termo aparentemente neutro, desprovido de propósito ideológico imediato.

Segundo Joan Scott, a emergência da História das mulheres como um campo de estudo envolve, *“uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise”*.²² O uso da categoria gênero é uma maneira de afirmar os componentes históricos e sociais das

²⁰ Idem, p.101.

²¹ SCOTT, op. cit. p.64.

²² Idem, p. 65.

identidades e das relações baseadas nas diferenças sexuais. Em outras palavras, os significados do masculino e do feminino, e das relações entre os sexos possuem historicidade e são socialmente construídos. Portanto,

*“(...) as representações baseadas nas diferenças sexuais perceptíveis, são percebidas na perspectiva da categoria de gênero, como situações e concepções produzidas, reproduzidas, e transformadas ao longo do tempo nos diversos contextos sociais”.*²³

Os estudos de gênero representam um avanço historiográfico após os impasses provocados por abordagens e teorias que procuram causas originárias da dominação de sexo, como por exemplo, as teorias do patriarcado, que situam as origens da opressão feminina na necessidade masculina de controle da sexualidade das mulheres. As correntes marxistas que se preocupam com as mulheres apontam, por sua vez, para a necessidade do capitalismo de controlar a força de trabalho feminina na divisão sexual do trabalho (papel da reprodução da força de trabalho) e manter um exército de reserva. Porém, estas duas perspectivas não avançam muito no sentido de explicar historicamente a diversidade das formas de opressão sexual, dos jogos de poder e das representações do masculino e feminino nos diferentes contextos e culturas. A partir dos debates e autocríticas dos estudos feministas, as pesquisas passam a dar mais atenção aos significados dos fenômenos sociais e às representações históricas e socialmente variáveis do masculino e do feminino. As diferenças baseadas nos aspectos biológicos são invocadas na construção das relações sociais e das representações do masculino e do feminino. Assim, as desigualdades

²³ BASSANEZI, Carla S. Virando as páginas, revendo as mulheres: relações homem – mulher e revistas femininas, 1945 – 1964. Dissertação (mestrado) FFLCH, Universidade de São Paulo, 1992, p. 9

entre homens e mulheres, são concebidos e representados de maneiras diferentes configurando relações de gênero distintas em vários períodos históricos.²⁴

Bassanezi defende a idéia de que a questão de gênero também está intrinsecamente ligada à questão das relações de poder:

*“Os significados de gênero estabelecem hierarquias nas diferenças e funcionam como estratégias de dominação. Gênero é usado em vários momentos como ponto de referência para construir representações e relações de poder em vários níveis”.*²⁵

As referências ao sexo (masculino e feminino) estabelecem, legitimam ou contestam os limites da distribuição diferencial de poder na ordem social, portanto gênero é tanto produto das relações de poder, quanto parte da construção destas próprias relações.

Neste sentido, seria importante destacar como os deslocamentos teóricos produzidos pelo feminismo têm repercutido na produção historiográfica. A emergência de novos temas, de novos objetos e questões, proporcionou maior visibilidade às mulheres enquanto agentes históricos, *“inicialmente a partir do padrão masculino da História social, extremamente preocupada com as questões da resistência social e das formas de dominação política”.*²⁶ Posteriormente, houve uma ampliação deste quadro com a explosão dos temas femininos da *Nouvelle Histoire*, como bruxaria, prostituição, loucura, aborto,

²⁴ Idem, p. 10 – 11.

²⁵ Idem, Ibidem. Não só necessariamente no que diz respeito às relações entre os sexos.

²⁶ RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e História. Campinas, Unicamp, p. 11.

maternidade, sexualidade, entre outros.

No caso dos estudos feministas, o sucesso da categoria analítica “Gênero” é explicado em grande parte, por ter dado uma resposta não tão “mecanicista” ao impasse teórico existente, quando se questionava, por exemplo, a lógica da identidade. Segundo Margareth Rago, o gênero encontrou campo extremamente favorável,

“(...) num momento de grande mudança das referências teóricas vigentes nas ciências humanas, e em que a dimensão da cultura passava a ser privilegiada sobre as determinações da sociedade. Assim como outras correntes de pensamento, a teoria feminista propunha que se pensasse a construção cultural das diferenças sexuais, negando radicalmente o determinismo natural e biológico. Portanto, a dimensão simbólica, o imaginário social, a construção dos múltiplos sentidos e interpretações no interior de uma dada cultura passavam a ser priorizados em relação às explicações econômicas ou políticas.”²⁷

Do ponto de vista historiográfico, estas concepções se aproximam daquelas formuladas pela chamada História Cultural, a qual põe em evidência a necessidade de se pensar o campo das interpretações culturais, a construção de inúmeros significados sociais e culturais pelos agentes históricos, deixando claro que o predomínio prolongado da História social de tradição marxista (principalmente as mais ortodoxas), secundarizou o campo da subjetividade e da dimensão simbólica. Apenas nas últimas décadas, passou-se a falar em imaginário social, nas representações sociais, em

²⁷ Idem, p. 13-14.

subjetividade, e por este fato, a História precisou buscar aproximações com a Antropologia, Psicanálise e Literatura. Além do mais, na medida em que o discurso passou a ser dotado de novas possibilidades, os historiadores também perceberam a necessidade de interrogar o próprio discurso e dimensionar suas formas narrativas e interpretativas.²⁸

Os estudos de gênero vão ao encontro de certas tendências da historiografia contemporânea que questionam a concepção de História como evolução linear e progressista, e a do tempo vinculado a leis de mudanças e prognósticos do futuro. Segundo Maria Izilda Matos, estes estudos de gênero contribuíram para a ampliação do objeto de conhecimento histórico, procurando acabar com a segmentação entre passado e presente,

*“(...) levando à descoberta de temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados e descontinuidades, descortinando o tempo imutável e repetitivo ligado aos hábitos, mas também o tempo criador, dinâmico e das inovações, focalizando o relativo, a multiplicidade de durações que convivem entre si urdidas na trama histórica”.*²⁹

²⁸ Idem, Ibidem.

²⁹ MATOS, op. Cit. p. 100.

2.1. ESTUDO DA MULHER NA ANTIGUIDADE.

Enquanto eram feitos estudos objetivando a constituição de sínteses que permitissem dar às mulheres uma identidade na História, no caso do mundo antigo, uma parte dos historiadores da Antigüidade alargou o domínio das pesquisas ao estudo da relação entre os sexos. O estudo das formas do discurso sobre a divisão do sexo sustentada na Antigüidade vem sendo conduzido de forma sistemática, através da análise de mitos, poesias e romances³⁰ e mais recentemente pela arqueologia e epigrafia.

O estudo da História das mulheres na Antigüidade, não difere muito dos estudos contemporâneos sobre elas. O registro primário do que elas fazem e dizem é mediatizado pelos critérios de seleção dos escribas do poder. Indiferentes à vida privada, eles dedicam-se à vida pública, da qual elas não participam. Se a invadem eles alarmam-se, como se fora uma desordem, que de Heródoto a Taine, de Tito Lívio aos modernos comissários de polícia, suscita idênticos estereótipos. Mesmo os recenseamentos omitem as mulheres; em Roma, só são contabilizadas se forem herdeiras; será preciso esperar pelo século III d.C. para que Diocleciano ordene, por razões fiscais o seu “numeramento”.³¹

Para o estudo das mulheres na Antigüidade, nos deparamos com vários problemas e obstáculos, como em todo estudo historiográfico no que diz respeito às fontes. No essencial, as nossas fontes apresentam-nos um olhar dos homens sobre as mulheres e o

³⁰ PANTEL, Pauline. “A História das Mulheres na Antigüidade, hoje” In. DUBY, Georges & PERROT, Michelle (org). *História das Mulheres: Antigüidade*. V. 1, São Paulo: Ebradil, 1990. p. 592.

³¹ DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *História das Mulheres: A Antigüidade*. V. 1, Porto: Afrontamento, 1990, p. 7.

mundo, daí o peso dado ao discurso masculino. Este olhar masculino tem como corolário à escassez de informações concretas sobre a vida das mulheres e o lugar privilegiado concedido às representações destas.

Partindo destas representações das mulheres, tomadas pelo olhar masculino, poetas, filósofos e médicos envolvem o objeto mulher num discurso que, de Homero (séc. VIII a.C.) a Galeno (séc. II d.C.), apresenta uma "coerência notável". Se quiséssemos resumir numa lista as obsessões do discurso erudito, não iríamos muito longe. A mulher é passiva e na melhor das hipóteses, inferior em relação ao padrão anatômico e fisiológico do homem. Nada mais. Tudo o que se disse e se escreveu no debate sobre o feminismo de Platão, que na *República*, concebe uma cidade em que as mulheres deviam ser educadas como os homens, esbarra com esta evidência: "*façam elas o que fizerem (...) Fã-lo-ão menos bem*".³² Assim, os médicos hipocráticos, prontos a reconhecer que todo o indivíduo sexuado - macho ou fêmea - é portador de uma semente idêntica e andrógina, afirmam que a parte feminina dessa substância seminal é, em si, por uma qualidade intrínseca, menos forte que a parte masculina. E para Aristóteles, a inferioridade é sistemática em todos os planos - anatomia, fisiologia e ética.³³

Aristóteles herdou as palavras *eidos* e *genos*, por terem sido usadas, em particular por Platão.³⁴ Quando tomado em sentido classificativo, o *genos* designa um grupo susceptível de ser dividido em pares de *eide*, (espécie masculino e feminino) de

³² SISSA, Giulia. "Filosofias do Gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos. In DUBY, op. cit., p. 86.

³³ Idem, ibidem.

³⁴ Idem, p. 91.

formas específicas. Portanto, deste ponto de vista, o gênero *Anthropos* engloba o homem e a mulher como duas formas opostas. Partindo desse pressuposto acreditava-se que no início do gênero humano só existiam homens no masculino, não apresentando divisão sexual. Em seguida, por uma espécie de mutação degenerativa, veio ao mundo o *genos* das mulheres. As almas dos machos que se haviam mostrado covardes reencarnavam, depois de sua morte, num corpo diferente, um corpo de mulher. Do mesmo modo, todas as outras grandes famílias de animais, quadrúpedes, pássaros, répteis, corresponderiam a outros tantos resultados da metemempsicose. "*Os homens pesados e desinteressados da verdade reencontrar-se-iam num corpo bovino e orientado para baixo; os idiotas de espírito leve teriam dado origem às aves; os brutos aos répteis totalmente esmagados no solo*".³⁵ Usando um raciocínio análogo ao de Aristóteles, quando este explica o nascimento de uma rapariga em vez de um rapaz como um desvio em relação ao modelo masculino, Platão situa o aparecimento da diferença sexual no momento em que, na história do homem, se quebra uma perfeição original. Um *geno* novo vem então corporizar esta imperfeição.³⁶

Segundo Giullia Sissa, remontando a tradição, a versão mais mítica da origem das mulheres é inteiramente construída sobre este mesmo raciocínio. No princípio, os mortais, os homens, viviam com os deuses, nascidos da terra e do céu, divididos em linhagens paralelas e por vezes, em conflito. Os filhos de Cronos, que Zeus substituíra como pai, os descendentes de Urano,³⁷ chamados Titãs e os homens que já se encontravam marcados pela morte. Todos conviviam, freqüentavam os mesmos lugares e comiam juntos. Estes diferentes *Géneros* de seres - mortais e imortais - formavam, portanto uma sociedade

³⁵ Idem, p. 97.

³⁶ Idem, p.96-97.

homogênea em que a felicidade reinava sem reservas. Porém um dia, prometeu, filho de um Titã, teve a idéia de zombar de Zeus utilizando os ossos e a gordura de um boi para um banquete. O grande Zeus não gostou da brincadeira do primo e como castigo retirou o fogo, castigo esse que atingiu aos mortais. Após Prometeu roubar o fogo de volta, Zeus irritado resolve dar aos homens outro mal: a mulher. Os deuses modelaram uma criatura artificial, que deu origem ao *genos das mulheres*, destinada a instalar-se e a habitar entre os homens para a maior desgraça destes. O gênero das mulheres traz aos homens a avidez do desejo, o fim do contentamento e da auto-suficiência. Uma outra variante da mesma narrativa vem definir melhor a imagem a idéia, dizendo que *"a primeira mulher se chamava Pandora, e traz consigo uma boceta fechada de onde deixará estupidamente escapar todos os males que pesam sobre os homens"*.³⁷ Esta representação da mulher grega e seu surgimento vêm ao encontro da representação de Eva, por parte dos Cristãos, em que se faz uma analogia, demonstrando a incapacidade da mulher de vencer a sua curiosidade. A desobediência é sua fraqueza, transformada pela literatura posterior em fraqueza sexual, ou seja, a mulher não merece confiança. Ovídio, em sua obra destinada aos homens, afirma que na maioria, *"as mulheres são uma raça bem pouco escrupulosa"* (I, 643-644), no entanto diz às mulheres: *"Não estendas a todas as mulheres a feminina culpa, A peçonha que a alma só de algumas macula"*.(III, 9-10).

De acordo com Sissa,³⁷ em todas estas narrativas para além das diferenças de gênero literário e de conteúdo, desenha-se, um mesmo esquema narrativo:

³⁷ Idem, p. 98.

"(...) as mulheres são um suplemento, uma peça acrescentada a um grupo social que antes do seu aparecimento, era perfeito e feliz; formam um genos, um gênero à parte, como se elas se reproduzissem por si próprias; portanto, não introduzem a diferença sexual em si nem a reprodução, como se antes delas, a geração tivesse sido impossível, mas inauguram sim a derrelicção e a angústia humana. O feminino é a imperfeição".³⁸

Nos seus tratados sobre os animais, Aristóteles entrega-se a um longo exame dos corpos femininos, definindo de duas maneiras suas características: "a analogia e a inferioridade relativamente aos corpos masculinos".

Este tratamento dado às mulheres, não é exclusividade da medicina ou filosofia: no plano religioso, a mulher nunca ocupa o primeiro lugar. As responsabilidades sacerdotais públicas estavam sempre nas mãos dos homens. As grandes liturgias públicas pertenciam aos cargos dos magistrados, assistidos ou não pelos sacerdotes do povo romano. Estes partilhavam com os magistrados os deveres religiosos da *Respublica* e detinham, além disso, o poder de formular e de interpretar o direito sagrado. Finalmente os sumo sacerdotes públicos eram eleitos pelos comícios, ou seja, por cidadãos. E como a religião pública se limitava às atividades enumeradas, pode-se considerar que o poder religioso público pertencia quase inteiramente aos homens.³⁹

No plano doméstico, as coisas não eram diferentes. Segundo Jonh Scheid, os responsáveis pelos cultos familiares eram os pais de família. O abandono e a negligência

³⁸ Idem, *ibidem*

³⁹ SCHEID, John. "Estrangeiras indispensáveis. Os papéis religiosos das mulheres em Roma". In. DUBY, op. cit. p. 466.

dos cultos domésticos podiam ser condenados pelo censor, no entanto constituíam um dever do pai de família recenseado. Às mulheres era proibida a presença em sacrifícios. Além disso, a mulher era excluída de outra oferenda. Uma velha regra proibia as mulheres de beberem vinho puro (*o temetum*). O *temetum* afastava as mulheres daquilo que permitia que os homens entrassem em contato com os deuses: o sacrifício. O vinho puro era uma oferenda sacrificial por excelência. Contrariamente às mulheres, os homens eram capazes de consumir vinho puro, como os deuses.⁴⁰ Porém, as mulheres poderiam tomar certos vinhos considerados mais fracos. De acordo com Funari⁴¹, os vinhos “femininos” envolvem termos técnicos, *lorea*, *passus*, *murrina*, caracterizados como “doces”. A mulher era associada à doçura e delicadeza por oposição à dureza e à amargura masculinas.

À primeira vista, a mulher é, portanto, devido ao seu sexo, incapaz de celebrar os momentos mais importantes do culto, nomeadamente a matança, o corte e a partilha das carnes da vítima sacrificial. Esta tarefa fundadora da vida religiosa e social cabe aos homens. Contudo, segundo ainda John Scheid, a exclusão das mulheres não era absoluta. Mesmo a incapacidade sacrificial das matronas romanas parece comportar limites. Um problema pertinente que nos chama a atenção é o da participação das mulheres na vida religiosa. Para Moses Finley, em “Aspectos da Antigüidade”, apesar de toda opressão da mulher, de suas frustrações e insatisfações, ela possuía algumas “válvulas de escape”, como diz o autor, para seus talentos e energias reprimidos. A religião podia ser uma delas. Tudo indica que as mulheres tiveram um papel predominante neste campo se lembrarmos as

⁴⁰ Idem, p. 468-469.

⁴¹ FUNARI, P. P. A. *Antigüidade Clássica. A História e a cultura a partir dos documentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 79.

Vestais e alguns ritos dedicados à mulher romana, como o culto da Bona Dea, por exemplo.

As Vestais eram sacerdotisas públicas e enquanto tais elas constituíam uma exceção no mundo sacerdotal romano, quase completamente composto por homens. As seis virgens Vestais tinham por função manter e vigiar, sob a autoridade da grande virgem Vestal (*virgo Vestalis maxima*), o fogo da lareira pública, no santuário de Vesta, no ângulo sudoeste do fórum romano. "Captadas" antes da puberdade, as Vestais serviam em princípio durante trinta anos, dos quais dez voltados à aprendizagem, dez ao serviço propriamente dito e dez à instrução. Habitando uma grande residência junto ao santuário de Vesta, as Vestais estavam submetidas à obrigação da virgindade, que convém aproximar mais da castidade da matrona romana, fiel a um só homem, austera na sua conduta e procedimento, do que de um voto de abstinência sexual. As Vestais representavam a natureza da deusa cujo culto asseguravam: a sua castidade simbolizava a pureza de Vesta, a chama pura da lareira.⁴²

Porém, as Vestais não são a única exceção. Vários sacerdotes romanos tinham uma esposa que também sacrificava, nomeadamente às divindades reguladoras do tempo. Mais tarde, outras sacerdotisas foram introduzidas ou toleradas em Roma, no quadro dos cultos naturalizados, por exemplo, os de *Magna Mater*, ou de Ísis. Mas estas funções não podem contestar a tradição, porquanto era precisamente o estatuto "estrangeiro" dessas sacerdotisas ou dessas deusas que motivava a exceção e que servia, aliás, para a opor, num plano geral, às condutas femininas que passavam por ser antigas e

⁴² Idem, p. 471.

"locais". Como escreveu Dionísio de Halicarnasso, *"as mulheres encarregavam-se dos ritos que a lei do país proibia os homens de celebrar"*.⁴³ Por outras palavras, as fontes apresentam este culto como "um mundo às avessas", em que as mulheres assumem papéis masculinos.

A "incapacidade" religiosa das mulheres romanas recobre, portanto uma estrutura complexa. Independentemente da exploração bem real que certas mulheres podiam fazer do espaço que lhes era consignado no domínio religioso, poderia-se concluir que o papel religioso das mulheres era expressar a sua incapacidade religiosa: por outras palavras, a sua inclusão passava pela sua exclusão, ou seja, para serem aceitas elas deveriam ser excluídas da vida religiosa. De acordo com Scheid, as mulheres deviam representar a sua incapacidade religiosa para construir ritualmente, um quadro em que ofereciam aos homens-cidadãos a imagem daquilo que os ameaçava: o desvio supersticioso, desembocando nas catástrofes, na impotência e no ridículo.⁴⁴

Michel Foucault, num estudo sobre a sexualidade⁴⁵ se preocupa com as relações existentes entre homens e mulheres. Portanto, para compreender a sexualidade como experiência histórica, buscou na Antigüidade Greco-Romana explicações e mecanismos de entendimento do comportamento humano. Em um de seus capítulos⁴⁶, o autor pergunta sob que formas e a partir do que, as relações sexuais entre marido e mulher, *"constituíram problema no mundo grego? Que razão havia para se preocupar com elas?"*

⁴³ Idem, p. 474-475.

⁴⁴ Idem, p. 506.

⁴⁵ FOUCAULT, Michel. *"História da Sexualidade 2. O uso dos prazeres"*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

⁴⁶ Capítulo III, Econômica, p. 129.

Foucault responde com palavras atribuídas a Demóstenes, no final do libelo *Contra Nera*: "*As cortesãs, nós a temos para o prazer; as concubinas, para os cuidados de todo dia; as esposas, para ter uma descendência legítima e uma fiel guardiã do lar*".⁴⁷ A interrogação sobre o comportamento sexual e as formas de seu aperfeiçoamento possível, fazia parte da reflexão sobre a existência doméstica; prática hábil dos prazeres e o equilíbrio da vida conjugal faziam parte do mesmo conjunto.

De acordo com o autor, a fórmula do *Contra Nera* parece repousar sobre um determinado sistema. Por um lado esse sistema faz funcionar o princípio de uma única esposa legítima; mas por outro, situa muito nitidamente o campo dos prazeres fora da relação conjugal. Nela o casamento só encontraria a relação sexual em sua função reprodutora, enquanto que a relação sexual não colocaria a questão do prazer a não ser fora do casamento. E, como consequência, não se vê por que as relações sexuais constituiriam problema na vida conjugal, salvo quando se trata de dar ao marido, e não a ambos, uma descendência legítima. Assim no pensamento grego, se encontraram, muito logicamente, interrogações técnicas e médicas sobre a esterilidade e suas razões, considerações de dietética e de higiene sobre os meios de ter filhos em boa saúde e de preferência meninos do que meninas, reflexões políticas e sociais sobre a melhor combinação possível dos cônjuges, enfim, debates jurídicos sobre as condições nas quais os descendentes podem ser considerados legítimos e beneficiarem-se do *status* de cidadão.⁴⁸ Nesta preocupação com a melhor maneira de ter os filhos, percebemos que se trata de uma preocupação com o dote, é necessário que se tenha filhos legítimos para que estes se enquadrem na condição de

⁴⁷ DEMOSTHÈNE, "Contra Néra", 122. Apud. FOUCAULT, op. cit. p. 129.

⁴⁸ FOUCAULT, op. cit. 130-131.

cidadãos e garantam a descendência, o nome da família. Para Hannah Arendt, quem viesse perder o seu “lugar” perderia automaticamente a cidadania, além da proteção da lei.⁴⁹

Vigorava na Atenas clássica, o *status* dos esposos e as obrigações pelos quais ambos eram responsáveis. A definição daquilo que era permitido, proibido e imposto aos esposos pela instituição do casamento, em matéria de prática sexual, era bastante simples e dessimétrica para que um suplemento de regulação moral não parecesse necessário. Por um lado às mulheres, enquanto esposas, são de fato circunscritas por seu *status* jurídico e social; toda a sua atividade sexual deve se situar no interior da relação conjugal e seu marido deve ser o parceiro exclusivo. Elas se encontram sob seu poder; é a ele que devem dar filhos que serão seus herdeiros e cidadãos. Em caso de adultério, as sanções tomadas são de ordem privada como também pública (uma mulher acusada de adultério não possui mais o direito de aparecer nas cerimônias de culto público); como diz Demóstenes: *"a lei quer que as mulheres experimentem um temor bem forte para que permaneçam honestas, para que não cometam alguma falta para serem fiéis guardiãs do lar"*.⁵⁰ O *status* familiar e cívico da mulher casada lhe impõe as regras de uma conduta que é a de uma prática sexual estritamente conjugal. Não é que a virtude seja inútil às mulheres, mas sua *sōphrosune*⁵¹ tem por função garantir que elas saberão respeitar, por vontade e

⁴⁹ ARENDT, Hannah, *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1997, p. 72. A autora faz relação do lugar com propriedade, no sentido de algum lugar que lhe pertencesse.

⁵⁰ DEMOSTHÈNE, "Contra Néra", 122. Apud. FOUCAULT, op. cit. p. 131.

⁵¹ Michel Foucault trabalha a *sōphrosune*, como uma virtude descrita como um estado bastante geral que garante uma conduta *"como convém para com os deuses e para com os homens"*, isto é, ser não somente temperante, mas devoto e justo, como também corajoso. Op. Cit p. 61.

razão, as regras que lhes são impostas.⁵² Este esquema teórico pode parecer perfeito, no entanto pode ser questionado por Ovídio, no momento em que este afirma a existência de relações extramatrimoniais, relações que podem ser até incentivadas, conforme a leitura feita pelas matronas.⁵³

Quanto ao marido, ele é limitado, em relação à sua mulher, a um certo número de obrigações, uma lei de Sólon exigia do marido que tivesse relações sexuais com sua esposa pelo menos três vezes por mês se ela fosse "herdeira".⁵⁴ Mas ter relações sexuais à não ser com a esposa legítima não faz parte, de modo algum, de suas obrigações. No entanto o homem, casado ou não, deve respeitar uma mulher casada; mas é por ela estar sob o poder de um outro; não é seu próprio *Status* que o detém, mas o da jovem ou mulher contra a qual ele atenta; sua falta é essencialmente contra o homem que tem poder sobre a mulher. Ao homem enquanto casado, só lhe é proibido contrair outro casamento, nenhuma relação sexual lhe é proibida em consequência do vínculo matrimonial que contraiu; ele pode ter uma ligação, pode freqüentar prostitutas, pode ser amante de um rapaz, sem contar os escravos, homens ou mulheres que possui em sua casa à sua disposição. O casamento de um homem não o liga sexualmente.⁵⁵

⁵² FOUCAULT, op. cit. p. 131.

⁵³ OVÍDIO. *A Arte de Amar*. São Paulo: Ars Poética, 1997. III, 483. Esta obra é bilíngüe, latim - português, portanto é esta a tradução que utilizo.

⁵⁴ Podemos identificar aqui a questão da propriedade, à mulher "herdeira" era necessário este tipo de conduta, verificando-se o jogo de interesses pelo fato de ser herdeira, ou seja, se não for herdeira não é necessário que se tenha o compromisso de ter relações sexuais com a esposa.

⁵⁵ Idem, ibidem.

Na ordem jurídica, a consequência desse fato, é que o adultério não é uma ruptura do vínculo do casamento que pode ocorrer por causa de um dos cônjuges, ele só é constituído como infração no caso em que uma mulher casada tem relação com um homem que não é seu esposo; é o *status* matrimonial da mulher, jamais o do homem, que permite definir uma relação como adultério. É clara a relação da questão do adultério com a propriedade, ou seja, os dotes da esposa, a relação desta com outro homem poderia vir a trazer outra descendência, um filho bastardo traria problemas com relação à herança. E, nessa ordem moral, compreende-se por que não existiu para os gregos essa categoria de "fidelidade recíproca" que iria introduzir mais tarde, na vida de casado, uma espécie de "direito sexual" de valor moral, jurídico e de componente religioso. O princípio de um duplo monopólio sexual, fazendo os dois esposos parceiros exclusivos, não é requerido na relação matrimonial. Pois se a mulher pertence ao marido, este só pertence a si mesmo. A dupla fidelidade sexual, engajamento e sentimento igualmente compartilhado, não constituem a garantia necessária, nem a mais alta expressão da vida de casado. Segundo Foucault, poderia-se concluir, que embora os prazeres sexuais coloquem seus problemas, embora a vida de casado coloque os seus, as duas problematizações não se encontram. Em todo caso, o casamento, pelas razões vistas, não deveria colocar questões quanto à ética dos prazeres sexuais.⁵⁶

As relações sexuais entre cônjuges, não constituíam um foco de interrogação muito intenso; na verdade, o cuidado em refletir sobre a conduta sexual parece menos importante na relação que se pode ter com a esposa do que na relação que se pode

⁵⁶ Idem, p. 132.

ter com o próprio corpo ou com os rapazes. Porém seria inexato pensar que as coisas eram tão simples a ponto da conduta da mulher ser "demasiado imperiosamente fixado" para que fosse necessário pensá-lo, e que a do homem fosse demasiado livre para que se tivesse que interrogar sobre ela. De acordo com Foucault, existem testemunhos sobre os sentimentos de ciúme sexual; as esposas reprovavam comumente os seus maridos pelos prazeres buscados noutros lugares. Na verdade esperava-se de um homem que se casava, uma certa mudança em sua conduta sexual; durante o celibato da juventude, tolerava-se uma intensidade e variedade de prazeres, que embora não impusesse nenhuma limitação precisa, era bom restringi-lo após o casamento. É importante perceber como este comportamento influenciou a nossa conduta moderna até os dias atuais.

Esta "obrigação" do homem de não ter parceiro fora do casal é de uma outra natureza do que a que liga a mulher a uma obrigação análoga. Na casa da mulher, é por estar sob o poder de seu marido que essa obrigação lhe é imposta. No caso dele, é porque exerce o poder e porque deve dar provas de domínio de si na prática desse poder, que deve restringir as escolhas sexuais. Ter somente relação com o esposo é para a mulher uma conseqüência do fato de que ela está sob o seu poder. Não ter relação à não ser com sua esposa, é para o marido, a mais bela maneira de exercer seu poder sobre a mulher.⁵⁷ Portanto, jurídica e moralmente a relação conjugal é um exercício de poder no qual os parceiros desempenham papéis específicos e distintos.

⁵⁷ Idem, p. 135.

Portanto, no campo das práticas reconhecidas e a partir das reflexões que tendiam a elaborá-las, os gregos se interrogaram sobre o comportamento sexual como questão moral e procuraram definir a forma de moderação para tanto exigida. Pudemos perceber, que o comportamento sexual é constituído como domínio de prática moral, nos atos de prazer que se referem ao pensamento grego, sob a forma de *aphrodisia*, ou seja, "*de um campo agonístico de forças difíceis de serem dominadas*";⁵⁸ elas exigem, para tomar a forma de uma conduta racional e moralmente admissível, o funcionamento de uma estratégia da medida e do momento, tendendo como que para o seu ponto de perfeição e para o seu termo, a um exato domínio de si onde o sujeito é "mais forte" do que ele mesmo até no exercício do poder que exerce sobre os outros.⁵⁹

Segundo Foucault, se quisermos fixar uma origem para alguns desses grandes temas que deram forma à nossa moral sexual (a pertinência do prazer ao campo perigoso do mal, a obrigação da fidelidade monogâmica, a exclusão de parceiros do mesmo sexo) "não somente é preciso não atribuí-los a chamada moral "judaico-cristã" mas, sobretudo, é preciso não ir buscar neles a função intemporal da interdição ou a forma permanente da lei." A ética sexual que está em parte na origem da nossa, repousava de fato num sistema muito duro de desigualdades e de coerções (em particular a respeito das mulheres e dos escravos); mas ela foi problematizada no pensamento como a relação, para um homem livre, entre o exercício de sua liberdade, as formas de seu poder e seu acesso à verdade.

⁵⁸ Idem, p. 218.

⁵⁹ Idem, ibidem.

Os historiadores tradicionais têm-se limitado, muitas vezes, a reconstruir um passado extremamente parcial e redutor, cujo principal papel cabe ora às elites ora aos chamados movimentos estruturais.⁶⁰ A discussão referente ao estudo de gênero demonstra porque abordar temas marginais nos proporciona tanto interesse; a partir de seu estudo, ela aguça nossa curiosidade no sentido de saber como se dão às construções dos comportamentos sociais estudados na historiografia, particularmente na Antigüidade romana.

A categoria de Gênero vem colaborar com a análise destas construções dos comportamentos sociais, a partir do momento em que define as diferenças, além de diferenças culturais, como diferenças baseadas nos aspectos biológicos, pelo fato destas diferenças sexuais serem percebidas dentro da categoria, como situações e concepções produzidas, reproduzidas e transformadas ao longo do tempo nos diversos contextos sociais; ao contrário dos autores antigos, que utilizam a diferença biológica para justificar a inferioridade de um dos sexos.

Ao que nos parece, uma forma de fazer uma história mais crítica sem partir do senso comum, está na tendência de levar em consideração tanto o masculino como o feminino na análise histórica, buscando a relação entre ambos os sexos em cada sociedade, fazendo da história da mulher e de suas atividades não só uma história à parte, mas sim procurando dar-lhe um status, ou seja, seu lugar na história global.

⁶⁰ FUNARI, P. P. A. "*Cultura Popular na Antigüidade Clássica*". São Paulo: Contexto, 1989, p. 73.

2.2. QUEM FOI OVÍDIO: VIDA E OBRA.

Públio Ovídio Nasão, nasceu em Sulmona, cidade do Brútio (Abruzzo), região ao norte de Roma, em 20 de março de 43 a.C, quase um ano após a tragédia dos idos de março, o assassinato de César, que precipitou a crise republicana que há anos já dominava a política romana e da qual, após as lutas fratricidas, resultou, com Augusto, na implantação do regime imperial e o advento da *Pax Romana*.

De família eqüestre, Ovídio teve por certo tempo o percurso normal e privilegiado que os pais de certa condição financeira traçavam para fazer ilustres os seus filhos. Foi com o irmão, encaminhado a Roma para os estudos de gramática e da eloquência, e estaria destinado a atuar nos tribunais ou na política, ou em ambos. Entregou-se com paixão aos estudos retóricos; o apuro e o refinamento da linguagem, se não lhe serviram para a carreira política (*cursus honorum*), foram-lhe úteis em outro setor, quando se rendeu integralmente à poesia, para a qual sentia irresistível atração.

Teve por professores os retores Arélio Fusco e Pórcio Latrão. Segundo Ettore Paratore, o próprio fato de vocacionado como era para a poesia, ter tido tanto sucesso também no propedêutico à oratória, é sintomático: era quase o presságio e o encaminhamento para o caráter retórico da sua arte. Mas, apesar de procurar contentar os familiares que o queriam orientar para uma profissão lucrativa, sentia a necessidade de fazer versos. Na elegia décima do livro IV dos *Tristia*, a mais explícita e autobiográfica de todas as suas composições do gênero, tem a famosa expressão: “*Tudo o que me dava a*

escrever, saía-me em verso”. Mas ao que parece queimou todas as suas poesias compostas na primeira juventude.⁶¹

Terminados os estudos de retórica, realizou uma viagem de instrução a Atenas, com visitas ao Egito e à Ásia Menor, e com quase um ano de permanência na Sicília. De regresso a Roma, exerceu algumas magistraturas menores e contraiu o primeiro casamento com uma mulher, de quem depressa se divorciou; casou-se novamente, e este foi rapidamente dissolvido. Apenas o terceiro casamento do poeta foi longo. Não se sabe se do segundo ou do terceiro matrimônio, nasceu-lhe uma filha.⁶²

Entrando no círculo de Messala⁶³, Ovídio esboçou um poema sobre a gigantomaquia, tema adaptado à sua imaginação e escrevera uma tragédia, *Medea*, agora perdida, mas muito apreciada no século I d.C.: conservaram-se dela dois versos, um dos quais, citado por Quintiliano: “*Fui capaz de salvar-te, e perguntas-me se não seria capaz de te perder?*”⁶⁴ Quanto a personagem de Medeia era cara à fantasia de Ovídio, demonstrando sua insistência nela, nas *Heroides* e nas *Metamorfoses*: de acordo com

⁶¹ PARATORE, Ettore. *História da literatura Latina*. Lisboa: Calouste, 1983, p.503.

⁶² Idem, ibidem.

⁶³ Círculo de Messala foi um círculo de muitos poetas de talento que se reuniam em torno do orador Messala Corvino (64 a.C. – 13 d.C.). Um membro importante deste círculo foi Tibulo, e mais tarde Ovídio. GUDEMAN, Alfred. *História de La Literatura Latina*. Tradução de Carlos Riba. Barcelona: Editorial Labor, 1952, p. 127. Sobre este mesmo círculo, consultar também: PEREIRA, Maria H. R. *Estudos de História da Cultura Clássica*. V. II. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989, p.226-235.

⁶⁴ QUINTILIANO, APUD PARATORE. p. 503.

Paratore, a capacidade de penetrar no coração feminino manifesta-se no jovem poeta a par com o seu gosto pelas belas imagens.⁶⁵

Ovídio, chegando aos ambientes mais ilustres, fascinou todos os mais célebres representantes de então: Messala protegeu-o, Cornélio Galo encorajou-o nos seus primeiros passos, Tibulo manteve com ele relações afetuosas, Emílio Mácron ligou-se a ele com estreita amizade, Propércio lia os seus carmes e o mesmo fazia o próprio Horácio. Mas de acordo com Paratore, com Virgílio não houve possibilidade de contrair amizade, “o jovem poeta chegou apenas a ver o grande, a quem depois haveria de subtrair parte do influxo sobre as gerações seguintes, desviando a épica latina para o gosto da exterioridade”. Não se sabe se teve tempo de se relacionar com Mecenas; quando se tornou poeta bem visto na casa de Augusto, Mecenas já tinha morrido, o que também lhe teria sido atribuída à paternidade das *Elegiae in Maecenatem*, bem como da *Consolatio ad Liviam*⁶⁶.

Aos vinte anos, Ovídio se dedicou ao tema que mais o atraía: o amor, e iniciou a composição do seu cancionero amoroso em dísticos, publicado sob o mesmo título de *Amores* que Cornélio Galo adaptara. Começou assim o grande ciclo erótico que compreende toda a poesia da primeira fase ovidiana, e a enorme produção ovidiana em dísticos, levado por ele a elegância mais musical e a mais espontânea sabedoria de balanceadas correspondências fônicas e rítmicas: só a *Medea*, as *Metamorfoses* e os *Halieutica*, entre todas as obras de Ovídio, não foram escritas em dísticos. A coletânea teve um grande sucesso, à medida que os carmes foram difundidos. Em 14 a.C., o poeta tratou

⁶⁵ Idem, ibidem.

⁶⁶ Idem, p. 504.

duma primeira edição integral, em cinco livros, a que fez seguir poucos anos depois, outra em três livros, a que possuímos. Como diz Paratore, é de se espantar que um autor fácil e amante do sucesso como Ovídio tenha entendido a necessidade de podar a sua coletânea de muitas composições não bem sucedidas, concentrando o resto num número de livros correspondente quase à metade do original. Esta edição dupla acabou por criar, com o tempo, muita confusão nos numerosos códices que nos transmitem o texto da obra.⁶⁷

Com Tibulo, Propércio e Ovídio, a literatura latina inaugura na poesia, um gênero literário. Os poemas metrificados em dístico elegíaco, isto é, compostos de hexâmetro que se alterna com pentâmetro, registram as vozes de um amante-poeta tomado de amor ardente por uma mulher, numa relação tensa, marcada por ciúmes, brigas, infidelidades, reconciliações calorosas, que fazem do amante um ser insatisfeito e infeliz, com a agravante de não poder romper esse círculo.⁶⁸ Parece correto afirmar que na obra “Os Amores”, de Ovídio, pode-se encontrar e identificar os elementos fundamentais da ideologia e do código elegíaco. Porém, segundo Leoni, esta obra pretende ser uma imitação das de Tibulo e Propércio.⁶⁹

O poeta deu a sua amada, na obra *Os Amores*, o pseudônimo literário de Corina, que fazia lembrar a poetisa, pretensa professora de Píndaro. Na sua coletânea, nem uma das tantas situações da elegia erótica⁷⁰ é esquecida, e o todo é “açucarado” por uma

⁶⁷ Idem, *ibidem*.

⁶⁸ OVÍDIO, “*Os Remédios do Amor. Os Cosméticos para o Rosto da Mulher*”. São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p. 12.

⁶⁹ LEONI, G. D. *A Literatura de Roma*. São Paulo: Livraria Nobel S/A, 1958, p.84.

⁷⁰ A elegia erótica pode ser considerada, um movimento revolucionário no mundo intelectual romano.

adesão mais intensa e voluptuosa à vida brilhante da capital, com suas festas, os seus espetáculos, as suas modas, que nos carmes do jovem poeta fazem de fundo às aventuras verdadeiras ou fictícias; será necessário aguardar Marcial para reencontrar uma tão rica visão de relance da vida mundana de Roma. Neste momento, por mais que multiplique as situações amorosas, nada do que é colocado em cena, nos parece efetivamente vivido e sofrido: tem-se a impressão de que tudo é posticho, a começar pela mulher celebrada, haja visto o fato de ser uma característica do gênero elegíaco.

A Heroides e a *Ars Amatoria*, são as duas principais obras da primeira fase ovidiana. A primeira recebeu talvez do seu autor o título mais modesto de *Epistulae*: são cartas amorosas fictícias, escritas aos seus amantes por Heroínas do mito e da história, com um apêndice de respostas de alguns deles. Pensou-se que em seguida, tendo Ovídio composto durante o exílio, as *Epistulae ex Ponto*, terá sido excogitado o título de *Heroides* para distinguir a primeira coletânea da segunda. Trata-se de vinte e uma cartas em dísticos, dezoito das quais escritas por mulheres e três escritas por homens; as três de homens (Paris a Helena, Leandro a Hero, Acônico a Cidipe) têm na coletânea uma carta feminina correspondente.⁷¹

As *Heroides* foram iniciadas ao mesmo tempo em que os *Amores*, se não antes: a elegia II, 18 dos *Amores* já fala delas como de obra iniciada há tempos e alegremente levada por diante. Depois de ter concluído nos *Amores* o ciclo da elegia erótica latina de caráter subjetivo, Ovídio voltava às origens, isto é, à elegia como narração

⁷¹ PARATORE, op. Cit, p. 505.

de casos célebres de amor, regressava, por outras palavras, à tradição de Antímaco, Hermesíanax, Filitas e Parténio, e isto apesar de, sob os nomes das heroínas do mito, palpitar, sobretudo a vida amorosa da Urbe, em toda a sua perversão refinada. As *Heroides* de acordo com Paratore é a obra ovidiana mais digna de atenção, talvez também a mais instrutiva para o gosto moderno,

*“(...) porque o poeta conseguiu muitas vezes fazer cintilar para nós, no meio da retórica fastidiosa do conjunto, um livido clarão que ilumina abismos de perversão erótica ou dramas de atormentada sensibilidade feminina: nas suas heroínas, manifesta-se algo das Júlias, das Lívias, das Messalinas, das Agripinas, que ficarão célebres na história dos costumes de Roma com maior ou menor mérito”.*⁷²

Mais tarde, Ovídio compôs o seu tratado poético, sobre os modos de conquistar a mulher, a *Ars Amatória*, -obra da qual nos ateremos neste trabalho, visto que nossa intenção é tratar da amante romana – em que, já no título, parece exprimir o propósito de competir com a ciência retórica dele bem conhecida, e segue-lhe o esquema no primeiro livro, onde a *inventio* (a recolha do material) com que se iniciam os tratados retóricos, corresponde, a caça às mulheres belas e o assédio à sua virtude. Foi a obra que levou ao auge a fortuna de Ovídio como autor mundano e que fez dele o benjamim dos círculos mais requintados da capital; mortos Virgílio, Tibulo, Propércio e Horácio, passa a atuar ele como gigante sem rivais, numa atmosfera completamente transformada relativamente àquela em que tinham poetado aqueles grandes extintos; mas ao mesmo tempo, representando a

⁷² Idem, p. 507.

contraposição mais audaciosa aos ideais moralistas de Augusto, a *Ars Amatoria* expô-lo ao ressentimento do *princeps*, que viria a explodir mais tarde.⁷³

Como o sistema da literatura, de par com todo o movimento de idéias, está sempre vinculado ao espaço cultural ocupado pelos agentes políticos e sociais, parece útil acenar com alguns dados sobre o ambiente em que viveu essa segunda geração de poetas, sob o regime de Augusto. O fim das guerras civis, que tinham traumatizado a sociedade romana com a eliminação de homens de grande prestígio, e o advento da *Pax Romana* fizeram renascer as esperanças de uma nova era; não é, pois, de se estranhar que a primeira geração de poetas desse momento histórico, principalmente Horácio e Virgílio, tenham se entusiasmado com a nova ordem estabelecida, e tenham se empenhado e se comprometido com um ideário de reconstrução do mundo romano.

O novo regime trazia tranquilidade e segurança e reduzia com sua constituição fundamentalmente monárquica, a liberdade política e a cidadania, criando condições propícias para que vingasse o desengajamento, descompromisso e a alienação. Em pouco tempo se produziram mudanças profundas de comportamento. O individualismo, já há certo tempo estimulado e cultivado por doutrinas do mundo helenístico, encontrou condições ideais para derrubar antigos ídolos e valores, até a pouco altamente prestigiados, como o apego à tradição, à atividade política, a glorificação na guerra ou nos tribunais. Com a queda desses valores, surgem outros, como os cultos ao amor, ao pacifismo, ao

⁷³ Idem, p. 510.

absenteísmo e, particularmente com Ovídio, ao mundanismo, à galanteria e uma grande alegria de viver.⁷⁴

Seria ilusão pensar que os poetas da segunda geração constituíssem um pequeno grupo ou um cenáculo de esnobes refinados e solitários, marginais ao processo social. A consagração que obtiveram, a posição que assumiram, os dados que apresentaram, demonstram que não foram apenas agentes de novas idéias e de novo comportamento, mas funcionaram como “caixa de ressonância” de uma situação existente.

Segundo Paratore, Ovídio soubera variar e adornar a matéria com todos os artificios e com longas digressões de caráter narrativo: o mundo da elegia erótica continuava a cantar a sua eterna canção, debaixo daquela roupagem paradoxal. Primeiramente, pelo ano 1 d.C., Ovídio publicou os primeiros dois livros dedicados aos homens; mais tarde quando já tinha publicado os *Remedia Amoris*, pequeno poema em 407 dísticos, dedicado a pôr os homens de sobreaviso para não ficarem eles próprios vítimas das redes estendidas pelas mulheres, redigiu e publicou o terceiro livro, dedicado às mulheres, a fim de lhes ensinar a conquistar os corações masculinos. Talvez o poeta caro às mulheres tenha sido solicitado por elas a querer ser também o preceptor delas, para além de preceptor dos seus eternos adversários, e consentiu galantemente. Com uma outra homenagem as mulheres, o *Medicamen faciei* (carmê em dísticos sobre os cosméticos, de que nos resta um fragmento de seis versos), termina o primeiro ciclo da poesia ovidiana.

⁷⁴ MENDONÇA. Antônio da Silveira. (Nota introdutória.) OVÍDIO, *Os Remédios...*, Op. Cit. P. 11.

“A Arte de Amar” e “Os remédios e os Cosméticos para o rosto da mulher”, têm como traço comum, a função didática, além, evidentemente, da métrica em dístico elegíaco, característica de toda a produção de Ovídio, com exceção das “Metamorfoses”, em hexâmetro. Ao lançar mão desse tipo de literatura, Ovídio dá prosseguimento a uma tradição que já vinha de muito longe na literatura grega e que, na latina, tinha tido grandes representantes como Lucrécio (*Da natureza das coisas*), Virgílio (*Geórgicas*) e Horácio (*Arte poética*), tratados sobre filosofia, agricultura e teoria literária.

Entre os poemas de Ovídio, a “Arte de Amar”, pode ser considerada para alguns, a obra mais significativa do poeta e a que mais repercussão e influência tiveram na literatura posterior. A “Arte de amar” ligada aos “Remédios...”, pode ser considerada um manual de galanteio, um trabalho sobre a sedução, onde se misturam observações psicológicas finas e picantes com dados preciosos sobre a vida de Roma.

Por volta do ano 3 d.C., Ovídio que após ter dedicado uma elegia, hoje perdida, à morte de Messala, já entrara nos círculos que rodeavam Augusto, voltou-se para temas de alcance mais amplo, desenvolvidos nas suas duas obras de maior empenho: as *Metamorfoses* e os *Fastos*. A primeira obra é um poema em quinze livros, para o qual Ovídio abandonou, apenas uma vez, o dístico elegíaco pelo hexâmetro. Nas palavras de Ettore Paratore:

“Em conjunto, o longo e complicado poema faz-nos perceber que a fantasia do poeta se esgotou na idade juvenil, que ele empola as gotas e tenta novos temas estranhos e mais ponderosos, para não ficar atrás, a

*fim de continuar a ser o poeta do dia e maravilhar cada vez mais os leitores com a vistosidade dos seus achados”.*⁷⁵

E a outra obra de sua maturidade, vem confirmar esta opinião. Os *Fastos*, poema elegíaco incompleto sobre as festas do calendário romano. Mas no poema (em que o poeta escreveu seis livros, metade do proposto, isto é, chegando até o mês de junho):

*“(...) a erudição mal dirigida, de segunda mão, (as suas fontes foram principalmente Varrão e os contemporâneos Vérreo Flaco e Lívio), o assunto pouco adaptado em seu temperamento, a frieza com que o encarou, o estado de inacabamento, ou melhor, de esboço em que deixou a obra, concorrem para fazer dela o produto mais opaco de sua veia abundantíssima. Admira-se uma ou outra passagem feliz de descrição realística desta ou daquela festa (...) e um ou dois episódios em que a nota erótica volta a somar, como a de Ana Perena. Mas até a expressão é inusitadamente descuidada”.*⁷⁶

Quando o poeta dispunha-se a dar a última demão às *Metamorfoses* e a continuar a composição dos *Fastos*, no ano 8 d.C., Augusto intimava-lhe que abandonasse imediatamente Roma e que confinasse, sozinho, sem mulher, sem as coisas mais queridas, a Tomos, na margem do Mar Negro, que se quis identificar com a atual Constance; ao mesmo tempo, ordenava-se que tirassem das bibliotecas públicas a *Ars Amatoria*. Jamais se soube com certeza a razão desta providência: no segundo livro dos *Tristia*, que forma todo ele uma única elegia, o poeta indica dois motivos, mas insiste, sobretudo no segundo, uma culpa que consistia em ter levado a sua confidência com personagens femininas altamente

⁷⁵ PARATORE, op. Cit, p. 510.

⁷⁶ Idem, p. 512.

colocadas até a ponto de se tornar testemunha e talvez cúmplice dos seus desvarios, sem as referir a quem de razão. Supôs-se por isso, de acordo com Paratore, que Ovídio teria entrado, nas licenciosidades da segunda das duas Júlias, que Augusto relegou por sua vida dissoluta:

“(...) as duas mulheres já se tinham alimentado talvez do veneno sutil contido na Ars Amatoria, e a mais jovem talvez tivesse escolhido como favorecedor do próprio amor o poeta que se comportava nos seus versos como apadrinhador de amor.”⁷⁷

Porém, a versão oficial⁷⁸ menciona razões de moralidade pública – isto é, as obras do poeta, que na verdade não seguiam, já como Virgílio e Horácio, o programa de restauração moral desejado e em grande parte executado por Augusto. Segundo Paratore, na primeira reação ao golpe, Ovídio queimou o manuscrito das *Metamorfoses*; o maior poema épico da época de Augusto depois da *Eneida* sofreu uma vicissitude análoga à que a *Eneida* estava para sofrer, por vontade do seu autor. Mas Ovídio sabia que circulavam numerosas cópias da obra que por isso, chegou até nós.

Durante a longa viagem ao seu exílio, Ovídio compôs o *Íbis*, pequeno poema em 322 dísticos (que plagia nome e forma de Calímaco)⁷⁹ contra um detrator que destruía a sua fama servindo-se da sua desgraça. O poeta não menciona seu nome, mas compara-o a um pássaro egípcio de hábitos fétidos, que dá o nome à obra. Da mesma

⁷⁷ Idem, *ibidem*.

⁷⁸ LEONI, *op. Cit.*, p. 85.

⁷⁹ PARATORE, *op. Cit.*, p. 512.

forma, durante a viagem, foram compostos os dois primeiros livros dos *Tristia*, em dísticos, que constitui quase toda a terceira e última parte da produção ovidiana. Esta obra é inteiramente dedicada a suplicar piedade e a solicitar permissão para regressar a Roma.

Ao chegar em Tomos, Ovídio continuou a composição dos *Tristia*, publicando três livros deles em 12 d.C. No mesmo ano terminava a composição de três livros das *Epistulae ex Ponto*; tanto os *Tristia* como as *Epistulae* são escritos em dísticos. O quarto livro das *Epistulae ex Ponto* foi publicado depois da morte do autor. Entretanto, no ano 14, morrera Augusto: Ovídio concentrado na sua esperança ilusória de regresso esperava obter o perdão de Tibério. Depois de ter composto um carme, agora perdido, para a morte de Augusto, procurou pôr a sua veia poética ao serviço dos familiares do *princeps*. Ovídio tinha aprendido também a língua gética, falada no território da sua relegação; nela compôs um carme que celebrava a divindade de Augusto e as pessoas de Livia e Tibério; recomeçou a trabalhar nos *Fastos* com a intenção de os dedicar a Germânico, o grande general filho de Druso e filho adotivo de Tibério, mas só pôde fazer a revisão do primeiro livro. Foi tudo em vão. Entretanto, enquanto visitava as margens do Mar Negro, aprendera a observar os costumes dos peixes e dos pescadores daquela zona, e começara a escrever um pequeno poema em hexâmetros, *Halieutica*, sobre o assunto: dele descobriu Sannazaro em França, no códice que agora se chama *Vindobonensis*, um fragmento de 134 versos, que não sabemos se constitui a única parte composta pelo poeta. São Jerônimo atesta-nos que Ovídio morreu em Tomos, no ano 17 d.C., mas alguns⁸⁰, baseados em indicações do livro I dos *Fastos*, como o poeta o reviu, e na própria dedicatória da obra, propugnaram a

⁸⁰ Paratore não indica quem são as pessoas.

necessidade de assinalar a data da morte no ano seguinte. De acordo com Paratore, as obras compostas ou revistas durante a rejeição chegaram até nós, exeto o primeiro poema em língua gética, porque Ovídio providenciava que fossem enviadas a Roma, em que esperava que fossem um estímulo para o seu regresso. Nem morto o poeta teve a consolação de voltar a Roma, como nos *Tristia*, havia sonhado. São Jerônimo comunica-nos que foi sepultado em Tomos, onde tradições medievais asseguram que os Getas lhe erigiram um tumulo.⁸¹

Na opinião de Ettore Paratore, a última produção ovidiana, assinala o agravamento da decadência do poeta: apelar, como razão, para a sua dor e para o seu desconforto, seria grosseiro erro crítico, porque habitualmente, a dor também se toma, nas grandes personalidades, motivo de altíssima poesia, e porque o segundo ciclo da poesia ovidiana, que se desenrolou num período de absoluta serenidade, já denunciava a decadência. Além dos carmes já recordados, perderam-se também *levia carmina* e epigramas, um carne *in malos poetas*, um epitalâmio para Paulo Fábio Máximo e um carne para a vitória ilírica de Tibério. Sob o seu nome, alguns manuscritos transmitiram o carne elegíaco *Nux*.

Como já foi dito anteriormente, Ovídio dominou, pelo menos tanto quanto Virgílio, a poesia da época seguinte: embora Virgílio tenha sido sempre venerado como o príncipe dos poetas, Ovídio foi aquele a quem os versejadores tiveram maior predileção. Sêneca, ao compor as suas tragédias, aprendeu dele várias coisas para a análise do coração feminino; os episódios mais requintadamente eróticos do romance de Petrónio e

⁸¹ Idem, p. 514.

Apuleio, nas palavras de Paratore, “*ressentem-se do seu perfume de estufa*”. Foi também um dos poetas prediletos da Idade Média, tanto quanto mestre de erudição mitológica, como mestre de elegâncias mundanas, veja-se a quantidade de manuscritos que contêm as suas obras, sobretudo a grande difusão da *Ars Amatória* e das *Metamorfoses* e o florescimento de biografias, todas tramadas sobre os próprios dados oferecidos pelo poeta. Dante coloca-o em terceiro lugar, depois de Homero e Horácio, entre os poetas que vêm ao encontro de Virgílio. Até mesmo a literatura bizantina, com a tradução das *Heroides* por obra de Máximo Planudes, se alimentou de Ovídio. A França do século XII e do Século XIII foi, também para ele, o centro do conhecimento; mas em relação a ele assumiu a forma de um verdadeiro fermento cultural que das suas obras se difundiu em toda a literatura laica da época. De acordo com Paratore, onde quer que no mundo romântico, a poesia narrativa sofreu a reelaboração dos *clercs*, dos eruditos, a marca de Ovídio ficou impressa nas inúmeras reelaborações. A influência de Ovídio perdura em grande parte das literaturas, na época do renascimento. Toda a visão idílica do mito clássico como culto das belas formas, que anima tanta poesia e tanta pintura do renascimento é inspirada em Ovídio. O espetáculo que os humildes artesãos atenienses encenam para as núpcias de Teseu e Hipólita no *Sonho dum noite de meio Verão* (sic), de Shakespeare, é construído sobre o episódio de Píramo e Tisbe imortalizado por Ovídio; e do mesmo episódio se ressent o final da história de Romeu e Julieta, reelaborada pela fantasia do mesmo gênio dramático. E ainda de acordo com Paratore,

“(…) todas as vezes que surgiu um artista em que o virtuosismo da forma, o culto das belas aparências e a simpatia por um erotismo refinado

*tenham tido a predominância, a sombra de Ovídio perfilou-se por trás dele. (...)*⁸²

⁸² Idem, p.515.

3. CAPÍTULO II: MULHER E CASAMENTO NA SOCIEDADE ROMANA.

3.1. O DIREITO ROMANO E SUA INFLUÊNCIA NA DIVISÃO DOS SEXOS.

Analisando a divisão dos sexos no direito romano, percebemos que a mulher não constitui uma espécie jurídica à parte: o direito romano teve de resolver inúmeros conflitos em que estavam implicadas mulheres, mas nunca tentou avançar a mínima definição do que era a mulher em si – apesar de que, para numerosos juristas da Antiguidade Clássica, segundo Yan Thomas, o lugar-comum da sua fraqueza de espírito (*imbecillitas mentis*), da sua leviandade mental ou da enfermidade relativa do seu sexo em relação aos homens (*infirmitas sexus*) servir de sistema de explicação natural para as suas incapacidades estatutárias.⁸³

O que é primordial para o direito é a divisão dos sexos enquanto tal. Poderia pensar-se que esta é evidente, e que a reprodução sexuada é um fato natural que o direito toma tacitamente em conta no seu sistema. Porém, na tradição jurídica romana, não se trata apenas de um fato, mas de uma norma, que exige que todos os cidadãos romanos se dividam e se unam como homens e como mulheres, como *maris* e como *feminae*. O direito romano fez, portanto, da divisão dos sexos uma questão jurídica; trata-a não como um pressuposto natural, mas como uma norma obrigatória. Este é um dado indispensável para compreendermos que as particularidades do estatuto jurídico das mulheres, não encontram

⁸³ THOMAS, Yan. “A divisão dos sexos no direito romano” In DUBY, G. & PERROT, M. *História das Mulheres. A Antigüidade.*, op. Cit. p. 129. Uma discussão acerca da incapacidade natural das mulheres na Antigüidade, foi feita na introdução deste trabalho.

a sua razão de ser apenas no quadro geral da sociedade romana, e não podem ser relacionadas, apenas com a evolução econômica e social, mas se articulam também com uma norma organizadora da diferença e da complementaridade do masculino e do feminino. Não é tanto da condição das mulheres que se trata então, mas da função legal atribuída a cada sexo. De acordo com Yan Thomas,

*“(...) estamos perante uma estrutura indefinidamente reproduzível, dado que sua recondução, organizada pelo direito de filiação, assegura a reprodução da própria sociedade, instituindo homens e mulheres como pais e mães, e reitera em cada nova geração não a vida, mas a organização jurídica da vida”.*⁸⁴

O ato através do qual a sociedade se instituía só podia ser representado pelo modelo em que ela se perpetuava legalmente: tudo tinha começado e tudo recomeçava pela união do homem e da mulher, *coniunctio* ou (*coniungium*, ou, *congressio*) *maris et feminae*. A divisão e o encontro dos sexos na sua legitimidade pertencia à ordem do fundamento. Segundo Thomas:

*“Este é, de resto, o cerne do equívoco que separa os juristas dos historiadores ou dos sociólogos: é que para estes últimos, a idéia de fundamento do vínculo social, relegada para a esfera ideológica ou mitológica, só tem um alcance simbólico – enquanto se considerarmos o funcionamento real dos aparelhos jurídicos vemos que a revocação da norma fundadora assegura a renovação de uma entidade social indefinidamente reprodutível”.*⁸⁵

⁸⁴ Idem, p. 129-130.

⁸⁵ Idem, p. 130.

É precisamente aqui que a conjunção dos sexos entra em jogo com as duas ordens complementares, a da origem e a da evolução natural das instituições. Vemos freqüentemente os Romanos da época clássica começarem por remontar até o advento do vínculo social, como já os seus longínquos antepassados o haviam feito com os mitos, para solenizar, para tornar jurídica, para dar valor de instituição humana fundamental à união do homem e da mulher. Segundo Thomas, Cícero associava todo o desenvolvimento social a esse momento primordial da conjunção dos sexos. Era esta união que produzia em primeiro lugar, a descendência prolongada por várias gerações, até a primeira cisão das unidades constituídas em torno do casal originário; era ela em seguida, que os círculos progressivamente alargados, multiplicava as relações da sociedade através da aliança e da cidadania.⁸⁶

Para os juristas do império, o encontro dos sexos comandava todo o encadeamento institucional; nele o direito civil reuniu-se ao direito natural, dado que da existência das espécies vivas derivava “*a união do macho e da fêmea a que nós os juristas, chamamos casamento*”.⁸⁷ Segundo ainda Thomas, quando o jurista Modestino, pela mesma época tentava formular uma definição do casamento, começava por remeter para a *coniunctio maris et feminae* que subordinava todas as uniões particulares à universalidade do encontro dos dois géneros e fundamentava a legalidade do seu próprio acontecimento na instituição original que elas reproduziam no tempo.⁸⁸

⁸⁶ Idem, ibidem.

⁸⁷ ULPIANO, *Instituta*. Apud: THOMAS, op. Cit. p. 130.

⁸⁸ Idem, ibidem.

No entanto se o acordo carnal estava efetivamente no princípio da constituição do casamento, a sua realização não era essencial para a existência do casamento, uma vez este contraído, não era importante para os esposos que eles tivessem realizado fisicamente a sua ligação. Entretanto se esta união legítima assegurava, além da sua realidade concreta, a mesma função que aquela de que estavam investidos o homem e a mulher unidos, é porque, no dispositivo jurídico, a sexualidade era de imediato convertida em normas estatutárias. A divisão obrigatória dos sexos era abstratamente posta ao serviço de uma definição legal dos papéis, num sistema de organização que não deixava espaço para acasos biológicos e pressupunha verdadeiros, sem ter de os verificar, os fatos e os atos da natureza física aos quais se tinha sobreposto a natureza jurídica.⁸⁹

A natureza jurídica do homem e da mulher unidos realizava-se através dos seus títulos respectivos de pai e de mãe; ou seja, na designação que comporta toda uma série de caracteres estatutários de *paterfamilias* para o homem e *materfamilias* ou de *matrona* para a mulher. Ainda que se trate de qualificações jurídicas relativamente autônomas em comparação com as situações reais que refletem, e ainda que nem sempre haja uma adequação exata entre a paternidade e a sua designação, entre a maternidade e seu título, isto é consequência do fato de ser possível, em certos casos, chamar *pater* e *mater* a homens e mulheres sem filhos; e também do fato de inversamente, nem todos os pais com filhos, mesmo legítimos terem o estatuto de pai. No entanto as mulheres, ao contrário, dos homens, para merecerem o seu título de “mãe de família” deveriam poder dar filhos legítimos aos seus maridos. Vemos assim aparecer de um lado e de outro da linha de

⁸⁹ Idem, p.132.

separação dos sexos, certas correspondências e certas dissimetrias. Correspondência das ficções, em primeiro lugar, visto que os cidadãos designados por *pater* ou por *materfamilias* não eram necessariamente os pais de uma descendência que neles se originassem; mas divergência também, já que nem todos os homens que tinham filhos ou filhas legítimos eram investidos nas suas funções paternas do ponto de vista jurídico, em contrapartida todas as esposas que tivessem dado filhos ou filhas ao seu marido eram, por estatuto, reconhecidas como mães. Ganhavam, com este reconhecimento, uma honorabilidade, uma dignidade, inclusive uma majestade, através das quais se manifestava o brilho cívico, quando não político, da sua função.⁹⁰

⁹⁰ Idem, p. 132.

3.2. O CASAMENTO NO DIREITO ROMANO.

Segundo Pierre Grimal⁹¹, o casamento foi uma das instituições mais sólidas e respeitadas da *urbe romana*, conforme a opinião de alguns historiadores e poetas⁹². “*Eles enaltecem a pureza dos costumes antigos, a época em que uma viúva nunca aceitava se casar novamente, em que, com mais razão ainda, nunca se cogitava em divórcio*”; em contrapartida, lamentam o fato de haver um progressivo “afrouxamento” de um laço que no império passou a ser de extrema fragilidade, “*enquanto nos bons tempos seu respeito era considerado a mais segura garantia da grandeza romana e o mais certo sinal de uma sanidade moral a toda a prova*”.⁹³

Antes de questionarmos por que o casamento romano perdeu a sua solidez, fato muitas vezes percebido como uma das causas da decadência de Roma, vamos examinar a instituição do casamento em si.

O ato privado do casamento em si, que dizia respeito à família, à sua autoridade, às regras que ela praticava e reconhecia como suas não exigia a intervenção dos poderes públicos nem na Grécia nem em Roma. Segundo Michel Foucault⁹⁴, “*ele era na Grécia uma prática destinada a assegurar a permanência do oikos, cujos atos fundamentais e vitais marcavam, um, a transferência para o marido da tutela exercida até então pelo pai e, o outro, a entrega efetiva da esposa ao seu cônjuge*”. O casamento então

⁹¹ GRIMAL, P. “O casamento romano”. *O Amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 61.

⁹² Autor não cita quais os historiadores e poetas.

⁹³ Idem, *ibidem*.

⁹⁴ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III. O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 79.

constituía uma transição privada, um negócio realizado entre dois chefes de família, o pai da moça e o futuro marido. Esse “negócio” privado era sem ligação com a organização política e social.⁹⁵ E como dito anteriormente, visava a procriação, prolongando a descendência e o nome da família além de assegurar o lugar de cidadão ao descendente.

Em Roma, pode-se constatar uma evolução, pois um conjunto de medidas legislativas marca progressivamente o domínio da autoridade pública sobre a instituição matrimonial. No entanto, por volta do século I a.C., o casamento não era direito comum a todos os homens e mulheres. De acordo com Paul Veyne⁹⁶, aos escravos, não era permitida a instituição privada do casamento, e como tal permanecerá até o século III d.C. Com relação aos homens livres, alguns nasceram livres das justas núpcias de um cidadão ou cidadã; outros são bastardos nascidos de uma cidadã, e outros ainda nasceram escravos, mas foram libertados e todos podem recorrer à instituição do casamento. Porém, o casamento romano, é um ato privado, um ato que nenhum poder público deve sancionar:

*“(...) ninguém passa diante do equivalente de um juiz ou de um padre; é um ato não escrito (não existe contrato de casamento, mas apenas um contrato de dote... supondo que a prometida possua um dote) e até informal: nenhum gesto simbólico, (...) era obrigatório (...)”.*⁹⁷

Em suma, o casamento era um fato privado, como entre nós o noivado. No caso de saber se um homem e uma mulher eram legitimamente casados, e na falta de gesto

⁹⁵ Idem, p. 80.

⁹⁶ VEYNE, Paul. “O casamento” In: ARIÈS, P. & DUBY, G. *História da Vida Privada: Do Império Romano ao ano mil*. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1985, p. 45.

⁹⁷ Idem, ibidem.

ou escritos formais, um juiz decidia pelos indícios, como um tribunal para estabelecer um fato. Os indícios poderiam ser, por exemplo, uma constituição de dote, ou gestos que provavam a intenção de ser esposo: o suposto marido sempre qualificava de esposa a mulher com quem vivia; ou ainda testemunhas podiam atestar que haviam assistido a uma pequena cerimônia de caráter nupcial. Era fundamental determinar se os cônjuges estavam unidos em justas núpcias, pois o casamento, instituição privada não escrita e até solene, era uma situação de fato que criava efeitos de direito: os filhos de tais núpcias eram legítimos; tomam o nome do pai e continuam a linhagem. Com a morte do pai sucedem-no na propriedade do matrimônio. Quanto ao divórcio, do ponto de vista do direito, é tão fácil para a mulher quanto para o marido, e tão informal quanto o casamento. Basta que o marido ou a mulher se afaste com a intenção de se divorciar. E de acordo ainda com Paul Veyne, não era estritamente necessário prevenir o ex-cônjuge, caso a mulher tomasse a iniciativa do divórcio ou fosse repudiada, deixaria o lar conjugal levando seu dote caso o tenha. Em contrapartida, se tivessem filhos, na maior parte das vezes ficariam com o pai.⁹⁸

Com o domínio da autoridade pública sobre a instituição matrimonial, percebe-se grande quantidade de mudanças. A lei de *adulteris* é uma manifestação dessas mudanças, pois ao condenar por adultério uma mulher casada que mantém relações com outro homem, e o homem que mantém relações com uma mulher casada⁹⁹, não propõe nada de novo sobre a qualificação dos fatos. Ela retoma exatamente os esquemas tradicionais da

⁹⁸ Idem, p. 46.

⁹⁹ (e não o homem casado que mantivesse relações com uma mulher não casada)

apreciação ética; ela se limita a transferir para o poder público uma sanção que até então incumbia à autoridade familiar.¹⁰⁰

De acordo com Michel Foucault, essa “publicização” progressiva do casamento acompanha muitas outras transformações das quais ela ao mesmo tempo é efeito e serve de elemento de ligação e de instrumento. Parece que a prática do casamento ou do concubinato regular, na medida em que os documentos permitem julgá-la, foi generalizada ou, pelo menos difundida em camadas, as mais importantes da população. Em sua forma antiga, o casamento só tinha interesse e razão de ser na medida em que, mesmo sendo um ato privado, ele continha efeitos de direito ou pelo menos de status: transmissão do nome, constituição de herdeiros, organização de um sistema de alianças, junção de fortunas. O que só tinha sentido para aqueles que podiam desenvolver estratégias em tais domínios.¹⁰¹ Porém, esta prática pode ser questionada na medida em que pode ser percebida a existência de relações extramatrimoniais que poderiam ter como frutos filhos ilegítimos.¹⁰²

Os imperativos econômico-políticos que comandavam o casamento (tornando-os, em certos casos, necessário e, em outros, inútil) perderam uma parte de sua importância quando, nas classes privilegiadas, o *status* e a fortuna passaram a depender mais da proximidade do príncipe, da “carreira” civil ou militar, do sucesso nos “negócios”, do que somente da aliança entre grupos familiares. Menos sobrecarregado de estratégias

¹⁰⁰ FOUCAULT, op. Cit. p. 80.

¹⁰¹ Idem, p. 81.

¹⁰² Ovídio, em sua obra ensina como se deve fazer para enganar os maridos sem que estes percebam: “*Mas já que sem usardes da esposa a sagrada faixa, sois casadas e quereis enganar vossos maridos, que a mão de um escravo (...) seja a discreta mensageira das tabuinhas de cera*”.(III 483-485).

diversas, o casamento torna-se mais “livre”: livre na escolha da esposa, na decisão de casar-se e nas razões pessoais de fazê-lo. Também é provável, de acordo com Foucault, que nas classes menos favorecidas, o casamento tenha-se tornado uma forma de vínculo que retirava seu valor de fato de estabelecer e sustentar fortes relações pessoais, implicando no compartilhar da vida, na ajuda mútua e no apoio moral.¹⁰³ É possível perceber, que Ovídio é favorável a este tipo de relação.¹⁰⁴

Já em um outro estudo sobre o casamento romano, segundo Pierre Grimal, é possível atestar nas obras jurídicas, no que diz respeito ao casamento, a importância atribuída a um ato do qual se esperava em primeiro lugar a sobrevivência e também a estabilidade do estado. Entretanto, a concepção romana de casamento tem má reputação. Criticam-no por haver consagrado a dependência da mulher, que o marido procurava manter em total escravidão, negando-lhe autonomia, privando-a de qualquer tipo de vida exterior ao lar, proibindo-a de gerir e até de possuir fortuna pessoal e relegando-a aos afazeres domésticos. Contudo, quando não nos contentamos com esses juízos sumários, percebemos que a realidade era muito diferente e que logo no início o casamento romano se revela sob cores menos sombrias – a ponto de aparecer como uma das instituições mais flexíveis, mais sutis, mais humanas que os juristas já conseguiram imaginar.¹⁰⁵

¹⁰³ Idem, p. 81-82.

¹⁰⁴ OVÍDIO, (II, 165).

¹⁰⁵ GRIMAL, op. cit. P. 62.

A condição jurídica *in manu*¹⁰⁶ – não era exclusividade da mulher casada. Nesse aspecto o filho se encontrava na mesma situação, pois a autoridade pertencia unicamente a alguns chefes de família, verdadeiros senhores que eles representavam no “Conselho dos Pais”: a urbe então só reconhecia estes “Pais”; ninguém, exceto eles, tinha de fato personalidade jurídica. O direito não podia reconhecer a situação da esposa dentro da família: de acordo com Grimal, esse era um campo em que por princípio as normas legais não deviam interferir, e pouco a pouco, o direito conseguiu penetrar no interior do clã e por fim limitar de modo muito efetivo as conseqüências da situação reservada de início à esposa. De fato essa evolução nunca teria ocorrido se os costumes e a opinião pública não a impusessem.¹⁰⁷

Porém, de acordo ainda com Grimal, as lendas de Roma nos advertiram: “a idéia que tendem a nos sugerir sobre a condição e o papel da mulher é muito menos sombrio que aquela que se pretende deduzir do direito”. Pelo menos no mundo ideal da lenda, vemos que a mulher é respeitada, até venerada, que era poupada dos trabalhos servis e que reinava no lar como senhora quase absoluta¹⁰⁸. Por outro lado à análise das crenças e dos ritos relativos à vida amorosa e sexual¹⁰⁹, ainda que rápida, mostra que os romanos sempre se preocuparam em proteger suas companheiras das paixões, em mantê-las a salvo dos “gênios maldosos” que pudessem comprometer a estabilidade da união conjugal. É

¹⁰⁶ O estado de dependência legal, a incapacidade de ter uma personalidade civil autônoma.

¹⁰⁷ GRIMAL, op. cit. p. 62.

¹⁰⁸ Sobre as lendas em torno da mulher, consultar o capítulo “Amores dos primeiros tempos” In *O amor em Roma*, op. Cit. p. 13.

¹⁰⁹ Sobre esta análise das crenças relativas à vida amorosa e sexual das mulheres ver capítulo “O amor e o sagrado”, GRIMAL, op. Cit. p. 39.

como se a religião romana, sensível à lei universal da vida, quisesse assegurar aos cônjuges a bênção das divindades que presidiam a fecundidade da natureza e, ao mesmo tempo, poupa-los dos caprichos anárquicos que lhes eram habituais.¹¹⁰

Ao serem obrigados a definir o casamento, os juristas imaginaram uma fórmula que situa a instituição em seu lugar. Esta fórmula foi encontrada no *Digesto*, atribuída a Modestino, que viveu no início do século III. d.C. “O casamento é a comunhão do direito divino e humano,”¹¹¹ “O casamento é a união total de toda a vida”¹¹². De acordo com Grimal, a primeira definição parece mais exata que a segunda, pois o casamento subsistia mesmo que uma causa exterior separasse maritalmente os cônjuges. Assim, a julgar pelos juristas, o casamento era uma associação total concluída entre dois seres em sua realidade divina e humana. Para existir casamento era preciso que marido e mulher tivessem o mesmo nível, o mesmo valor aos olhos dos deuses e dos homens. As relações carnis que a urbe exigia deles¹¹³ não bastavam para constituir o matrimônio. A procriação era apenas o corolário dessa comunhão total dos cônjuges, e com o casamento começava uma *societas*, uma associação que ultrapassava cada um dos cônjuges, tanto por suas conseqüências como por sua própria natureza. Assim como a *urbe* é uma realidade de natureza diferente daquela dos cidadãos que a compõem, o casal é por si só um novo *ser*¹¹⁴.

¹¹⁰ Idem, p. 63.

¹¹¹ MODESTINO, *Digesto*, XXIII, 2,1,1. Apud. GRIMAL, op. Cit. 64.

¹¹² Idem, XXIV, 1,1,32, par. 13. Apud. Ibidem.

¹¹³ Pois o casamento se realizava “para gerar filhos”, como lembram os censores em cada recenseamento da população.

¹¹⁴ GRIMAL, op. Cit. p. 64.

Esse caráter do matrimônio romano, que considera o casal como uma realidade em si, de certo modo transcendente, aparece claramente na condição de um par sacerdotal, o do *flamen* e da *flaminica*. O flaminato era um sacerdócio antigo que só poderia ser exercido por um patricio casado. Seja qual for a origem da instituição, que remonta talvez ao componente “ariano” da urbe romana¹¹⁵, é evidente que ela conservava características bem arcaicas. Cercado de numerosas proibições, o flâmine devia conservar uma perfeita pureza ritual. Por exemplo, não podia pronunciar qualquer juramento nem ter qualquer tipo de laço que pudesse “restringir” sua força mágica. Sua mulher devia manter a mesma pureza. No caso de morte da esposa, o flâmine deveria imediatamente se demitir de suas funções. Para os romanos o casamento do *flamen* e da *flaminica* era exemplar, feliz, tinha na *urbe* valor de presságio e por ele “magicamente” se moldavam outros casais.¹¹⁶

¹¹⁵ Segundo a hipótese de G. DEMÉZIL, *Flamen-Brahman*, Paris, 1935.

¹¹⁶ GRIMAL, op. Cit. p. 66.

3.3. A RELAÇÃO CONJUGAL.

Vimos anteriormente, que tradicionalmente o vínculo entre o ato sexual e o casamento se estabelecia a partir e em função da necessidade de ter uma descendência. Esse fim procriador figurava dentre as razões para se casar, era ele que tornava necessárias às relações sexuais no casamento, sua ausência, aliás, podia dissolver a união conjugal; era para ter em conta as melhores condições possíveis de procriação que se faziam às pessoas casadas, certas recomendações sobre a maneira de realizar o ato conjugal. Era também para evitar os inconvenientes das descendências ilegítimas que se fazia objeção às ligações extramatrimoniais. Nos textos clássicos, a síntese do vínculo matrimonial com a relação sexual era admitida pela razão maior da procriação; e que para os homens, pelo menos, não seria a própria natureza dos atos sexuais, nem a essência do próprio casamento, que implicaria que só houvesse prazer na conjugalidade. Com a exceção da questão dos nascimentos ilegítimos, não havia razão para pedir a um homem, mesmo casado, que reservasse todos os seus prazeres sexuais para a própria mulher e somente para ela. Ovídio vem comprovar esta teoria ao indicar a maneira com que os homens e mulheres discutem no casamento, razão que tem sempre o dote como motivo, no entanto a amante é necessário que se dirijam apenas palavras carinhosas:

“Aceitemos as velhas discussões que afastam o marido da mulher e a mulher separam do marido e fazem crer que estão sempre em litígio. Essas lutas que têm por motivo o dote da mulher são próprias dos casados. Mas só deve escutar a tua amante as palavras que de ti deseja ouvir”.(II, 152-156)

De acordo com Michel Foucault, na moral do casamento rigoroso que vemos formular-se nos primeiros séculos de nossa era é fácil constatar aquilo que ele chama de uma “conjugalização” das relações sexuais – uma conjugalização ao mesmo tempo direta e recíproca. Direta: é a natureza da relação sexual que deve excluir que se recorra a ela fora do casamento. Recíproca, pois é a natureza do casamento e do vínculo que se forma entre os esposos que deve excluir os prazeres sexuais que se poderia encontrar alhures. *“O estado de casamento e atividade sexual devem chegar a coincidir: e isso de pleno direito, mais do que somente pelo objetivo de uma descendência legítima”*. Essa coincidência de acordo com Foucault se manifesta na elaboração de dois princípios: por um lado, em função daquilo que o prazer sexual é, ele não admitido fora do casamento, o que implica praticamente que ele nem mesmo deveria ser tolerado num indivíduo não casado; por outro lado, a conjugalidade liga de uma tal maneira que a esposa corre o risco de ferir-se não simplesmente pela perda de seu *status*, mas sim pelo fato de que seu marido possa obter prazer com outras e não com ela. Porém, Ovídio mostra-se favorável a satisfação sexual do casal como recíproca: *“Nasça o prazer naturalmente e não duma artificial provocação. Para que jorre a fonte do prazer é necessário que o homem e a mulher igualmente o partilhem”*. (II, 680-682) Sem dúvida é raro formular o princípio de que toda a relação sexual é repreensível se não encontra lugar numa relação de casamento que a torne legítima. Desde que guarde comedimento pessoal e respeito aos costumes, às leis e ao direito dos outros, um homem solteiro pode muito bem obter seu prazer como o quiser; e seria bem difícil, mesmo nesta moral austera, impor-lhe abstenção absoluta desse prazer enquanto não contrair um casamento.¹¹⁷

¹¹⁷ FOUCAULT, op. Cit. p. 168.

3.4. O ADULTÉRIO E O CONCUBINATO.

As leis de Augusto sobre o casamento teriam limitado fortemente a escolha dos esposos para evitar a perda da nobreza. É assim que pode ser explicada a extensão do concubinato sob o Alto Império. As uniões legítimas proibidas aos filhos de senadores (homens ou mulheres) são as seguintes: uniões com escravos, libertos, prostitutas, proxenetas e seus libertos, atores, atrizes e filhos de pessoas ligadas ao teatro, pessoas condenadas por julgamento público, e em particular os condenados por adultério. Em um mundo no qual o pai escolhia o esposo ou esposa para o primeiro casamento dos filhos, havia toda a sociedade de rapazes e moças nascidos livres e de costumes “honestos”, entre os quais certamente muitas famílias de nível desigual. Portanto, não é unicamente para evitar as uniões ilegais que Augusto acreditou ter de intervir mediante uma lei tão severa. Os homens livres que não eram senadores viram proibidas mais ou menos, as mesmas uniões, mas entre as libertas, eram-lhes proibidas apenas as libertas de proxenetas.¹¹⁸

Os plenos efeitos do casamento legítimo, do que era chamado de justas núpcias, são essenciais em dois domínios evidentemente ligados: Augusto pela mesma lei, obrigava todo herdeiro, para receber legado ou sucessão, a ser casado desse modo e a ser pai. Por outro lado, todo filho nascido fora das condições do casamento legítimo não tinha laço algum com a família de seu pai ou com seu pai. Portanto, o mais simples – em face da lei Júlia sobre os casamentos e depois da lei Pápia Popéia – era esposar em justas núpcias

¹¹⁸ ROUSSELE, Aline. *Pornéia. Sexualidade e Amor no mundo Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 95-96.

uma “filha de família” livre e “honrada”; e, portanto, de lhe fazer um dote antes do casamento, conforme os costumes, já que nenhuma doação é válida entre esposos no direito romano; e de receber um dote proveniente do patrimônio do pai da noiva.¹¹⁹

Com relação à presença da paixão amorosa e da volúpia física no casamento, há um princípio, a saber: não se deve tratar a própria esposa como amante. A decência conjugal é tão importante quanto o casamento é considerado o único lugar lícito para os prazeres do sexo. Plutarco já dizia que:

“(...) iniciando a própria mulher em prazeres demasiado intensos, corre-se o risco de lhe dar lições de que ela fará mau uso, e o marido poderá arrepender-se de tê-la ensinado. É necessário que encontrem um caminho mediano entre uma austeridade excessiva e uma conduta demasiado próxima dos devassos, e que o marido tenha sempre em mente que não se pode ter relação com a mesma mulher ao mesmo tempo como esposa e como amante.”¹²⁰

“Comportar-se muito ardentemente com a própria mulher é tratá-la como adúltera”.¹²¹ Os estóicos formularam este tema, e para compreendê-lo é preciso lembrar-se que para eles, o princípio natural e racional do casamento o destina a ligar duas exigências, a produzir uma descendência, a ser útil para a cidade e a beneficiar o gênero humano na sua totalidade; buscar no casamento, prioritariamente, sensações de prazer seria infringir a lei, reverter à ordem dos fins e transgredir o princípio que deve unir, num casal, um homem e

¹¹⁹ Idem, p. 96.

¹²⁰ PLUTARCO, *Préceptes conjugaux* 47, 144 f-145 a. APUD FOUCAULT, op. Cit. p.178.

¹²¹ SÊNECA, *Fragments*, p. 85. APUD, FOUCAULT, op. cit. p. 178.

uma mulher.¹²² Como Ovídio pregava o amor recíproco, este pode ser um dos motivos pelo qual o poeta foi mau visto na casa imperial.¹²³

Legalmente cada romano tinha apenas uma esposa. Esse princípio nunca foi questionado. No entanto nem a leis, nem os costumes jamais se preocuparam em obrigar ou incitar os maridos à fidelidade; os amores passageiros, nascidos e mortos fora dos ritos, continuavam sendo permitidos enquanto não ferissem a honra de uma mulher casada ou de uma “moça de família”. Um discurso de Catão dizia:

*“Se surpreendesses tua mulher em adultério, o poderias mata-la sem julgamento e impunemente; mas se cometesses adultério (...) ela não ousaria tocar-te nem com a ponta do dedo, e, aliás, não teria tal direito”.*¹²⁴

No entanto, de acordo com Grimal, não era a liberdade amorosa da mulher que estas reivindicavam. Os papéis que algumas mulheres desempenhavam, dispunham de liberdade e não tinham que prestar contas a ninguém: as escravas, as libertas, as prostitutas, dançarinas, atrizes e todas as mulheres mencionadas anteriormente às quais eram proibidas para o casamento. Elas já não eram consideradas dignas de “ser mães” e isto as tornavam indiferentes perante a moral e o direito. Não podendo realizar uniões legítimas não poderiam tornar-se culpadas de adultério.

¹²² FOUCAULT, op. Cit. P. 178.

¹²³ OVÍDIO, II, 680-682, como já citado.

¹²⁴ CATÃO. *Discurso De Dote*. Fr. 218. APUD: GRIMAL, op. cit. p. 117.

Sabe-se que o adultério era juridicamente condenado e moralmente reprovado a título da injustiça que era feita por um homem àquele cuja mulher ele desencaminhava. O que constituía o adultério, numa relação sexual fora do casamento, era o fato de a mulher ser casada; por parte do homem, o eventual estado de casado não deveria intervir, ou seja, de acordo com Foucault, o engano e o dano constituíam problema entre os dois homens, o que se apoderava da mulher e o que tinha os direitos legítimos.¹²⁵

Contudo, enquanto as viúvas ou moças de família não podiam se comportar mal sem correr o risco de ser acusadas de *stuprum* era a mácula provocada por relações carnis ilegítimas, que “maculavam o sangue” de quem se submetesse, voluntariamente ou não, a amores nos quais desempenhasse um papel passivo. Uma mulher honrada que conhecesse homem fora das justas bodas seria para sempre incapaz de se tornar esposa e assumir tais responsabilidades. Uma mulher “sem honra”, atingida de antemão pela mesma capacidade, não tinha razão nenhuma para limitar sua liberdade.¹²⁶

Falando em liberdade, vamos ver quais são as liberdades sexuais do homem na Roma clássica. Com relação à sua própria esposa, ele não é obrigado a nenhuma fidelidade. Todavia, se ele a acusar de adultério, seus próprios costumes serão examinados pelo juiz, “*pois seria demasiadamente iniquo que um marido exigisse de sua esposa um pudor de que ele mesmo não dá provas*”.¹²⁷ De acordo com Aline Rousselle, é de fora, portanto, que podem lhe advir coerções jurídicas no domínio sexual. Três crimes são

¹²⁵ FOUCAULT, op. cit. p. 171.

¹²⁶ GRIMAL, op. Cit. p. 118.

¹²⁷ ULPIANO, D, 48, 5, 14. APUD. ROUSSELLE, op. cit. p. 96-97.

definidos pela lei. Além do incesto, o estupro e o adultério colocam o homem em risco de perder sua posição na família e na sociedade. Mais difundido que em nossos dias, o incesto é perseguido quer se trate de casamento ou qualquer relação fora do casamento, a não ser em caso de separação tão logo se tenha conhecimento de uma ligação de parentesco até então desconhecida. A lei indica que todo homem que tem relações com um rapaz, uma filha de família ou uma viúva é culpado de estupro. No caso de relações sexuais com uma filha de família, com uma virgem, o homem e a moça são punidos, a não ser que seja demonstrado tratar-se de violação; e a punição é a perda da metade dos bens. As viúvas, que conservam a qualidade de *mater familias*, são ainda interditas sob pena de estupro. Citando Modestino, Rousselle acrescenta que um homem não pode ter relações com uma mulher livre, fora do casamento ou do concubinato, sem se expor às penas que incidem sobre o estupro. A expressão “mulher livre” inclui a mulher divorciada ou repudiada e esta também conserva sua qualidade e sua honra de *mater familias*.¹²⁸

O homem que se aproxima da mulher de outro é também ele adúltero, assim como a mulher é adúltera em relação a seu marido. Mesmo a concubina de um outro homem é proibida, sob pena de adultério em certos casos.¹²⁹ Portanto, as mulheres com as quais um romano pode ter relações sexuais passageiras sem incorrer na pena do estupro ou do adultério são as escravas, as prostitutas e atrizes, os proxenetas e suas libertas e as mulheres condenadas por adultério.⁷ Em todos os outros casos o romano não pode ter relações sexuais com uma mulher livre, a não ser pedindo-lhe que se case com ele ou se torne sua concubina. De acordo com Rousselle, se um homem toma como esposa uma

¹²⁸ ROUSSELLE, op. Cit. p. 97.

¹²⁹ Para saber quais casos especificamente, ver Rousselle, op. Cit. p. 98 – 100.

mulher que evidencia ter tido relações passageiras, poderá acusa-la de adultério se souber que tem amantes: por causa do casamento, ela é considerada como matrona obrigada à fidelidade. Mas, se o marido morrer, mesmo viúva, ela não cometerá estupro: reencontrará uma condição que deveria ter sido a sua antes do casamento.¹³⁰

Agora, no que diz respeito à mulher romana, matrona, se ela se separar do marido e se instalar numa casa própria, continua presa à obrigação da fidelidade; se o marido descobrir um amante na casa dela pode mata-lo impunemente, e de qualquer modo pode acusa-lo de adultério. Mesmo vivendo em domicílios separados, os esposos são considerados pela lei como casados, sendo-lhes proibidas as doações entre vivos. Portanto, a lei chama a atenção mais para a natureza da nova relação sexual da mulher, do que para a separação, da qual em geral, nenhuma prova formal pode ser dada. No entanto, a lei especifica que quem repudiou sua mulher não poderá acusa-la de adultério se ela se casar de novo. Mas, mesmo que ele possa provar que o libelo de repúdio não foi enviado, não se considerará o segundo marido como adultério. Em suma, a prova da dissolução do primeiro casamento é fornecida pelo segundo.¹³¹

Portanto, o romano – sem risco de acusação perante os tribunais públicos - só pode ter relações passageiras com escravas, atrizes, prostitutas e algumas concubinas

¹³⁰ ROUSSELLE, op. Cit. p.100.

¹³¹ Idem , p. 101. Aline Rousselle, explica que os testemunhos de dúvidas sobre a separação devem afastar a idéia de que o texto do *Digesto* que obriga a apresentar o libelo de repúdio perante sete testemunhas fosse obrigatório em todos os casos de repúdio, a partir da lei de Augusto. Mas, com razão, ele conserva para a legislação do século I essa forma com testemunhas, sem poder apresentar solução dotada de credibilidade para a coexistência entre divórcio não formal e o repúdio através do libelo.

alheias (as privadas do direito de matronas). Um homem e uma mulher que quisessem ter uma ligação sem ter em vista uma afeição mais duradoura, fora desses casos, têm de se casar ou de manifestar a seriedade de um concubinato que implique a fidelidade da mulher e a coabitação. Sem essa garantia de duração representada pelo casamento ou pelo concubinato, o homem que tem uma relação com uma mulher casada ou com uma concubina se expõe tanto à vingança do pai dessa mulher como a uma acusação feita perante os tribunais públicos por qualquer pessoa que não seja escravo, já que Augusto transformou o adultério num crime público.¹³²

A lei de Augusto sobre os adultérios é anterior de mais de vinte anos às leis sobre o casamento. Como dissemos anteriormente, há poucas restrições ao casamento em Roma. O que a lei Júlia sobre os adultérios pretende impedir é a união passageira; e isso unicamente para as mulheres livres chamadas de honestas, filhas de família, *matres familias*, esposas, viúvas ou divorciadas. A lei pretende, evitar que um adultério fique sem punição. Ela começa por castigar os que deviam denunciar os amantes e não o fizeram. O pai da amante, por exemplo, só é suspeito se o adultério houver sido cometido sob seu teto, ou se ele surpreender o casal na casa de seu genro. Nesse caso ele tem inclusive o direito de matar o amante da filha, contanto que mate também a própria filha ou que prove a intenção de mata-la através de fortes golpes ou de perseguição. Neste caso ele não está submetido às leis de homicídio. Mas se ele não tentar matar a filha, não poderá matar o amante; deve nesse caso fazer uma acusação pública nos dois meses seguintes à constatação do adultério. O marido pode matar o amante, mas não a sua mulher.¹³³

¹³² Idem, p. 103.

¹³³ Idem, p. 104.

Portanto, não é apenas em face da lei moral que o adultério é uma falta grave, mas diante da lei penal: qualquer pessoa que tiver favorecido um adultério, sofre a mesma condenação de adultério. Mas de acordo com Aline Rousselle, o conjunto da legislação parece feito essencialmente para impedir os maridos de aceitarem a liberdade sexual de suas esposas, liberdade que seria o equivalente da deles, ou mesmo de conservar uma esposa após uma infidelidade bastante efêmera. Então é para o marido que o processo é mais coercitivo em suas especificações. Ele deve, antes de tudo, repudiar a mulher a partir do instante em que tem dúvidas sobre um possível adultério. É esse o único caso de repúdio obrigatório; e, portanto, é preciso que se possa provar acusação diante de um tribunal, com um risco penal muito grave.

3.5. A CONDIÇÃO DAS MULHERES NO CASAMENTO E CONCUBINATO.

A mulher, na Roma Clássica é dada em casamento, ou concubinato, ainda quando criança. Dadas aos doze anos, com seu consentimento, a homens sempre mais velhos, essas meninas são consideradas como responsáveis por seus atos. Este direito aplica-se à pequena concubina e a pequena esposa. Elas são consideradas concubinas ou esposas com 12 anos de idade, apesar de serem entregues mais cedo. Ao acusar de adultério a mulher ou concubina com menos de doze anos, os homens são obrigados a acusar a própria mulher, se quiserem acusar o amante. De acordo com Rousselle,

“(...) A questão seriamente colocada, (...) incide sobre o procedimento e não sobre a responsabilidade da mulher. Ela é culpada, e não há sobre isso a menor hesitação: não se coloca esta questão. Talvez sejam esses os casos em que a mulher acusada não é condenada. Somente o amante é julgado culpado. São também os casos em que o cônjuge volta para sua mulher e se casa de novo: ele não poderia acusar o amante sem acusar também sua própria pessoa. (...)”¹³⁴

Se a culpabilidade, e a responsabilidade dessas meninas não é objeto de dúvida, o mesmo ocorre com a de um amante menor. Desta forma, toda a aproximação entre adolescentes na casa do senhor é proibida e reprimida pela lei. A maioridade penal, em caso de adultério, começa para a moça com o noivado; para o rapaz, com a puberdade.

¹³⁴ Idem, p. 111.

Se os textos antigos evidenciam a existência de concubinas de menos de doze anos, bem como o fato de que certas mulheres¹³⁵ começam sua vida sexual pelo concubinato, a norma parecia ser, para a jovem romana, o casamento. De acordo ainda com Rousselle, “o raciocínio jurídico mascara as situações reais, pois não há uma romana casada, concubina, viúva ou divorciada”.¹³⁶ Uma só romana pode ter sido todas estas mulheres em sua vida. Pode ter vivido todas estas situações sucessivamente. Ela poderia ter-se casado aos doze anos, algum tempo depois ficou viúva, casa-se novamente, servindo aos interesses políticos do pai, depois aceita um divórcio no qual retoma seus bens, e torna-se concubina. Com todas estas informações, e as obtidas sobre a liberdade do homem, vemos em que lugar se situa a liberdade da mulher; mas que liberdade se ela não pode escolher o seu parceiro? Mas ao mesmo tempo, as mulheres que são consideradas livres, as prostitutas, por exemplo, também são entregues a homens pelo empresário da prostituição. Outro exemplo é o das mulheres livres, que facilitam encontros em sua casa, fazem (para evitar a acusação de estupro ou de adultério) uma declaração oficial de que são prostitutas ou atrizes para terem segurança perante a lei.

No entanto não é esse o caminho seguido para a mulher livre em Roma. A acusação de estupro pesa sobre ela a partir do momento em que tem uma relação heterossexual fora do casamento ou do concubinato.¹³⁷ Portanto é no casamento ou no concubinato que ela pode buscar a satisfação. Se o seu primeiro casamento não foi considerado feliz, ela pode se divorciar. Se ambos estão de acordo, a separação é simples,

¹³⁵ Estas mulheres, possivelmente são libertas.

¹³⁶ Idem, p. 112.

¹³⁷ A homossexualidade feminina não é evocada pelo direito.

porém se o marido a repudia sem motivo, pode ser sancionado a retenção do dote e a restituição pela mulher da doação pré-nupcial. Esta restituição geralmente está prevista nos contratos matrimoniais, caso não esteja, o marido pode pretender uma restituição ampliada pela eventual mais-valia obtida pelos bens entre o casamento e a separação.¹³⁸

Segundo Rousselle, a esposa não pode usar contra o marido, o argumento do adultério, mesmo que ele seja realmente adúltero perante a lei. Não por ser infiel à sua esposa, mas por ser amante de uma mulher casada: uma mulher em Roma não pode promover ação na justiça em casos de adultério.¹³⁹ Se a mulher perde seu dote, ela perde também o que constitui parte de sua herança, sendo ela de nível social médio. É preciso que ela tenha outras formas de obter bens para repudiar seu marido; ou que seja trabalhadora livre para poder sustentar-se. Com efeito, é necessário que ela tenha um projeto de concubinato sem dote. A liberdade de repudiar seu cônjuge é muito mais difícil para a mulher do que para o homem. Uma mulher que não seja maltratada por seu marido – no sentido de sofrer violência física – não dispõe de motivos para o repúdio. O marido pode ter relações passageiras ou duradouras com escravas, prostitutas,¹⁴⁰ ou não ter nenhuma relação e consagrar-se à continência, ou ainda ter várias concubinas; nada disso dará condições à sua esposa para pedir um repúdio unilateral.

No entanto, é preciso levar em conta, que a segunda união, não produz os mesmos efeitos para o homem e para a mulher. Se uma mulher tiver uma relação sexual

¹³⁸ Idem, p. 113.

¹³⁹ Idem, ibidem.

¹⁴⁰ Mulheres sobre as quais não se comete estupro.

com outro homem que não seja seu marido, quando ainda se encontra sob seu teto, é uma adúltera. Se ela se instala durante muito tempo no domicílio de outro, temos um casamento ou concubinato, e seu primeiro vínculo matrimonial se extingue. No caso do homem, se ele abandonar o domicílio antes da mulher e casar-se de novo, é essa segunda união que é invalidada; ela é considerada pelo direito não como um adultério, mas como um concubinato. Porém é possível que o pai evite que seu genro tenha uma ou mais concubinas, isto deveria estar previsto no contrato matrimonial.¹⁴¹

Ao lado de uma esposa legítima, tomada para a união das famílias e a transmissão dos bens, o romano podia escolher uma de suas escravas, alforria-la a fim de transforma-la em concubina, uma mulher livre e honesta, da qual – ao contrário da escrava – ninguém poderia se aproximar sem cometer um crime público de estupro, reservado-a desta forma para si. E se seu apego pela liberta não durasse, ele poderia repeti-lo e autorizá-la a viver com outro homem livre ou escravo.¹⁴²

¹⁴¹ Idem, p. 115.

¹⁴² Idem, *ibidem*.

4. CAPÍTULO III: ELEGIA E FONTE.

Neste capítulo, trataremos da fonte, ou seja, o “manual de galanteio” de Ovídio, a *Ars Amatoria*. No entanto é necessário tratarmos da prostituição e também da elegia erótica romana, haja visto o fato dela estar intimamente ligada ao autor – gênero literário – e ao objeto, que é a amante, bem como nos utilizaremos de outras obras do autor, como fontes secundárias.

4.1. A PROSTITUIÇÃO.

Retornando um pouco no tempo, recordando as antigas lendas romanas, vemos que Roma deve a sua fundação a uma loba. As moedas ou as esculturas reproduziram persistentemente este símbolo: a imagem insólita do animal selvagem a amamentar Rômulo e Remo. No entanto, de acordo com Catherine Salles¹⁴³, desde a Antigüidade, os historiadores empenharam-se em racionalizar este mito para descobrir, subjacente a ele, “uma realidade muito mais trivial”:

“(...) os bebês abandonados não ficaram a dever a sua salvação ao leite de uma loba compassiva, mas sim à caridade de uma mulher, a quem chamavam Lupa (loça) os pastores com quem ela se prostituía – aliás, uma alcunha que, segundo os antigos, ligava a obscenidade proverbial, o cheiro e a avidez do animal às prostitutas. Seja fantasia ou não esta etimologia, a prostituta continuou a ser, para os Romanos, a ‘loba’ à

¹⁴³ SALLES, Catherine. “As Prostitutas de Roma”. In. DUBY, G. *Amor e sexualidade no Ocidente*. Lisboa: Terramar, 1991, p. 87 – 104.

*espreita da sua presa, no seu antro, o 'lupanar'".*¹⁴⁴

A partir dos fins do séc. III a.C., os romanos tiveram a tendência para fazer das cortesãs da sua cidade um “epifenómeno” da “vida à grega”, objeto de admiração e de críticas. É claro que tinham esperado, para gozar dos prazeres do amor venal, pelo século III a.C., época das guerras conduzidas na Itália do sul, que os puseram em contato com os costumes gregos. No entanto, este “viver à grega” é a descrição que alguns romanos fazem da existência dos prazeres vivida por parte da população. Em Roma, nos séculos III e II, tudo o que está em desacordo com a moral estabelecida, pelo *mos maiorum*, os costumes dos ancestrais, é imputável à influência dos gregos: roupas elegantes, refinamento dos costumes, espetáculos lânguidos e a vida galante. Na verdade há poucas diferenças entre as festas de Atenas, Corinto, Alexandria e as de Roma. Para grande parte, promover uma festa é essencialmente comer e beber em boa companhia. No entanto, de acordo com Salles, comer bem, embriagar-se e participar de orgias, são aspirações típicas de um universo em que a extrema miséria da maioria leva a conceber o prazer como a satisfação conjugada da fome e da sensualidade. Isso leva rapidamente à glotonaria, à voracidade insaciável.¹⁴⁵ Até mesmo Ovídio indica estes espetáculos e festas como lugares propícios ao encontro de divertimentos e ou amores.¹⁴⁶

Segundo Catherine Salles, a cidade de Roma não é mais um simples pano de fundo: ela desempenha o papel de fermento dos prazeres obscuros. A vida dos “prazeres à grega” é indissociável para um romano das residências do Aventino, das choupanas e das

¹⁴⁴ Idem, p. 87.

¹⁴⁵ SALLES, Catherine. *Nos Submundos da Antiguidade*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 170 – 171.

¹⁴⁶ OVÍDIO, (I, 75; 230.)

ruas mal afamadas do Subura, e das zonas do grande circo, que são povoadas por uma população de marginais lastimáveis ou inquietantes. Essa descrição não é encontrada nos textos gregos, e são muito pouco precisos na localização das festas que evocam. Em Roma, ao contrário, a maioria dos habitantes é sensível à união íntima entre lugares e pessoas.¹⁴⁷

Mesmo que se coloque de lado o exemplo mítico da “ama” de Rômulo, ha diversos episódios de desordens noturnas relatadas por Tito Lívio¹⁴⁸ e Ovídio¹⁴⁹ que atestam a existência de “bairros quentes” na cidade, desde os primeiros séculos da sua existência. Todavia, como as características da prostituição são as mesmas tanto na Grécia quanto em Roma, os romanos, a partir do século III a.C., lançaram sobre a influência grega a responsabilidade dos costumes “excêntricos”.¹⁵⁰ Como sabemos, a existência de prostitutas era desejada nas cidades da Antiguidade pelo legislador¹⁵¹, para “dar prazer” aos homens honestos, ficando os cuidados da casa e a procriação dos filhos reservados para as concubinas e as esposas legítimas.¹⁵²

Como na Grécia, as prostitutas romanas têm por função essencial a de preservar a família, evitando aos homens os perigos do adultério e proporcionando-lhes prazeres sem futuro nem conseqüências. A infidelidade prolongada de uma ligação extramarital, os perigos de violências infligidos a moças ou a crianças de nascimento livre

¹⁴⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁴⁸ LÍVIO, Tito (59 a.C. – 17 d.C.) APUD SALLES, “As prostitutas de Roma” op. Cit. P. 88.

¹⁴⁹ OVÍDIO, (I, 70-90).

¹⁵⁰ Vimos na introdução, e veremos no decorrer deste capítulo a influência grega na vida dos Romanos.

¹⁵¹ Sobre as medidas do legislador, ver Catherine Salles. *Nos submundos da Antigüidade*. op. Cit. cap. I “Três Cidades”. P. 15 – 43.

¹⁵² SALLES, “As prostitutas de Roma”, op. Cit. p. 88.

podem ser esconjurados. O legislador Sólon foi louvado por ter tomado a “medida democrática e salutar” de, no século VI a.C., instalar bordéis em Atenas para proteger a castidade das mulheres e crianças livres.¹⁵³

Assim como os Gregos, os romanos também não impuseram nenhuma proibição a quem freqüentasse as acolhedoras casas dos bairros Subura e Aventino. De acordo com Catherine Salles, em Roma, as prostitutas são oficialmente associadas, uma vez por ano, a jogos organizados em prol da salvaguarda do povo romano.¹⁵⁴ E na festa das Florálias¹⁵⁵ de abril, em que quando, no ponto máximo da cerimônia, as cortesãs da cidade desfilavam nuas interpretando mimos eróticos, e de acordo com Ovídio, “*aproveitavam a beleza da juventude em Flor*”.

No entanto, os romanos, preocupavam-se em preservar o seu patrimônio, mais que os Gregos. Embora não criticassem a satisfação dos instintos sexuais, eles viam com apreensão as grandes despesas feitas com freqüência nas casas de prazer. Censuravam sempre o jovem demasiado ardente e o velho que não passavam sem a companhia das prostitutas, e colocava desta forma em risco o patrimônio da família. Segundo Salles, a

¹⁵³ Idem, ibidem.

¹⁵⁴ Idem. P. 89.

¹⁵⁵ Flora foi uma das divindades mais antigas da Itália central, a qual presidia a floração primaveril, desde a dos cereais, até a das árvores frutíferas de todas as espécies. Era uma das doze divindades para as quais o Sabino Tito Tácio mandou erigir um altar, e tinha um templo antiqüíssimo no Quirinal. Celebravam-se em sua honra os *Ludi Florales*, ou *Floralia*, e uma festa das rosas que consistia numa corrida de rapazes e moças com flores nas mãos, para significar que o viço da juventude passa depressa. Ovídio identificou Flora com a deusa grega Clótiis. (KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 154.)

principal razão de queixa contra as cortesãs e os proxenetas é a “avidez insaciável, e a cupidez funesta em relação à fortuna dos cidadãos”. Enquanto os Gregos chamavam elegantemente suas prostitutas de *hetairas* (companheiras), os romanos às chamavam de *meretrix* (a que tira dinheiro do corpo). Em outros tempos, as prostitutas são impuras, consideradas mulheres perdidas. Em Roma, elas são “aves de rapina” ou “vampiros”.¹⁵⁶ Percebemos novamente, como a prostituição aparece mediada com a preocupação pela propriedade familiar, em que obviamente, esta preocupação afeta a moral sexual e conjugal dos romanos.

As informações de que dispomos acerca das cortesãs de Roma são, tal como no caso das Gregas, essencialmente literárias. Segundo Catherine Salles, a *meretrix* é a personagem feminina principal das comédias de Plauto e de Terêncio, representadas no século II a.C. De acordo com as regras da comédia *palliata*¹⁵⁷, ela é grega e os seus costumes são apresentados como particularmente “exóticos”, convenções que preservam a vaidade dos romanos.¹⁵⁸ As prostitutas estão presentes também nos poemas elegíacos e nos epigramas satíricos, permitindo captar melhor os traços mais propriamente latinos do fenômeno. Porém, as descobertas arqueológicas de Pompéia, bem como os seus grafites conservam a imagem da realidade vivida da prostituição, com mais realismo que os textos

¹⁵⁶ SALLES, “As prostitutas de Roma”. Op. Cit. p.89.

¹⁵⁷ Segundo Catherine Salles, em Roma, a comédia começou por ser *palliata*, ou seja, de tema grego e representado por atores vestidos com um pallium ou manto grego; depois, passou a ser togada, com tema romano e representada por atores vestidos de toga. As peças de Plauto e de Terêncio pertencem ao gênero *palliata*.

¹⁵⁸ SALLES, “As prostitutas de Roma”. Op. Cit. p. 90.

literários.¹⁵⁹

Quando Roma se tornou a capital efetiva do mundo mediterrâneo, passou a atrair naturalmente a mesma população misturada, pois muitos negociantes e publicanos drenavam para lá as riquezas dos reinos das cidades do Oriente. Na verdade os romanos não esperaram a época das grandes conquistas para ter em seu meio cortesãs “à grega”. Os mercadores de mulheres aprenderam o caminho da cidade já na época em que as legiões romanas ocuparam a Campânia e os países helenizados da Itália meridional. Se no final do século III a.C. os exércitos de Aníbal encontraram em Cápua mil oportunidades de prazer, desde muito as trocas comerciais entre Roma e as cidades do sul haviam familiarizado os romanos com os costumes fáceis que os colonos gregos levaram para a Itália. Os romanos não devem ter resistido muito, pois não viam nada de vergonhoso no amor comprado. De acordo com Grimal, Plauto proclama este amor. E a alguém que se surpreendesse por vê-lo procurar um mercador de mulheres, Plinuro (personagem de *Curculio*) responde sem rodeios:

*“Ninguém proíbe nem impede que compre ali o que está à venda em todo o mundo, desde que se tenha dinheiro. Ninguém proíbe ninguém de ocupar a via pública. Desde que não se trace uma passagem através de uma propriedade fechada, desde que não se ponha a mão numa mulher casada, numa viúva, numa virgem, em jovens e em meninos livres, que se faça amor como bem se quiser!”*¹⁶⁰

¹⁵⁹ Idem, ibidem.

¹⁶⁰ PLAUTO, *Curculio*, 23 ss. APUD. GRIMAL, op. Cit. P. 137-138.

Isso não significa que o ofício de mercador de mulheres (ou *leno*) fosse considerado honroso. Um *leno* era despojado de seus interesses civis, era “infame”. Segundo Grimal, os mercadores de moças, traficavam cargas inteiras, que segundo as variações do mercado, levavam de um lado para o outro a fim de satisfazer os aficionados. Mas também havia empresários sedentários, que se limitavam a manter em sua casa uma família feminina cujos serviços eles alugavam. Suas jovens escravas eram educadas para agradar; recebiam instrução especial e as que possuíam algum dom aprendiam a cantar, a tocar lira ou flauta, a recitar poemas. Havia escolas em que os professores lhes ensinavam música a expensas do *leno*. Alugadas pelo dono por uma noite, elas participavam dos banquetes dos jovens (ou dos menos jovens), que divertiam com seu talento e sua amável presença. Mais tarde, durante a bebedeira que geralmente se seguia às refeições, ofereciam outros prazeres. Logo essas moças de aluguel conquistavam uma clientela habitual. Faziam amizades, criavam hábitos; depois com a ajuda da coqueteira, armavam intrigas, suscitavam rivalidades.¹⁶¹

A prostituta é uma figura familiar na rua romana. Os bairros do Subura e Grande circo, como já falado anteriormente, servem de teatro às suas atividades. De acordo com Juvenal, podia-se ver nas ruelas estreitas e malcheirosas, sob os arcos dos edifícios públicos, em estreitas lojas abertas para a rua, “*a escrava nua que está em pé no bordel pestilento*”, ou “*Quione sentada ão seu alto banco*”.¹⁶² As escavações de Pompéia revelaram a presença destas lojas, que incluíam ao fundo, uma cama sobre a alvenaria, ficando separada apenas por uma cortina quando entre um cliente. Os lupanares do Subura

¹⁶¹ GRIMAL, op. Cit. p. 138.

¹⁶² JUVENAL, APUD. SALLES, “As prostitutas de Roma”, op. Cit. p. 90.

acolhem uma clientela de homens de fracos rendimentos, os habitantes dos bairros populares de Roma e os escravos que subtraem alguns monumentos à sua jornada de trabalho para virem distrair-se a troco de alguns ases. Os homens das classes abastadas da cidade não têm necessidade de se misturar com a multidão deste bairro, pois dispõe nas suas casas, de escravos – mulheres ou crianças – que lhes permitiam satisfazer seus desejos, sem atrair a atenção.¹⁶³

Porém existe uma categoria completamente diferente de prostitutas, as que, pela sua beleza ou pela habilidade do respectivo proxeneta, atingiram um padrão de vida comparável ao das mais célebres *hetairas* da história grega. Graças a grande fortuna que conseguiram arrecadar, instalaram-se por sua conta e vivem em belas casas particulares, geralmente situadas nas encostas do Aventino. Estas mulheres são muitas vezes evocadas pelos poetas elegíacos, que as transformam em tema literário. Tibulo, um destes poetas escreve:

*“Que a minha Némesis nade no luxo e que se passeie pela cidade atraindo os olhares graças aos meus presentes. Que vista roupa transparente tecida por uma mulher de Cós e com riscas douradas. Que tenha por escolta os escuros escravos queimados pelo sol da Índia. Que tenha, até mais não, pano escarlata da África e tecido púrpura de Tiro”.*¹⁶⁴

São estas mulheres da alta arte do galanteio, que são tomadas por heroínas

¹⁶³ SALLES, *ibidem*.

¹⁶⁴ TIBULO, APUD. SALLES, “As Prostitutas de Roma”. Op. Cit. p. 93. Em muitas de suas elegias escritas no século I aC., Tibulo evoca a paixão que lhe havia despertado uma bela cortesã, à qual ele deu o nome fictício de Némesis, a terrível divindade da vingança.

nos poemas elegíacos, e de acordo com Catherine Salles, são estas também, que povoam as comédias de Plauto e Terêncio, mulheres “*que vivem com elegância, languidez e luxo na companhia das grandes personagens*”.¹⁶⁵ Apesar das condições de vida serem diferentes, as origens são semelhantes. “Lobas” do Subura ou “raparigas” do Aventino, quase todas elas devem a sua sorte à servidão. Tal como a sua irmã grega, a prostituta romana é um objeto na posse de um amo, que segundo as regras gerais da escravatura, tem o direito absoluto de dispor, a seu bel-prazer, do corpo delas, comprando-o, vendendo-o ou alugando-o. Os filhos abandonados pelos pais à nascença ou raptados por piratas que os vendem nos mercados das cidades mediterrânicas constituem a mercadoria habitual dos proxenetes. Ainda que a maior parte das *meretrices* de Roma ou de Pompéia use nomes gregos, elas não provêm todas da parte oriental do mediterrâneo, só que adotaram, em muitos casos “nomes de guerra” em voga, dado que a Grécia é para os romanos, a pátria do prazer.

Entre as *meretrices* há também mulheres libertas e até mulheres livres, pois uma mulher privada de família ou qualquer apoio, quase não tem outra solução a não ser vender o seu único bem, o corpo. Moças muito novas são encaminhadas para a prostituição pela própria mãe, às quais se justificavam pela pobreza. Segundo Catherine Salles, na incapacidade legal de aceitar doações ou heranças, não podendo servir de testemunha em tribunal, fica a mercê da denúncia de um cliente rancoroso ou de um pai preocupado em proteger a virtude de seu filho, ambos podendo fazer com que seja expulsa de Roma. Será preciso esperar pelos fins do século I d.C. para que um édito de Domiciliano proíba a prostituição infantil. As autoridades, quando se interessam pelas cortesãs, é para

¹⁶⁵ SALLES, *ibidem*.

extraírem lucros, como é o caso do imposto estabelecido pelo imperador Calígula sobre os rendimentos das *meretrices* e seus proxenetas.¹⁶⁶

A beleza é o principal capital das *meretrices*, e permanece como a sua grande preocupação. Quando ela desaparece, quando chega a velhice, nada mais lhe resta para assegurar a sua existência material. Ovídio prevê esta situação:

“(...) A partir desta hora lembrai-vos da velhice que um dia há de chegar”.

Da vida um só momento não deixeis de gozar. Enquanto a primavera da vida vos corre diverti-vos, mulheres, porque os anos vos fogem como a água que corre.

A onda que passou diante dos teus olhos nunca mais voltará e a hora que morreu não ressuscitará.

Importa que aproveites a tua mocidade que te foge, mulher, com toda a velocidade e por muito feliz que seja a tua idade mais ventura colheste nos anos que viveste. (...).

Não tardará o tempo em que tu, que hoje deixas teus amantes cá fora, velha e abandonada ficarás solitária numa cama gelada. Não mais a tua porta numa rixa noturna a verás arrombada; tampouco de manhã a soleira acharás de rosas semeada.

Ai de mim! Tão depressa a cutis forma rugas e cansada fenece!

E a fresca carnação dum rosto gracioso se escapa e desvanece!

Esses cabelos brancos –juras que já os tinha quando ainda donzela – em breve cobrirão toda a tua cabeça.

Ao largar a serpente tua delgada pele o peso da velhice que a reveste, expele; e do velho veado a velhice se ausenta quando apodrece e cai a

¹⁶⁶ Idem, p. 95.

armação que ostenta.

Mas a nós sem remédio tais bens nos são roubados. Colhei a flor, mulheres!

Se ela não for colhida, cairá por si mesma fanada e emurchecida.

Não esqueças também que os partos envelhecem as belas raparigas: gasta-se o verde campo quando nele fazemos colheitas repetidas (...).”¹⁶⁷

Mas será que havia tantas diferenças entre a loba do subura e a elegante cortesã do aventino? Saídas da mesma miséria da escravatura, destinadas quase sempre a cair novamente nesta miséria, uma vez apagada a sua grande beleza (a menos que um casamento mude sua condição), as cortesãs escondem sob o seu luxo os estigmas da sua condição precária. De acordo com Catherine Salles:

*“Quando saem à rua, não se encontra ninguém mais requintado, mais arranjado, mais elegante. Quando jantam com os seus amantes, só tocam na comida com a extremidade dos lábios. Mas é preciso ver como estão sujas, de aspecto desmazelado, cheias de privações, quando estão sozinhas em casa, é preciso ver como estão repelentes e esfomeadas, como elas devoram um naco de pão escuro embebido no molho da véspera”.*¹⁶⁸

No entanto, Ovídio aconselha como devem se comportar em banquetes:

“Chegar tarde ao festim será conveniente (...)

Ao olhar turvado pelo vinho

Se fores feia formosa parecerás

E sobre os teus defeitos

¹⁶⁷ OVÍDIO, (III, 59- 82).

¹⁶⁸ SALLES, C. “As prostitutas de Roma”. Op. Cit. p. 99.

*A noite lançará um véu amigo.
 Pega nos alimentos com a ponta dos dedos
 (é importante à maneira de comer),
 e não manches o rosto com a mão suja.
 Antes de ires ao banquete não comerás em casa.
 Pára a tempo, não fiques saciada
 Deixa o teu apetite insatisfeito (...).¹⁶⁹*

Nas palavras de Catherine Salles, “*em Roma, as mulheres de reputação duvidosa encontraram a sua vingança na literatura*”: graças às obras elegíacas, sabemos do domínio que Delia, Fílis ou Corina exerceram sobre Tibulo, Horácio e Ovídio. Através dos poemas que lhes são dedicados, é descrito todo o universo da alta galanteria de Roma, um universo de luxo e sensualidade muito afastado da miséria das espeluncas do subura.¹⁷⁰

Com a liberalização dos costumes femininos, quase não há diferença de aspecto entre as belas “marginais” e as esposas legítimas. A partir dos séculos II-I a.C., muitas esposas romanas adotaram um vestuário excêntrico, maquiagens e jóias a dar nas vistas, coisas estas que originalmente eram apanágio das prostitutas. As matronas aprendem as artes recreativas – a dança e a música. Segundo Salles, levam uma vida muito livre – arranjando amantes sem recato algum – o que lhes acarreta a acusação de deboche por parte dos conservadores. A fronteira entre estas mulheres emancipadas e as prostitutas torna-se tão tênue que, por vezes, se cria a confusão. A *Arte de Amar* de Ovídio, preciosa coleção de conselhos eróticos, a qual utilizamos como fonte, será dirigida apenas às mulheres de reputação duvidosa, como afirma o autor, ou contará com as mulheres da alta sociedade

¹⁶⁹ OVÍDIO, *Arte de Amar*. III, 751-758.

¹⁷⁰ SALLES, Op. Cit. p. 101.

como leitoras? É bem possível que sim, no entanto não se pode fazer uma separação.

Segundo Salles, consumou-se uma etapa suplementar, a partir dos princípios do Império. Tentadas pela grande liberdade sexual das *meretrices* e desejando escapar às severas condenações que ameaçavam as adúlteras, algumas matronas não hesitaram em inscrever-se nas listas de prostitutas estabelecida pelas autoridades policiais. É assim que, em 19 d.C., Vistília, mulher do procônsul da Gália Narbonense, vai reivindicar, perante os edis, a liberdade de fazer comércio do seu corpo – atitude que não é do agrado do imperador Tibério: Vistília é deportada para uma ilha e é promulgado especialmente um *senatus consultum* para proibir que as mulheres das ordens senatorial e equestre se prostituam. No entanto, nesta sociedade violenta e dada aos excessos, as atividades marginais exercem um fascínio evidente sobre os privilegiados. Calígula instala no Palatino um verdadeiro lupanar, em cujos quartos instala matronas e crianças livres, e os seus escravos tomam de assalto às praças e as basílicas para recrutar clientes.¹⁷¹

E não podemos deixar de evocar, para concluir esta rápida descrição das seduções do amor livre personificado pela prostituição, da reputação da imperatriz Messalina, de quem Juvenal traçou este retrato:

“Durante a noite, vestindo um manto com capuz, a puta imperial escapa-se do Palatino, apenas acompanhada de uma criada. Disfarçando os cabelos pretos sob uma peruca loura, entra na tepidez do lupanar de cortina já gasta. Tem um quarto reservado para ela, com um letreiro que

¹⁷¹ Idem, p. 102.

lhe atribui o pseudônimo de Licisca. Ai se prostitui, com os seios cobertos por uma fina rede dourada e expondo o ventre que te trouxe, nobre britânico. Tem atitudes de ternura para com o cliente e reclama seu salário. Quando o 'leno' manda embora as prostitutas, ela parte muito triste. A única coisa que pode fazer é ser a última a deixar o quarto (...), cansada de homens mas ainda não saciada. Repugnante, hedionda, com as faces escurecidas pelo fumo da lâmpada, leva para o leito imperial os maus cheiros do lupanar."¹⁷²

Fenômenos inigualáveis de uma sociedade em que os extremos se encontram, a imagem incomparável de uma concepção de vida em que o sentimento está subordinado ao interesse, a prostituição em Roma não se limita à poesia licenciosa e idealizada, transmitida pelos poetas latinos. A crueldade satírica, própria do temperamento romano, descobriu cedo a realidade menos sedutora de sua condição, sob as "elegantes mulheres de prazer". Simultaneamente mulher e escrava, não dispendo de nenhum outro reconhecimento legal além do valor mercantil do seu corpo e da sua função elementar na ordem da sociedade, apenas devendo a sua existência a uma beleza e uma juventude efêmeras, a "loba" romana põe cruelmente à luz as contradições da capital do mundo antigo.

¹⁷² JUVENAL, APUD: SALLES, idem, p. 102-103.

4.2. ELEGIA ERÓTICA.

A Elegia erótica segundo Paul Veyne¹⁷³ é uma das formas de arte mais sofisticadas de toda a história da literatura; e também não existem muitas cuja natureza tenha sido mais desconhecida. Dois ou três decênios antes do começo da nossa era, jovens poetas romanos, Propércio, Tibulo e na geração seguinte Ovídio, decidiram-se a cantar na primeira pessoa, com seu verdadeiro nome, episódios amorosos e a relacionar esses diversos episódios a uma só e mesma heroína, designada por um nome mitológico; a partir de então os leitores passaram a imaginar os poetas e suas amantes; Propércio e sua Cíntia, Tibulo e sua Delia, Ovídio e sua Corina.

Na Grécia e em Roma, os gêneros poéticos eram facilmente classificados segundo a métrica na qual eram escritos, do mesmo modo que o são as danças conforme o ritmo; esses versos de amor eram feitos em ritmo elegíaco¹⁷⁴. Segundo Paul Veyne, *a elegia romana é uma poesia que só requer o real para abrir uma fenda imperceptível entre ele e ela*, no caso o autor e a heroína; entre suas heroínas, poetas como Ovídio, Propércio e Tibulo mendigavam noites de amor. No princípio estava estabelecido que ela, a heroína, distribuiria seus favores como quisesse e a quem quisesse. Esta heroína adorada por poetas nobres, não é uma dama nobre e sim uma mulher de vida irregular, estariam prontos para tudo pela amada, menos desposa-la. Percebemos que a heroína é uma impura; portanto a

¹⁷³ VEYNE, Paul. "A Elegia Erótica Romana. O amor, a poesia e o Ocidente". São Paulo: Brasiliense, 1985.

¹⁷⁴ São poemas metrificados em dísticos, isto é, compostos de hexâmetro que se alterna com pentâmetro.

elegia erótica se tornou um quadro do *demi-monde*, como diria Paul Veyne, ou seja, um mundo das mulheres de reputação e costumes equívocos e duvidosos.¹⁷⁵

O poeta e adorador, diz “eu” e fala de si mesmo com seu verdadeiro nome de Propércio, de Tibulo, ou de Ovídio: é possível reencontrar seus traços nos poetas de sua posteridade petrarquista e romântica e não teremos dúvidas de que ele exprime sua paixão e que faz confidência de seus sofrimentos. Segundo Veyne, os comentadores cultivaram este contra-senso psicologista muito mais facilmente do que o contra-senso sociologista; ou seja, preferiram não saber demais o que os amores elegíacos possuíam de pouco edificante. É possível que Propércio, ou antes, o Ego que ele traz em cena, sofra menos com o ciúme do que considera temíveis as correntes da paixão, que na Antigüidade era considerada como uma fatalidade trágica, uma escravidão, uma ilustre desventura. De acordo ainda com Veyne:

*“(...) a candura filológica foi tão longe que raramente se percebeu que a brincadeira favorita dos poetas elegíacos é a de provocar equívocos em vários lugares sobre Cíntia, nome de sua heroína, que designa o livro em que a cantam e que poderia legitimamente ter como título o nome de sua amada; pois são mais autores do que amantes e são os primeiros a se divertirem com sua ficção”.*¹⁷⁶

O que os poetas elegíacos dizem parece ser a expressão da mais viva paixão; no entanto é a maneira de dizer isso que desmente esta aparência: falta-lhes

¹⁷⁵ Idem, p. 10.

¹⁷⁶ Idem, p. 11.

naturalidade. Em seus apaixonados versos é difícil pensar que o poeta não é sincero, mas não menos difícil não suspeitar que ele está representando; os detalhes são freqüentemente verdadeiros e o conjunto soa como falso. A elegia romana se assemelha a uma montagem de citações e de gritos do coração¹⁷⁷; essas mudanças de tom muito bem controladas não tentam nem mesmo fazer-se passar por efusões líricas; o poeta busca, sobretudo a vaidade. Ele não se recusa nenhum atrativo, nem mesmo o de alguns versos ardentes, com a condição de que a queimadura permaneça em seu devido lugar e que, nesse mosaico, ela seja enquadrada por outros materiais que a fazem perder o caráter real; o próprio movimento do poema, bem composto, retira-lhe até a aparência de uma confidência.¹⁷⁸

A elegia trata as mulheres de vida irregular¹⁷⁹ como heroínas da Fábula e os senhores como amantes febris. Ao invés de uma sinceridade que desminta o maneirismo, seria a elegia a descrição de uma certa sociedade, de um mundo de prazeres? Nesta época existia um mundo dessa espécie e de certa forma nós o descrevemos. No entanto, Veyne percebe, que a elegia representa, mas não é um quadro desse *demi-monde*, pois ela não descreve nada em absoluto e não impõe a seus leitores que pensem na sociedade real; ela se passa num mundo de ficção em que as heroínas são também mulheres levianas, e a realidade só é evocada por *flashes*, e por *flashes* pouco coerentes; de uma página a outra, Delia, Cíntia ou Corina, poderiam ser cortesãs, esposas adúlteras, mulheres livres; o mais freqüentemente, não se sabe o que elas são e não se está preocupado com isso: são

¹⁷⁷ Segundo Veyne, “Um fundo bem distante de sentimentos pessoais exprime-se através de quadros literários sob uma forma que na realidade é muito impessoal apesar da narração na primeira pessoa”.

¹⁷⁸ Idem, p. 12-13.

¹⁷⁹ Paul Veyne utiliza este termo. No entanto utilizamos como forma de nos referirmos às mulheres que não são matronas.

mulheres de vida “irregular”, é tudo. Não seria preciso mais do que isso para se estabelecer entre o Ego, à heroína e o narratário esses jogos de espelhos, de olhares de obliquidade e de falso natural de que se falou. Esta irregularidade não é uma parte da vida de nossos poetas e de sua suposta amante, mas uma peça de um sistema; ela representa a lei do gênero, desempenha um papel que Paul Veyne chama de semiótico. Era apenas num segundo tempo, que o leitor poderia relacionar esta ficção às esferas sociais um pouco livres da época, - se tivesse o trabalho de se interrogar -; aliás, esta atribuição não acrescenta nada ao poema, no máximo o leitor se divertia, vendo o quanto à ficção tinha embelezado a realidade.¹⁸⁰

*“A ficção dispensa a realidade e a forma desmente o conteúdo: mas uma sinceridade pode ser amaneirada; atendo-se ao texto, esta estética instituiu um equilíbrio indecível entre a verdade e a representação teatral”.*¹⁸¹

Os elegíacos romanos sentiam uma forte atração pelas crenças populares e pelas antiguidades romanas. Fizeram poemas em que eles também lançaram ambigüidades sobre esses temas no qual a verdade dogmática não se impunha mais aos espíritos cultivados. Mas foram atraídos ainda mais por outro tema, o amor, que é uma “matéria duvidosa” e subalterna, quando não se trata do amor conjugal e quando a heroína é uma mulher de vida irregular ao invés de uma matrona. A elegia erótica guardará esta tradição de rir das crenças populares, de imitar o texto das leis sagradas e dos ex-votos. O “eu” elegíaco, permite um humor a mais: o poeta atribui a si a crença ingênua do homem

¹⁸⁰ Idem, p. 17.

¹⁸¹ Idem, ibidem.

simples. E a falsa ingenuidade em matéria de religião é tradicional na elegia; uma brincadeira consagrada era a de perguntar a uma amante uma dessas proezas de piedade que era um *pannychis*, uma noite em que se privava completamente do sono como promessa de piedade, sendo que o próprio poeta era o deus que a amada, festejará na cama. Em suma, a elegia erótica era um gênero tal que nele se podia brincar com as coisas sagradas e também com a moral e com o dever de fazer carreira pública para servir ao império sem que haja conseqüência dessa brincadeira.¹⁸²

Segundo Paul Veyne, a elegia erótica, “quer seja mentira divertida quer transforme a realidade em objeto de arte”, é de origem helenística. Os romanos sabiam há dois séculos que os amantes escreviam elegias sobre a casa de sua amada. Fazia seis ou sete séculos que os gregos cantavam o amor, nas métricas mais variadas, na primeira ou na terceira pessoa; no entanto para Veyne,

*“(...) saber se se havia omitido a cantar também, na primeira pessoa, em ritmo elegíaco e se deixaram aos romanos à honra de terem sido os primeiros a fazê-lo, não deixa de ter um interesse limitado e cuja resposta é não: já houve elegias helenísticas onde o amor era cantado sob a ficção do ego, mesmo que fossem elegias que chamamos erradamente de epigramas sob falso pretexto de que são breves demais. (...)”.*¹⁸³

Uma elegia compõem-se da repetição *ad libitum* de um elemento rítmico completo, o dístico, e este dístico era a verdadeira unidade de base da elegia; entre os romanos, ele oferece ordinariamente um sentido completo e seu final coincide com o da

¹⁸² Idem, p. 48.

¹⁸³ Idem, ibidem. Sobre definição de epigrama ver nota 41 do autor.

frase. De acordo com Veyne, o poeta debulha seus dísticos um por um; dois ou três dísticos constituirão uma elegia completa, que o autor chama de epigrama, e um único dístico pode até ser um poema completo. Em termos tipográficos e anacrônicos, poder-se-ia dizer que, para o leitor antigo, cada dístico era separado do seguinte como se fosse por um branco, de tal modo, que no interior de uma mesma peça elegíaca, as discontinuidades na seqüência das idéias ou na narração o chocavam menos do que a nós.¹⁸⁴

A Elegia era uma poesia divertida que compunha um quadro engraçado, embora fantasista, da vida dos senhores galantes; era uma poesia de fazer rir; “a elegia é uma amiga leviana, uma *levis amica*,” diz Ovídio em seus *Remédios de amor*. No entanto, era costume lê-la como uma poesia para chorar. Os tormentos da vida galante eram tomados ao pé da letra, enquanto que a elegia era divertida no fato de que não era para ser levada a sério. Segundo ainda Paul Veyne, ela é uma poesia sem ação, sem intriga que leva a um desfecho ou que sustente uma tensão, e é por isso que nela o tempo não tem nenhuma realidade. O antes e o depois não existem, e a duração também não.

Segundo Veyne, Ovídio escreveu uma elegia da qual Shakespeare se lembrou, em que ele mostra a tristeza do amante que vê a aurora chegar e a cotovia cantar; Fränkel quis homenagear Ovídio pela sua posteridade mais direta, a saber, as *auroras* dos trovadores;¹⁸⁵ para quem o amante amaldiçoa a Aurora porque ela é odiosa a todas as

¹⁸⁴ Idem, p. 68.

¹⁸⁵ Nelli et Lavaud, *Les Troubadours*, vol. II p. 30. APUD VEYNE, op. Cit. P. 86. “Apesar de ciumento, façamos tudo!, diz a amada a seu amigo; e o amigo recusa-se a deixá-la; responde a seu cúmplice que vigia e lembra-o: “Meu caro e maravilhoso amigo, a alimentação é tão farta que eu gostaria que não houvesse mais

categorias da população: trabalhadores, militares, estudantes e advogados. Mas Ovídio estava menos levado a sustentar uma alta ficção do que a descrever os costumes sob pretexto de ensinar a moral, e escreveu todo um poema para ensinar, pelo exemplo de sua Corina, como uma esposa podia trocar sinais combinados com seu amante, durante um jantar, sem que seu marido percebesse¹⁸⁶:

*“(...) Quando o vires à mesa já posto,
E tu fores pousar a seu lado,
Vai com rosto modesto, mas pisa
O meu pé co’o teu pé delicado.*

*Sempre atenta, os teus olhos me absorvem:
Dos meus gestos, do olhar falador
Nada percas! Recebe e compensa
Minhas notas furtivas de amor.(...)”¹⁸⁷*

De acordo com Paul Veyne, Ovídio não se interessava pelas mesmas coisas que nós. Os senhores amantes não são ociosos, são muito ocupados, como parece nos dizer; por isso sua apaixonada milícia teme o retorno da aurora tanto quanto o temem soldados e trabalhadores.¹⁸⁸

nem aurora nem dia; pois a mulher mais encantadora de todas eu a possuo e aperto em meus braços, de tal modo que zombo do bobo ciumento e da aurora”. O bobo em questão é evidentemente o marido.

¹⁸⁶ No entanto, a *Ars Amatoria* tem a mesma função, a de orientar os amantes.

¹⁸⁷ OVÍDIO. “Os Amores”. In: *Obras. Os Fastos, Os amores, A Arte de Amar.* (tradução de Antonio Feliciano de Castilho) São Paulo: Edições Cultura, 1943. p. 240. Esta será a versão utilizada desta obra, haja visto o fato de se tratar de uma fonte secundária.

¹⁸⁸ VEYNE, OP. CIT. P. 87.

Os elegíacos por sua vez, não escolheram fazer os apaixonados falarem, não escolheram imitar o amor, mas cantá-lo sob todos os aspectos, sob a ficção humorística de uma primeira pessoa, que camufla mal a objetividade da terceira do plural. A segunda elegia dos *Amores* de Ovídio será uma prova disso. Ela começa por imitar o homem que fica apaixonado:

“Qual será disto a causa!?”

*Fofos colchões macios
Parecem-me penedos;
Do leito os véus noturnos
Não me repousam quedos.*

*Que longa noite, ó Deuses!
Não tive um só momento
Do sono apetecido!
Já sinto o lasso corpo
De me voltar dorido.*

*Que seja amor, não creio;
Pois como o não sentira,
Se em mim tivesse amor?
Viria disfarçado
Ferir-me o Deus traidor?*

*Ah! Sim; pelas entranhas
As setas me vararam
Até o coração.
De amor, de amor é obra*

A interna agitação.(...) ”¹⁸⁹

Mas de acordo com Veyne, Ovídio é mais que um imitador, e prova isso dissertando através de alegorias. Ele toma a palavra, em primeiro lugar, através da máscara de Ego, e faz com que este último tenha opiniões que revelam como um Ego se engana a si mesmo e inventa sofismas para provar a si mesmo o que deseja; é assim que os Egos se tornam escravos do amor.

A poesia amorosa também dava a seus autores grandes sucessos, pois Roma, confundia o homem com a obra, e procurava os modelos com que Ovídio se divertia:

*“(...) Outros são ricos de ouro, eu sou rico de engenho;
Outros te oferecem bens, eu renome te dou;
Abro tesouros de poesia,
E tais que de muitas sei eu,
Que para agradar-me um só dia
Por gosto davam tudo seu:
Até de uma já sei que espalha ser Corina;
Que este nome é disfarce, e que eu gemo a seus pés (...) ”¹⁹⁰*

Como estas heroínas são imaginárias, e apenas representam características de algumas mulheres, percebemos como os poetas se divertiam e brincavam com suas criações literárias. No entanto, o criador pode também ameaçar a sua criatura;

¹⁸⁹ OVÍDIO. “Os Amores”, op. cit. p. 232.

¹⁹⁰ Idem, p. 347.

*“Já de rivais inúmeros
 A vejo cortejada;
 Ah! Vejo-a por meus êmulos,
 Como por mim, gozada,
 E sinto-me abrasar.*

*Erro? Ou, co 'a musa impróvida
 Correndo esta cidade,
 Eu próprio fui que aos méritos
 Te dei celebridade,
 Te ornei de nimia luz?...*

*Não erro, não! Meus cânticos
 Vaidosos, imprudentes,
 Hão posto aos olhos públicos
 Os dotes seus patentes;
 À venda eu mesmo a pus.*

*Sofre o castigo, ó mísero,
 Da pueril vanglória!
 Vai, pregoeiro estólido,
 A esplêndida vitória
 Em destruição trocar!”¹⁹¹*

Segundo Paul Veyne, a única existência de Corina, Cíntia ou Delia, é a do sucesso de livraria. Cíntia, a heroína de Propércio, adquiriu, na opinião dos leitores, a consistência dos personagens clássicos.¹⁹² É provável que ninguém tenha acreditado que Ovídio tenha de forma alguma, contado sua vida em seus *Amores*: sua poesia denota muito

¹⁹¹ Idem, p. 411.

¹⁹² VEYNE, op. cit. p.99.

o humor e o quadro dos costumes; entretanto Ovídio é o único dos poetas elegíacos citados aqui, que sabemos que teve paixões em sua vida, ele mesmo diz em seus poemas do exílio:

*“(...) Meu coração era terno,
e não era insensível
aos dardos de Cupido,
e um leve pretexto o comovia.
Posto que, todavia, fosse assim,
E me abrasasse pela menor paixão, nenhum boato houve
Sob meu nome.(...)”¹⁹³*

A elegia não é autobiográfica; nela o poeta representa o papel do apaixonado-poeta, ou seja, dá uma interpretação pessoal a esse papel, conforme seu gênero de talento. É possível dizer de acordo com Veyne, que se acrescenta nestes autores, um maneirismo helenístico. Enquanto se trata de poesia leviana, o resultado é divertido; ele se torna áspero quando os poetas se acham na obrigação de ser sérios. Obra de esteta, a elegia

¹⁷⁴ Ovídio, *Tristium*. (tradução de Augusto Velloso) Rio de Janeiro: Edição das Organizações Simões, 1952, p. 179. (edição bilingüe latim-português). Trabalharemos com esta versão bilingüe, apesar de não conter versículos.

*“(...)Cor erat molle mihi,
nec inexpugnabile
telis Cupidineis,
quoque levis caussa moveret.
Cum tamen essem hoc,
Accenderet mínimo igne,
Nulla fabula* fuit
Sub nostro nomine.(...)”*

**Nulla fabula*. Seus amores eram discretos. Não obstante, o imperador teve conhecimento deles, quando Ovídio se apaixonou por Júlia. (Nota do tradutor: Augusto Velloso)

não pretende ser uma confissão; a obra parece fria, mas não é, e não nasce necessariamente de um coração oprimido. A menor experiência revela também que, ainda hoje em dia, a credulidade dos leitores é infinita; se for publicado o menor artigo fantasista, mas na primeira pessoa, em qualquer lugar do mundo, todos os seus amigos e conhecidos verão aí a sua autobiografia. Os poemas elegíacos também tiveram o mesmo efeito, teve-se a ingenuidade de acreditar que esses nobres tomavam o bom público como testemunho de suas verdadeiras lágrimas. A biografia autêntica dos elegíacos se parece pouco com a ficção¹⁹⁴, como no caso dos versos do exílio de Ovídio, *Tristium*, em que ele fala da sua vida e de seus sentimentos.

É impossível identificar as amadas dos elegíacos; fazê-lo seria prejudicial à compreensão da obra, pois eles não cantam tal ligação amorosa particular, mas a vida amorosa em si mesma. Paul Veyne, dá o exemplo de Propércio, que faz como os trovadores e petrarquistas; não celebra esta Hóstia que foi provavelmente uma de suas amantes, mas criou uma mitologia erótica. Propércio pode inventar tanto quanto experimentar em seus versos esta emoção amorosa, nas raras vezes em que existe, vem desta sua mitologia e não da lembrança de suas possíveis mágoas de mal-amado. Mitologia do amor livre idealizado, em que cortesãs se tornam inspiradoras que amam os poetas por seus versos, e que sua dureza de mulheres venais torna-se crueldade de mulher fatal. Segundo Veyne:

“Falar da sinceridade de nosso poeta teve sua utilidade na época ainda recente em que a busca das fontes ou a identificação dos lugares-comuns eram mais importantes do que o estudo da originalidade literária; isto

¹⁹⁴ VEYNE, op. Cit. p. 103.

torna-se inútil, quando 'sinceridade' não é mais um cálculo para 'originalidade', e acaba por forçar uma criação a fazer vôos rasantes. Onde se viu que a sinceridade era uma qualidade estética? Para acreditar nisso, é preciso ter mais gosto pelos mexericos, digamos, pela psicologia, do que pelo sentido literário."¹⁹⁵

No entanto, "sinceridade" pode também transmitir a idéia da seriedade do imaginário, e traduz, em autores reconhecidos, o sentimento de que a elegia não era jogo fútil; mas a elegia não tem necessidade de repousar sobre um fundo de realidade para ter peso. Porém de acordo com Paul Veyne, infelizmente, alguma coisa vem complicar tudo: existiu realmente em Roma um *demi-monde* de hábitos galantes, uma vida de prazer da qual a elegia parece ser a representação: Ovídio viveu este mundo, e seus versos fazem indiretamente seu elogio, e tratam como brincadeiras coisas que chocariam um moralista sério. Mas como saber se a elegia que tem esta sociedade retratada o faz com a intenção de representa-la. O que decide isto não é o que está retratado, mas como e por que foi retratado. Os elegíacos não fazem uma mimese do *demi-monde*, mas criam uma réplica fantasista e humorística, para fins estéticos.¹⁹⁶

Durante muito tempo perguntou-se a respeito de Cíntia, Delia ou Corina, se elas eram cortesãs ou escravas libertas. No entanto, a "má" sociedade não se limitava a estas categorias, os critérios de marginalidade não eram os mesmos que os nossos. Um grande exemplo é o caso de Júlia, neta do imperador. Há toda uma moral que reprova o seu comportamento, tanto quanto o de sua mãe, sendo que ambas tiveram o mesmo destino. O

¹⁹⁵ VEYNE, op. cit. p. 106.

¹⁹⁶ Idem, *ibidem*.

provável motivo do exílio de Ovídio pode ter sido o seu envolvimento com Júlia. Não se sabe ao certo o grau de envolvimento, há várias versões, porém ele tentará até sua morte obter o perdão de Augusto, e demonstrará acreditar que o seu verdadeiro crime era o de ter cantado o amor leviano; argumentará, para obter sua absolvição, que este amor leviano não era por isso ilegal. Mas que amores não são ilegais? Nesse momento, o governo imperial havia decretado normas revolucionárias sobre o assunto: o adultério da esposa, assim como o de seu cúmplice, seria severamente castigado e as relações fora do casamento com uma *vidua*¹⁹⁷; igualmente o seriam, a título de estupro, pois na Antigüidade, o legislador estava pronto para mudar a sociedade por decreto: a lei não era feita para não estar muito adiante nem muito atrás dos costumes. O legislador poderia muito bem mudar uma sociedade, já que ele também constituía as sociedades: havia uma vida social porque o legislador tinha fundado uma cidade. De acordo com Veyne, a sociedade não subsistia por si mesma, por uma sociabilidade natural ou uma mão invisível que harmonizasse egoísmos: “o homem cai na decadência logo que a lei não faz a disciplina, é um aluno atrasado que só acompanha a classe sob a palmatória do mestre”.¹⁹⁸

De tempos em tempos, uma lei vinha reerguer uma cidade que estava decaindo e os cidadãos começavam a segui-la, até que ela caísse novamente no esquecimento. Ovídio deveria provar que não tinha falado contra as novas leis em seus poemas eróticos. Devia protestar que os conselhos em versos que havia dado aos sedutores não se destinavam, em seu modo de pensar, a serem utilizados contra a virtude das matronas, casadas ou sem marido, mas somente contra a das mulheres venais, que não

¹⁹⁷ Mulher viúva, ou divorciada.

¹⁹⁸ VEYNE, op. Cit. p. 109.

estavam submetidas à lei. Pois segundo Veyne, nos termos da nova legislação, o amor livre, fora do círculo da família, aquele que não se fazia com sua esposa ou com suas próprias escravas ou libertas, só era tolerado com prostitutas. Todas as que não fossem meretrizes ou antigas escravas não casadas deviam ser respeitadas e chamadas de matronas. O amor é impossível com qualquer mulher livre, e com qualquer mulher casada, nascida livre ou não.

Portanto, Ovídio, quando exilado, jurou que os versos ousados que tinha feito não visavam as vestes matronais:

*“(...)De verdades, não mais aqui se trata.
Ó mãe do Amor, secunda o meu intento!
E vós, longe daqui, ó finas faixas
Que sempre do pudor sois ornamento!
E tu, também, ó longo véu que tapas
Das matronas os pés, vai-te no vento!
Eu só a quem é livre me dirijo:
Apenas me dirijo a quem não tema
Os prazeres mais a furto concedidos...
Não tem pois nenhum mal este poema.(...)” (OVÍDIO, *Arte de Amar*. I,*

30-34)

Tíbulo tinha tomado a mesma precaução, fazendo de sua Delia, de passagem, para as necessidades da causa, uma cortesã ou ainda uma plebéia. Paul Veyne pergunta se era realmente necessário escrever um *Manual* de sedução das mulheres à

venda¹⁹⁹, e por que se supõe que estas mulheres são escravas de nascimento. Não importa, para Ovídio, a matrona se opõe à cortesã, o que “não tem nada de ilegal”, mas quando escrevia seu *Manual*, a matrona com sua veste, opunha-se simplesmente ao “prazer sem medo”, ou seja, às plebéias. Casada ou livre, rica ou pobre, é a matrona nos termos da lei; não a plebéia, é a matrona segundo os costumes, a dama da “boa” sociedade, com sua veste tradicional; o “prazer” não é “sem medo” com ela, pois seu senhor marido ou pai não hesitará em exercer sobre os galantes as vinganças que a lei lhes permitiam. Em contrapartida, não se corre nem um risco com uma plebéia, mesmo que tivesse um esposo, este homem do povo não ousaria levantar a mão contra um senhor. Com as plebéias, o próprio adultério é apenas um pecadilho. Mas não com as damas, o que temperava o charme da vida mundana. Surpreendido de noite no domicílio conjugal onde tinha ido ao encontro da esposa, o amante, mesmo que fosse senador, era espancado por escravos do marido, urinado pela criadagem, sodomizado pela criadagem ou pelo marido, ou castrado como Abelardo.²⁰⁰

Ovídio alega falar, ou se dirigir em seu *Manual* às mulheres de veste curta, ou seja, não se dirigia às matronas. Preferia-se não pensar segundo Paul Veyne, que belas damas pudessem ter costumes livres, que plebéias livres pudessem enganar seus maridos com um senhor generoso; preferia-se ter dois bodes expiatórios, admitidos pela lei e pela moral: as cortesãs e as libertas. Estereotipo social: com as plebéias, o pecado não tem importância; estereotipo moral: uma mulher de costumes muito livres era, portanto uma cortesã; estereotipo cívico: a categoria das libertas tem estatutariamente uma moral

¹⁹⁹ Ovídio utiliza o termo cortesã de forma muito ampla, para todas as mulheres livres.

²⁰⁰ VEYNE, op. cit. p. 112.

particular. Esta é uma forma arcaica de desvio: a moral era diferente segundo o *status* de cada um. Primeiro conflito entre estereótipos: uma plebéia, embora cidadã, é verdadeiramente uma matrona? Segundo ainda Veyne, à ficção de um corpo cívico em que todos são iguais opõe-se aquela de uma sociedade em que alguns são mais iguais que outros: só as belas damas são verdadeiramente cidadãs, e Plínio o naturalista oporá logo a “veste longa” à “plebe”.²⁰¹

No entanto esta veste estava mudando de significação no momento em que Ovídio escrevia seu *Manual*; a *stola*, este uniforme das cidadãs casadas, quase não era mais usada, a não ser pelas damas e se tornava, como a própria toga, uma vestimenta de cerimônia e um sinal de superioridade social; então a expressão “dama de veste longa”, *stolata matrona*, será uma espécie de título de honra, designando as mulheres de uma classe superior à plebe. Ao invés de marcar a pertinência comum ao corpo cívico por meio de uma vestimenta coletivamente convencionada, deixa-se doravante cada mulher vestir-se segundo seus meios e ostentar sua riqueza em suas vestimentas: os fatos falarão por si mesmos para assinalar as classes. A veste longa não é mais a roupa que distingue as cidadãs casadas das mulheres escravas e das prostitutas, declaradas como tais a quem a lei interditava o uso da *stola*. De acordo com Veyne, quando Ovídio opõe a matrona de veste longa às cortesãs, as únicas das quais seu *Manual* se ocupava, ele tenta fazer acreditar que estas cortesãs são prostitutas com carteira, destituídas do direito de usar a veste; então ele pensa em mulheres de costumes livres, que cada um era livre de não considerar “mulheres de bem”, mulheres honestas no sentido moral e social. Além disso, pronuncia o nome dessa

²⁰¹ PLÍNIO, *História Natural*, XXXIII; 12, 2. APUD. VEYNE, op. Cit. p. 115.

veste ancestral para manifestar o seu fato de cidadão honesto à tradição romana.²⁰² Na opinião de Veyne, ele quer persuadir o leitor, de que respeitava todas as matronas, ricas ou pobres; “(...) *Não há marido algum, mesmo do meio da plebe, que seja pai equívoco por minha culpa*”.²⁰³

Percebe-se que não se sabia como conciliar os critérios sociais e cívicos de classificação e queria-se aproveitar todos; os ricos queriam poder desdenhar toda a plebe, livre ou liberta, mas também não queriam desvalorizar o título de cidadão ou humilhar os homens livres e cidadãos. A solução foi um estereótipo: “entre as matronas e as escravas, sem falar das cortesãs, só existiam as libertas, não se fala mais de cidadãos de nascimento muito obscuro; faz-se como se a plebe fosse composta apenas de libertos e libertas”.²⁰⁴

Disso, segundo Paul Veyne, resulta o segundo conflito de estereótipos, entre o estatuto cívico-social e o estatuto individual. Em outras palavras, uma liberta, mesmo casada legalmente é verdadeiramente uma matrona? Sim, nos termos da lei; se uma liberta é desposada em núpcias legítimas, seu marido lhe “valerá a honra da veste”. Por isso, distinguia-se uma variedade particular de antigas escravas, a das “libertas usando veste longa”, e é provável que esta distinção seja aceita ou reconhecida pelo estado civil.²⁰⁵

²⁰² VEYNE, op. cit. p. 116.

²⁰³ OVÍDIO, *Tristium*, op. Cit. p. 84.

²⁰⁴ VEYNE, op. cit. p. 117.

²⁰⁵ Valério Máximo, VI, 1. APUD. VEYNE, op. Cit. p. 118. prefácio diz ao imperador: “*te custode, matronalis stola censetur*”; o que significa que os recenseamentos, ao menos de Augusto, registram a condição das mulheres, conforme a sua condição de cidadãs com plenos direitos e casadas, ou não. Por outro lado, os recenseamentos de Augusto são os primeiros a recensear as mulheres.

Mas e aos olhos da opinião? De acordo com Veyne, o tom de escravagismo desenvolvido com o qual Ovídio fala dos casamentos de antigas escravas, significa muito. Ele coloca como regra que é preciso respeitar as mulheres casadas, que a moral assim o quer e que o imperador acaba de lembrar isso com suas leis, mas acrescenta logo que há limites mesmo para isso:

*“(...) Tema a mulher casada o seu marido;
dia e noite seja ela vigiada.
Eis o que exigem as conveniências
As leis, o nosso chefe, e o pudor.
Mas quem poderá admitir
Que te submetam à mesma vigilância
A ti que pela varinha do pretor
Foste agora tocada? Para aprenderes a enganar
Agrega-te ao meu culto. (...)” (III, 611).*

O *Manual de amor* de Ovídio se refere a um meio que embora impreciso, não poderia ser a aristocracia e muito menos o povo; meio elegante, em todo caso, do qual o poeta fala sem vestígio de condescendência. Ovídio, via facilmente as coisas do ponto de vista das mulheres, chega até mesmo a amar o prazer feminino;

*“Como os raios do sol quando são refletidos
no espelho da água transparente,
nos olhos da amante, esse trêmulo brilho
tu verás cintilar.
Depois virão as queixas, os gemidos,*

*Doces rumores, um murmúrio terno,
As palavras que convêm ao amor.” (II, 721)*

Todavia, o tom do *Manual* ultrapassa esse feminismo espontâneo: o poeta e suas belas pertencem à mesma sociedade, ainda que estas mulheres sejam mais interesseiras, senão venais, na palavra de Veyne,²⁰⁶ do que se teria podido pensar. Ovídio estabeleceu em princípio que essas mulheres não usam a veste das matronas²⁰⁷: um poeta conta o que quer, mas no seu *Manual*, não se enganam maridos, seja porque nele os maridos tenham sido ignorados,²⁰⁸ porque não tenham existido, ou porque tenham sido tolerantes.

Quer ele trate de mulheres ricas, ociosas, sem marido, vivendo livremente, o meio é caracterizado por uma liberdade de costumes considerados como direito. Nesse meio, o amante só tem como rival outro amante²⁰⁹, e este frequenta a casa de sua amante, sem que a discrição lhe faça conhecer a dificuldade dos amores clandestinos em Roma. A elegia de Ovídio difere da de Tibulo e Propércio, ao visar divertir imitando a realidade. Usando as palavras de Veyne, “o ‘Manual’ não é uma bucólica; todo o gênio de Ovídio ficaria insosso, se o leitor não o referisse à realidade, dizendo a si mesmo, divertindo-se, que tais coisas existem e se praticam. Sua arte é mimética, ao contrário dos outros elegíacos”.²¹⁰

²⁰⁶ VEYNE, op. Cit. p. 129.

²⁰⁷ OVÍDIO. *Ars Amatoria*. II, 600, e III, 483.

²⁰⁸ Os maridos não são mais ignorados, quando Ovídio começa a ensinar às libertas, e somente a elas, a arte de enganar seus maridos, se bem que a lição sirva para as matronas. Idem, III. 615-658.

²⁰⁹ Idem, II, 540.

²¹⁰ VEYNE, op. cit. p. 130.

4.3. O POETA ELEGÍACO E O AMOR.

Seguindo as palavras de Grimal, Ovídio é um poeta latino cujo nome é inseparável do sentimento amoroso e que em vida pagou por essa reputação. Se Ovídio não tivesse escrito *Amores* e *Arte de Amar*, talvez tivesse terminado seus dias tranquilamente em Roma, em vez de conhecer os rigores do inverno e a solidão à beira do mar Negro, porém, se tivesse sido mais discreto não disporíamos hoje do depoimento mais direto, mais vívido sobre os amores dos romanos no período que separa a República do começo do Império.²¹¹

Hoje em dia, historiadores modernos ainda se perguntam sobre o verdadeiro motivo do exílio de Ovídio, pois o argumento de imoralidade em sua obra não se sustenta, ao passo que seu conteúdo não difere muito de obras de autores como Terêncio, Horácio, ou os outros elegíacos como Tibulo e Propércio; sem se falar que a obra correspondia à prática cotidiana dos amores romanos.

Segundo Grimal, Horácio, poeta oficial, incitara os jovens a cometer suas primeiras estroinices em companhia das moças que a lei não protegia. No entanto Augusto poderia responder repetindo mais ou menos as palavras de Catão:

“Louvo Horácio por incitar os jovens a procurar as mulheres, mas castigo Ovídio por estimular-los a passar a vida com elas!”²¹²

²¹¹ GRIMAL, op. Cit. p. 153.

²¹² Idem , p. 154. (Autor não dá referência à citação.)

Como vimos no primeiro capítulo, Ovídio amou ternamente sua esposa, e demonstrou isso no exílio ao escrever *Tristium*. Contudo, se ao condenar o poeta ao exílio, Augusto realmente se guiou por considerações morais, não puniu um devasso e sim um cronista de uma sociedade. Outros poetas já haviam falado de seus amores; Catulo, uns trinta anos antes, Tibulo e Propércio, na geração anterior à de Ovídio, expressaram em seus versos sentimentos intensos. Porém Ovídio, não se inspirou em sua experiência pessoal para elaborar *A Arte de Amar* e *Os amores*. Por mais que fingisse que Corina, a heroína dos *Amores*, tinha sido sua amante, o fato é que ele recorreu muito mais à imaginação que às lembranças. No entanto exatamente por isso, Ovídio é testemunho de sua época. Seus predecessores haviam sido em larga medida testemunhas de si mesmos. Ovídio, ao contrário, representa fielmente a opinião de seus contemporâneos sobre o amor.

Cronologicamente Ovídio foi o último dos elegíacos latinos. Com ele chegou ao fim um gênero poético que surgiu em Roma e que servia exatamente para celebrar o amor. Ele recolhe os frutos de uma evolução para a qual contribuíram os sofrimentos, dos maiores poetas que o precederam. Em sua época, essas obras atuaram sobre as mentes, e graças a ela assistimos a elaboração de uma experiência do amor, totalmente nova e que, através das variações individuais, encontra sua forma definitiva nos poemas de Ovídio. Catulo, Tibulo, Propércio deram cada um sua contribuição; trabalharam inconscientemente para libertar o novo espírito dos moldes em que estava encerrado, e coube a Ovídio fazer uma espécie de balanço de um meio século de amores do qual Roma saía transformada, após uma crise moral que destruíra velhas concepções de sete séculos.²¹³

²¹³ Idem, p. 156.

A Roma do período ovidiano, é a cidade dos amores. Segundo Ovídio, tudo em Roma convidava ao amor: em toda parte os passeios públicos, praças, pórticos, ofereciam beldades vindas de todos os cantos do mundo:

*“Assim tu que procuras a matéria
de um amor que te prenda longamente,
aprende, antes de mais quais os lugares
que as mulheres freqüentam geralmente.”* (I, 49).

A Roma de Ovídio se parece muito com a cidade que Plauto descrevia, onde todos os olhares espreitavam as estrangeiras. Mas os galanteios eram lançados a uma multidão sempre renovada, que parecia, de acordo com Grimal, ter ido a Roma só para atiçar o desejo masculino. Para Ovídio, o amor é acima de tudo o desejo. Aliás, o verbo latino *amare* significa antes ser amante de alguém, e a *Arte de Amar* é a coletânea em que se encontram os conselhos mais eficazes para obter os favores de uma mulher.²¹⁴ Na verdade, como já foi dito antes, Ovídio pensava nas mulheres que vivem da “libertinagem” e cuja única preocupação é conquistar e conservar amantes. Não fala da vida conjugal, a princípio por decoro, depois porque o casamento evidentemente não deixa lugar para “amores”. Ainda que ame a esposa, Ovídio se atém aos lugares-comuns tradicionais no tocante a uniões legítimas:

*“Longe de nós as ásperas discussões
e os combates travados pelas línguas mordazes.
Doces palavras, eis o alimento*

²¹⁴ GRIMAL, op. cit. p. 157

*Que nutre o terno amor.
 Aceitemos as velhas discussões
 Que afastam o marido da mulher
 E a mulher separam do marido
 E fazem crer que estão sempre em litígio.
 Essas lutas, que têm por motivo
 O dote da mulher, são próprias dos casados.
 Mas só deve escutar a tua amante
 As palavras que de ti deseja ouvir.
 Não foi a lei que num só leito vos uniu.
 Para vós, amantes, a lei é o próprio amor.” (II, 153-158)*

Nestas palavras, percebemos que sem o peso das leis, o amor encontrava sua própria verdade. Seja qual for o juízo que nossa moral faça desta liberdade de prazer, o fato é que ela criava as condições de uma experiência amorosa “no estado puro”. Perigosa para a vida social, para o próprio futuro de Roma, a longo prazo destruidora da família e até da pessoa, ela permitia que o sentimento amoroso tomasse consciência de si mesmo e alcançasse novos refinamentos.²¹⁵

Na análise de Grimal, a tentativa de Ovídio impunha-lhe aceitar determinados dados comuns, em especial todos os preceitos romanos sobre a “psicologia das mulheres”. Como ele poderia introduzir nuances, já que realmente não falava em nome de uma experiência pessoal e as mulheres que menciona não são criaturas reais, porém, em algum grau, tipos abstratos? Ovídio ao tentar dar conselhos valiosos às mulheres de vários aspectos estéticos, físicos e culturais, se esquece um pouco que o amor de dois seres sempre

²¹⁵ GRIMAL, op. cit. p. 157.

tem uma qualidade própria, que a paixão é a aventura mais banal do mundo, e, no entanto também a mais pessoal.

Para Ovídio, a mulher é uma criatura passional e, porém, uma vítima preste a receber seu sedutor. Neste sentido, ele não se refere apenas as cortesãs, cujo ofício é o de seduzir, mas está convencido de que essa fraqueza constitui um dos traços essenciais da natureza feminina. *“Falei-vos dos horrores que as mulheres provocam com seus loucos amores. A paixão feminina é mais ardente, e mais impetuosa do que a nossa.”*²¹⁶ É mais ou menos a mesma linguagem adotada pelos filósofos ao tentar justificar as leis que autorizam meninas a se casar aos doze anos “por causa do desejo que sentem”. Ovídio não deixa de citar exemplos do frenesi amoroso que o senso comum atribuía às mulheres. No final do poema ele está livre para falar discretamente das mulheres que não sentem prazer nenhum porque a natureza lhes causou volúpia; cabe-lhes apenas simular, como cortesãs bem treinadas, as mais intensas emoções:

*“Nunca os doces murmúrios se interrompam
nem as palavras que escorrem quais carícias
e no meio das volúpias não se calem
aquelas que soam mais lascivas.
Mesmo se a natureza te negou
De Vênus as frementes sensações,
Finge o doce prazer experimentar
Com mentirosas inflexões.*

²¹⁶ *“Omnia feminea sunt ista libidine mota; Acrior est nostra, plusque furoris habet.”* OVÍDIO, *Ars Amatoria*, I, 341.

Infeliz da mulher se o órgão de prazer permanece insensível e que volúpias deve originar para ela e para o amante.” (III, 795-800)

As mulheres encontram-se ávidas de amor, e assim entregavam-se a qualquer tipo de coqueteria; quem as quisesse bastaria elogiar. Todos os elogios servem: os encantos físicos, as vestes, a aparência. Compete ao apaixonado saber até onde pode ir sem passar da medida. Sua missão torna-se mais fácil quando a dama começa a envelhecer e se preocupa com o próprio poder de sedução. Ovídio prefere a mulher que passou dos cinco lustros, pois ela deixa-se iludir com mais facilidade. Além dos elogios, o que mais toca a mulher é a amabilidade. Nas elegias eróticas, chegou um tempo em que a mulher, mesmo a cortesã ou liberta, é para seu amante a *domina*, a “dama”, que tem poder sobre ele. *Domina* era o termo com que os escravos da família designavam a ama. Em Roma os amantes usam este termo, para dar à amada a dignidade de uma “ama” e ao mesmo tempo expressar a total submissão que lhe dedicam. Para os outros ela não passa de uma *puella*, uma menina; para o amante, é a “dona”, e, com efeito, ele lhe presta os mil serviços geralmente exigidos dos escravos.²¹⁷ Se fizer calor durante o passeio, segura sua sombrinha; se ela retoca o penteado, estende-lhe o espelho, o que é tarefa da *ornatrix*. “*Não julgues que é vergonha (e vergonha que fosse, maior era o prazer) tu que és um homem livre, segura-lhe o espelho*”.²¹⁸

Ovídio compara a dependência e dedicação que devem encontrar sua recompensa na conquista e no prazer ao soldado: “*Do amor vos direi que é uma espécie de*

²¹⁷ GRIMAL, op. Cit. p. 159.

²¹⁸ “*Nec tibi turpe puta (quamuis sit turpe, placebit) ingênua speculum sustinuisse manu.*” OVÍDIO, *Ars Amatoria*. II, 215.

serviço militar".²¹⁹ De acordo com Grimal, este tema desenvolvido por Ovídio, é invenção de Tibulo²²⁰, mas Ovídio o repete com convicção e dele tira conseqüências de grande importância. Em Roma o soldado estava ligado ao chefe por um juramento, e só voltava a ser um homem livre no final do seu "serviço". Da mesma forma, no amor é preciso renunciar a toda liberdade, não pensar em si e correr em busca da amante! É certo que esta sujeição total é antes de tudo um movimento do instinto e encontra muitos exemplos no mundo animal; no entanto o notável é que este movimento natural seja justificado e codificado, que exija da vontade masculina uma abnegação perfeita em questão de amor – atitude diferente daquela percebida nos costumes da velha sociedade romana. Antigamente respeitavam a mulher desde que fosse esposa. Cercavam-na de grandes honras, mas cuidavam de limitar seu domínio ao interior da casa; quando se tratava de assuntos importantes, um romano digno, não obedecia aos caprichos da esposa.²²¹

Na sociedade descrita por Ovídio, tudo é contrário às tradições ancestrais: o homem livre torna-se escravo, o apaixonado faz-se servo de um ídolo que a um simples sinal pode lança-lo no desespero ou enche-lo de felicidade. Até então a esposa era "mãe" e "senhora" – mãe aos olhos do marido, senhora para os domésticos. Nesta época, a companheira (e não só a amiga de uma noite ou uma temporada) devia respeito e obediência. Há uma inversão, o homem se torna escravo porque ama, porque não conta com a proteção das leis: se desejar manter uma ligação que lhe dê felicidade, deve saber que tal felicidade não depende dele, e sim de uma dessas criaturas ditas mutáveis,

²¹⁹ "*Militiae species amor est: discedite, segnes!*" Idem, II, 233.

²²⁰ TIBULO, *Elegia* I, 1, 75. APUD: GRIMAL, op. Cit. p. 159.

²²¹ GRIMAL, op. cit. p. 160.

apaixonadas, mentirosas e infiéis. Para obter favores dessa “divindade” caprichosa, sua complacência deve ser ilimitada. Em *Arte de Amar* Ovídio até aconselha o amante a fechar os olhos para as infidelidades da amada. O amante pode se permitir sem remorso, algumas aventuras:

*“Não penses que arvorado em severo censor
te condeno a não ter mais que um amor.
Que tal escolha não agrade aos deuses!
A rigidez desse comportamento
mesmo à mulher casada é difícil de manter.
Diverte-te; contudo, sê prudente.
Que tua falta seja furtiva e escondida
do teu pecado o gosto não tornes evidente.” (II, 387)*

Não vemos nada de espantoso nestas palavras, no entanto o que pensar deste outro conselho?

*“Suporta o teu rival com paciência
e no fim a vitória será tua.(...)
O mais prudente é tudo ignorar.
Se é infiel a tua amiga, deixa-a
O papel de fiel representar.”(II, 539-540; 555-556)*

Ao querer tirar de uma amante o direito de escolha, seria comportar-se como um rústico, no caso os romanos, maridos ciumentos, aprendiam ser os mais liberais dos amantes. As “partilhas” inevitáveis quando a amada era uma cortesã, deveriam parecer

insuportáveis quando o objeto escolhido fosse uma mulher cujo tipo de vida a classificasse entre as “matronas” – e, no entanto não era nada disso. Ao que parece só o casamento autorizava o ciúme, e quem o sentisse ao amar livremente deveria dissimula-lo para não passar por grosseiro. É interessante pensar que na época, o mesmo homem que se vingaria exemplarmente de um rival surpreendido com sua esposa legítima não ousava sequer dar mostras de mau humor quando traído pela amante. Na opinião de Grimal, quanto se temia, nessa sociedade acometida do mal da liberdade, forçar os sentimentos, uma vez que se decidiu subtraí-los às leis. E também quantas reações tidas por naturais e espontâneas na realidade eram comandadas pelos costumes e regulamentadas pelo hábito!²²²

Na época de Ovídio é preciso render-se à evidência: o amor, a mais irracional das paixões, fora à forra, e os orgulhosos descendentes de Rômulo tinham de suplicar a mulheres que pela lei não podiam ser suas companheiras legítimas, que eles nunca poderiam obrigar a partilhar sua vida, mas a qualquer momento tinham a liberdade de abandona-los e entregar seu amor a outro. No entanto, há de acordo com Grimal, uma compensação para esse quadro tão pessimista do amor apresentado por Ovídio: as mulheres não são menos ávidas que o homem de conservar suas conquistas. Depois de repetir que as mulheres são mentirosas e astutas, que os falsos juramentos não lhes custam nada, Ovídio reconhece que, mais que o homem, elas têm a virtude da fidelidade. O elogio é bastante inesperado, dirigido a amantes profissionais: “*Pelos homens muitas vezes são frágeis mulheres torpemente enganadas e rareiam aquelas que à perfídia são dadas.*” (III, 31-32), e até as mulheres que não admitem o dever de ser virtuosas – às quais se dirige a *Ars*

²²² GRIMAL, op. Cit. p. 161.

Amatoria – participam sem querer dessa fidelidade que pertence a seu caráter natural.²²³

Desta forma, a *Ars Amatoria*, que a princípio parece apenas um manual do perfeito sedutor destinado a fornecer armas ao caçador de prazer, transforma-se pouco a pouco e se enriquece à medida que os sentimentos que descreve ganhem em profundidade. Além das coqueteiras e dos jogos galantes nasce o amor. Já não se procura o prazer em si, mas a partilha:

*“Nasce o prazer naturalmente e não
duma artificial provocação.
Para que jorre a fonte do prazer
É necessário que o homem e a mulher
Igualmente o partilhem.
Odeio o coito quando não é mútua
A desvairada entrega dos amantes
(eis por que encontro menos atrativos
no amor praticado com rapazes).
Abomino a mulher que se entregou apenas porque tem que se entregar
E que nenhum prazer experimentando
Frigidamente faz amor pensando
No novelo de lã.
Aborrece-me os frutos recolher
Das volúpias que me oferecem por dever.
O dever não me agrada na mulher.
Quero ouvir as palavras que traduzem
A alegria que sente a minha amante
Quando me pede para ir mais devagar*

²²³ GRIMAL, op. cit. p. 162.

E o impeto suster.”(II, 683-692)

Nas palavras de Grimal: *“Nesse ponto de plenitude partilhada, o amor desabrocha em ternura e, mais seguramente do que as leis, une os amantes no esquecimento de si mesmos.”*

A poesia de Ovídio pode ser considerada erótica para alguns e indecente para outros. No entanto, aos poucos Ovídio descobre e revela a seus leitores que, quando combina ternura e gratidão, o amor basta para preencher uma vida e criar entre dois seres um laço duradouro, ou seja, um casal deveria aliar uma compreensão mútua à atenção constante, e confiar mais no prazer para garantir a estabilidade do casamento. Desta forma seriam amantes e conseqüentemente mais felizes. As convenções da moral romana impediam Ovídio de proclamar isso, que para ele parece uma verdade da experiência, mas é a lição que se destaca de toda a sua obra. Nas palavras de Grimal:

*“(...) nisso consistia a imoralidade de Ovídio, e não na intensidade ou na indecência de suas descrições. Ele revelava a seu século o que este confusamente já havia percebido: que não há um amor ‘permitido’ e amores ‘tolerados’, mas que o amor, como Virgílio escrevera depois de Lucrecio, é o ‘mesmo para tudo o que vive’, que a paixão tem raízes em seu próprio ser e não é uma doença ou uma vergonhosa aberração.”*²²⁴

Em uma sociedade em que amores livres adquiriam importância cada vez maior, em que a “cortesã” tendia a afirmar seu reinado, as mulheres “honradas” não podiam

²²⁴ GRIMAL, op. Cit. p. 163-164.

deixar de procurar desforra. Muitas continuaram praticando as virtudes ancestrais e, se recorreram a seduções secretas para melhor conquistar seus maridos, a história delas não chegou até nós. Porém algumas também decidiram conquistar a liberdade e, já que as cortesãs eram amadas, dever-se-iam comportar como elas. Naturalmente muitas devem ter passado da medida.

4.4. A ARTE DE AMAR.

Percebemos que Ovídio pertencia à aristocracia romana do séc. I d.C., de modo que ao indicar suas táticas amorosas para as mulheres, ele fornece informações preciosas sobre as leituras que fazem do mundo em que vivem, sob o prisma de sua mentalidade aristocrática, mais do que a construção da mentalidade dos outros extratos sociais, aos quais se referem. E não podemos nos esquecer, que obras como a *Arte de Amar*, são escritas do ponto de vista masculino, e para o consumo masculino, com exceção do livro III que é dirigido às mulheres, porém também escrito sob a ótica masculina. Partindo desse pressuposto, é preciso deixar claro que “não existe uma única cosmovisão no seio da sociedade, pois maneiras de pensar o mundo diferem de acordo com as diferentes camadas sociais que compõem a sociedade romana”.²²⁵

O aparecimento na literatura latina, da elegia erótica na qual o amor, enquanto paixão, passa a ser não só um valor, mas o único valor da existência humana, constitui fato inovador. Até Catulo, a paixão amorosa de um homem por uma mulher não era sentimento digno de um cidadão romano e não havia tido guarida na literatura. A figura do adolescente tomado de interesse por uma mulher estava restrita, até então, ao ambiente de cortesãs e era personagem cômica que fazia rir as platéias de Plauto.

De acordo com Antônio Mendonça, sistematizar e transmitir conhecimentos através de processos poéticos pode causar espécie e suscitar dúvidas, uma

²²⁵ FUNARI, P. P. A. , “*Cultura Popular na Antigüidade Clássica*”. São Paulo: Contexto, 1989, p.14.

vez que a prosa parece ser o meio mais adequado. A maturação e posterior constituição desse gênero, o elegíaco, parece ter longínquas raízes históricas, em um momento em que as pessoas, desprovidas de condições necessárias para ter acesso à escrita, passaram por uma fase de predomínio da oralidade. É de se supor também que, nessa etapa, estas pessoas precisaram encontrar nos processos orais de comunicação, meios eficazes para a transmissão de todo o seu conhecimento. A poesia, em razão de seu ritmo constante e uniforme, muitas vezes aliada à música, tem o privilégio de ser de memorização mais fácil do que a prosa. Estariam aí os primeiros passos de um processo que se servindo inicialmente da poesia como meio para transmitir a tradição do grupo acabou resultando num gênero literário aproveitado pela literatura escrita.²²⁶

Ovídio trabalha em parte de suas obras, principalmente a *Ars Amatoria*, com a noção de feminilidade e masculinidade dada pelos aspectos físico, ético e amoroso. Segundo Lourdes Feitosa, “*no estudo do corpo é importante mediar os traços físicos pelos aspectos culturais que delineiam as diferentes maneiras de tratá-lo e interferem na distribuição das funções exercidas pelos indivíduos*”. Por meio desta definição estética, dos cuidados com corpo e de sua postura, é exteriorizada uma linguagem social que envolve aspectos éticos e amorosos²²⁷.

Para os diferentes grupos sociais que compõem a sociedade romana, são apresentadas normas específicas de conduta social e sexual, explicadas pelas diferenças

²²⁶ Ovídio, op. cit, p. 13. (Nota introdutória de Antônio Mendonça.)

²²⁷ FEITOSA, Lourdes M. G. C. “*Homens e Mulheres Romanos: O corpo, o amor e a moral, segundo a literatura amorosa do primeiro século d. C.*” Dissertação (Mestrado), Unesp, Assis, 1994, p. 02.

entre o seu *status* jurídico, ser cidadão ou não cidadão e o *status* social, o lugar que cada indivíduo ou grupo ocupa na sociedade, o que definirá os direitos, os deveres e o comportamento social esperado de cada um deles. Segundo Lourdes Feitosa, esta relação sócio-sexual é dada por conceitos morais que são entendidos como um conjunto de valores e regras apresentado aos indivíduos e aos grupos, bem como o comportamento real destes em relação ao conjunto prescrito, o grau de sujeição e a transgressão dos indivíduos às regras e valores propostos, que é representado, satirizado, aceito e negado através das relações amorosas. O estudo das relações afetivas sinaliza para imagens estéticas e posturas sexuais e morais que se encontram vinculadas à representação dos papéis sociais definidos para homens e mulheres.

No entanto, isto não significa que toda a aristocracia romana aceitasse naturalmente os conselhos amorosos de Ovídio, considerados danosos à moral e aos bons costumes, reprovados pelos movimentos filosóficos como o epicurismo e o estoicismo, entre outros, que acentuaram a rigidez moral dos costumes. Porém, Ovídio possui toda uma tradição literária que lhe respalda, qual seja a dos poetas elegíacos.

Partindo da distinção entre matronas e cortesãs, com o alibi de dedicar-se às últimas, a compreensão da mulher foi despontando nos elegíacos como algo completamente distinto do modelo tradicional. De acordo com Manuel Rolph Cabeceiras,

para esses poetas as mulheres são seres passionais, ávidas de amor e, ao desejarem apenas isso, entregar-se iam a todo tipo de vaidade.²²⁸

Em seus poemas, as cortesãs e libertas são para Ovídio a *Domina*, a senhora, a qual exerce sobre o poeta o seu poder. O amante se veria obrigado a passar por várias provações, pois conforme o gênero elegíaco, as mulheres são mutáveis, apaixonadas, mentirosas e infiéis. Cobranças não eram aceitas, pois só o casamento autorizava o ciúme. A vida conjugal e o amor livre seriam dois mundos governados por regras completamente diversas. Ovídio imporá mudanças a esta tradição, aconselhando o uso de remédios para curar o mal de amor, pois este era visto como doentio, tanto quanto era tido como essencial à vida. Outra forma de mudar esta tradição estava na defesa do gênero feminino e respeito mútuo para ambos os sexos até que se evolua da sedução para o amor partilha.

*“Nasça o prazer naturalmente e não
Duma artificial provocação.
Para que jorre fonte do prazer é necessário que o homem e a mulher
Igualmente o partilhem.”*(II, 683-692).

O tipo de discurso feito pelo autor corresponde à linguagem poética, que se distingue em estilo de outros discursos literários proferidos, também por membros da própria aristocracia. Entretanto, apresentam situações, conceitos e atitudes, por vezes

²²⁸ CABECEIRAS, Manuel Rolph De Viveiros. “Representações culturais e publicização da vida social na literatura latina: a mulher e o amor no ‘corpus ovidianum’.” In: *Phoînix*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998, pp 287 – 298.

moralistas, outras vezes hilariantes, cuja característica cômica ou ética é partilhada pelos seus pares.²²⁹

A opção de trabalhar com obras literárias, no caso, poesias construídas a partir de criações artísticas, traz indagações sobre a possibilidade e a maneira de utilizá-las como um documento histórico. Que leitura deve ser feita dos relatos afetivos de Ovídio, ou dos seus conselhos para uma boa conquista? Como recuperar valores éticos e físicos de homens e mulheres que fizeram a História de Roma do século I?

É comum em obras literárias, os personagens e suas histórias serem frutos da invenção e da criatividade do autor, mas o cenário, o enredo dos movimentos e os julgamentos apresentados pelos personagens, evidenciam, mesmo que desordenadamente, o espaço social conhecido pelo autor.²³⁰ A obra não deixa de apresentar os recursos de linguagem da época, as formas literárias conhecidas e todo um conjunto de idéias que apresenta e critica um universo que torna impossível a sua separação do lugar onde foi produzida.

De acordo com Lourdes Feitosa, a análise que é feita do discurso do autor tem sua importância, justamente por não se limitar ao discurso proferido, mas em refletir como e por que isso foi retratado. “*Se não houvesse nenhum tipo de representação no*

²²⁹ FEITOSA, op. cit. p. 10.

²³⁰ Idem, p. 8.

imaginário coletivo da época, por quê se escreveria sobre esses amores e valores de compreensão pouco acessível para os seus leitores? ²³¹

Com relação aos aspectos polêmicos abordados por Ovídio, temos a crise de consciência vivida pelas elites romanas. A mulher inexistente, portanto, não é possível orientar um modelo de construção poética das personagens femininas em sua obra. Nesse sentido segundo Manuel Cabeceiras, rompe-se qualquer preconceito,

“(...) pois exaltar a mulher como Domina, denota, apesar das conquistas alcançadas na conjuntura, em Roma, o funcionamento de um mecanismo compensatório – a exaltação a nível do imaginário corresponde, antes, a uma permanência ainda da discriminação da mulher nas práticas sociais relevantes.” ²³²

As representações culturais desenvolvidas por Ovídio, procuravam dar resposta a expectativas e interesses do momento, e acaba por seguir uma direção distinta, alternativa à dos esforços, e não necessariamente aos propósitos da política imperial. Enquanto Augusto, face a crise de consciência do período adota um caminho moralista, já Ovídio assume outra postura, comprometendo-se decididamente com aquilo que poderia ser identificado como novidades culturais, e que fornecem o arcabouço com o qual é identificada a sua epopéia. ²³³

²³¹ Idem, ibidem.

²³² CABECEIRAS, op. Cit. P. 296.

²³³ Idem, p 297.

Como já dissemos anteriormente, a *Ars Amatoria* de Ovídio, trata-se de um manual didático de galanteio, em que o autor dá dicas de sedução e conquista a homens e mulheres do período, e que de certa forma podemos considera-las atuais, servindo como manual até mesmo a sociedades posteriores.

*“Se acaso existe alguém entre este povo
que da arte de amar nada conheça,
leia o presente livro – a ver se douto
fica nesta matéria que lhe interessa (...).” (II, 1).*

Ovídio inicia o poema com o verso acima. Como já dissemos, a obra é composta por três livros. O primeiro é dirigido a homens, em que o autor ensina aonde se deve procurar a sua amada e como escolhe-la. O segundo livro, ensina a arte da conquista, como manter o amor desta dama. E o terceiro livro é voltado às mulheres, como escolher um amante e manter o amor do mesmo. É possível perceber entre os livros, uma espécie de fio condutor que demonstra a classificação do pensamento do autor.

No início do livro I, o autor se diz experiente nesta arte pela prática. No entanto, diz que a obra não é biográfica, não se trata de sua vida, e usa a imaginação para escreve-la. Na parte citada abaixo, veremos a quem o autor se dirige e qual sua intenção:

*“Ó mãe do Amor, secunda o meu intento!
E vós, longe daqui, ó finas faixas
Que sempre do pudor sois ornamento!
E tu, também, ó longo véu que tapas
Das matronas os pés, vai-te no vento!*

*Eu só a quem é livre me dirijo:
Apenas me dirijo a quem não tema
Os prazeres mais a furto concedidos...
Trata de procurar, antes de mais,
Aquele a quem desejas.” (I, 31-36).*

Percebemos nestes versos que o autor se dirige a mulheres consideradas livres, caso já visto nos capítulos anteriores; no entanto, a obra, no momento de sua leitura, já não pertence mais ao autor, e pertence sim ao leitor, que pode interpreta-la de forma distinta da proposta do autor ao produzi-la.²³⁴

E a que tipo de homens ele se refere? Ele se refere primeiramente aos jovens inexperientes na arte de amar, e dirige seus conselhos, tendo um plano traçado para esta tarefa:

*“Aqui tens o plano, nas suas grandes linhas.
Este vai ser de nosso carro o curso;
Esta, a meta – que há de ser atingida
No termo do percurso”. (I, 39-40)*

De acordo com Glaydson Silva, para cada uma das tarefas indicadas, são inúmeros as metáforas e recursos lingüísticos utilizados, muitos dos quais aparecem com considerável frequência no texto, aludindo entre as determinações retóricas do autor. As representações de homens e mulheres e de suas relações, guardam estreito vínculo com as figurações dos gêneros e suas relações no mundo social. A elegia, assim como a literatura

²³⁴ RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1994, p. 118.

amorosa de forma geral, é o campo privilegiado das figuras de linguagem, nela, a metáfora ocupa lugar de destaque.²³⁵

Ao iniciar seu “percurso”, Ovídio diz que em primeiro lugar deve-se saber onde procurar as mulheres que podem ser possíveis amantes. Nas praças públicas, nos pórticos, no Fórum, nas festas consagradas, nas corridas de cavalos e nos teatros é possível encontrar mulheres que possam se relacionar apenas uma vez, mulheres que se possa amar ou se divertir. Neste último lugar, Ovídio descreve o ataque dos homens às mulheres, comparado á uma caça:

*“Se gostas de caçar,
é sobretudo nos anfiteatros
que a caça é abundante.
Oferecem-te os teatros
Muito mais do que possa desejar.”* (I, 89-90).

E ainda adiante compara este ato ao rapto das Sabinas:

*“No meio dos aplausos
(nesse tempo os aplausos eram bruscos)
dá o rei o sinal que o povo espera para a cobiçada presa arrebatam.
Num clamar confessando o seu desejo
Saltam eles a uma árdentemente,
As mãos ávidas lançando sobre as virgens.
(...)medrosas são agarradas as Sabinas
pelas furiosas garras destes homens(...)”* (I, 107-116).

²³⁵ SILVA, Glaydson José. *Aspectos de Cultura e Gênero na ‘Arte de Amar’ de Ovidio, e no ‘Satyricon’, de Petrónio: Representações e relações.* (Dissertação de mestrado) Campinas, Julho de 2001, p. 67.

As representações metafóricas mantêm uma ligação direta com os papéis desempenhados pelos agentes sociais. Para representar homens e mulheres, Ovídio faz uso de alegorias discursivas, estabelecendo uma relação de submissão feminina para com os homens. Esta condição é percebida no texto sempre de forma binária, em categorias como superior e inferior, predador e presa. Junto a estas representações, Ovídio faz constantes alusões bélicas. Assim como o caçador apresenta-se à caça, o soldado aparece da mesma forma fazendo uma relação com o objeto de sua conquista, e compara o amor a uma espécie de serviço militar: *“Do amor vos direi que é uma espécie de serviço militar.”* (II, 233).

Quanto à descrição do homem a que o autor se refere, percebemos que se trata de um homem de condição livre e possuidor de um certo *status* dentro da sociedade romana. A partir do traje e dos hábitos de higiene é possível identifica-los. Com a estética Ovídio não se atém muito, ao contrário, critica a vaidade demasiada dos homens. Ele se preocupa com a boa educação, o conhecimento de duas línguas, com as artes liberais e eloquência. Desta forma é claro a preferência de um público masculino culto, rico e respeitado. Deste tipo de homem a mulher pode esperar um comportamento amoroso e austero:

*“Convém aos homens a beleza descuidada.
 (...)É a elegância simples e correta
 que nos homens agrada.
 Fiquem seus belos corpos bronzeados
 Quando no campo de Marte se exercitam;
 Que a toga caia bem
 E não esteja de nódoas maculada;*

*No calçado com a fivela bem ligada
 Não se vejam os pregos com ferrugem;
 E num sapato demasiado grande
 Não fique o pé a nadar dentro do couro;
 Que os teus cabelos não sejam deformados
 Por um mau corte nem fiquem eriçados;
 Sejam por um barbeiro experiente
 Os pêlos da tua barba trabalhados;
 Que as tuas unhas sempre se apresentem
 Limpas e bem cortadas
 E nenhum pêlo desponte das narinas;
 Que mal cheirosa a boca não exale
 Um hálito agressivo
 E finalmente que o odor do macho,
 Do chefe do rebanho, o cheiro a bode,
 A fina pituitária não ofenda.”(I, 505; 511-520)*

Ao iniciar suas táticas amorosas, Ovídio diz que toda a mulher pode ser seduzida: “*Para começar, convence o teu espírito que todas as mulheres sem exceção há de atraí-las a tua sedução.*”(I, 269-270) E afirma que o amor clandestino agrada tanto ao homem quanto à mulher, por este motivo não se deve desistir da conquista ainda que pareça à mulher não agradar, apesar da mulher fingir mais que o homem:

*“Mesma essa de quem pensas ‘não me quer’
 não julgues que te nega.
 Se o amor clandestino agrada ao homem
 Não é menos simpático à mulher.
 São os homens porém mais desastrados na arte de fingir.
 É refinada a mulher no fingimento*

De alimentar um secreto sentimento.”(I, 275)

Para Ovídio, e toda sociedade, já que ele é um representante desta, a mulher é um ser incapaz de controlar suas paixões, possuía uma avidez insaciável que a levava a impulsos inconseqüentes, esta parece ser uma característica comum aos textos elegíacos, porém, faz parte do imaginário masculino esta falta de controle da libido feminina:

*“Falei-vos dos horrores
que as mulheres provocaram
com seus loucos amores.
A paixão feminina é mais ardente
E mais impetuosa do que a nossa.” (I, 341-343)*

Para encontros clandestinos, Ovídio ensina que se deve primeiro conhecer a escrava para ter acesso a amada, e diz também como tratar e agir com esta escrava; no entanto, seduzi-la pode ser perigoso, pois pode tornar-se ciumenta. Porém se a escrava possui seus encantos, *“empenha-te primeiro em conquistar a ama, depois que venha a escrava! Mas nunca pela serva o teu tributo a Vênus comeses a pagar! (...) Não receies ser denunciado por quem no crime participa.” (I, 383-386;389-390).*

O poeta, também previne que estas mulheres, sempre estão prontas a tirar algo do amante: *“Por mais que te defendas, um presente qualquer há de arrancar-te: de se apossar da riqueza do amante inventou a mulher a consumada arte.”(I, 416)* Continua existindo uma preocupação com relação a questão dos bens materiais. As mulheres são

sempre vistas como interesseiras à procura de quem possa lhes proporcionar uma boa condição. Mas também, o amante deve fazer promessas, como forma de preservá-las com ele:

*“Se fizeste uma oferta a tua amante
Corres o risco de ser abandonado.
Ela não perde nada e o lucro já o teve no passado.
Mas se o presente ainda não foi dado
Podes sempre a aparência simular
De quem mais uma oferta lhe vai dar.” (I, 445-447)*

Ovídio diz para os homens terem boa fé e agirem conforme a sua consciência, exceto com as mulheres, pois ter boa fé com elas e ser enganado pode ser muito vergonhoso:

*“(…) zombarás apenas das mulheres
pois é só neste caso
que a boa fé mais que o logro é vergonhosa.
Enganarás aquela que te engana.
São as mulheres na sua maioria
Uma raça bem pouco escrupulosa.
Caíam elas nas redes que lançaram!” (I, 642-644)*

Na segunda parte do livro, Ovídio diz que para conservar o amor de uma mulher, o homem deve ser amável e cuidar do espírito, a beleza não é o mais

importante²³⁶: *“Prepara desde já um espírito que fique e a beleza do corpo assim se fortifique. Só o espírito dura até à fúnebre fogueira.”* (II, 120) Para os amantes deve-se evitar as discussões, estas só afastam o marido da mulher: *“Mas só deve escutar a tua amante as palavras que de ti deseja ouvir. Não foi a lei que num só leito vos uniu. Para vós amantes, a lei é o próprio amor.”* (II, 156-158)

No jogo da conquista e sedução, para manter o amor da mulher, Ovídio aconselha que ela não deve ser contrariada: *“Do meu prudente tratado, os mandamentos são bem mais fáceis se seguir. Se a tua amiga te contraria, cede; cedendo sairás da luta vencedor. Desempenha o papel que ela quiser.”* (II,197-198) O jogo de interesses é bem claro na obra de Ovídio, desde a promessas de presentes, até a esperança de um testamento. Ovídio dá conselhos de como se deve agir em caso da amante adoecer:

*“Que a tua amiga goze de perfeita saúde!
Mas se em virtude de uma indisposição
Ela ficar de cama, se doente,
do céu a malévola influencia
a tua amiga sente,
mostra-lhe o teu amor e a tua devoção.
(...)usando destes meios muita gente
abriu caminho para um testamento.”* (II, 319-322;332)

²³⁶ Ao contrário dos Gregos que valorizavam a beleza física.

Interessante é perceber, a atitude do autor com relação à traição feminina, quando o marido não está presente e a deixa com outro homem. Para Ovídio, a culpa é do próprio marido:

*“A tua bela esposa mais não fez
que os teus conselhos seguir obediente.
Que outra coisa podia ela fazer
Quando ti, o marido, estás ausente
E receando ficar só no leito
Que levianamente abandonaste,
Do hóspede que nada tem de rústico
A tentação lhe surge pela frente...?
Que o Atrida pense o que quiser:
Eu absolvo a mulher. Declaro-a inocente
E culpo a ingenuidade do esposo complacente.” (II,370-372)*

Percebemos também, que a mulher para o autor, é incapaz de ser fiel quando não está sendo vigiada. No caso de traição do marido, Ovídio orienta o homem a ser prudente e não despertar a ira da esposa, pois: *“É assim que amores firmes e ajustados são brutalmente um dia destroçados. Se és um homem prudente evita tais acusações.”* (II, 386-386) E Ovídio continua dizendo que não condena o homem a um só amor, e que a rigidez desse comportamento é difícil de manter até mesmo para a mulher casada. No entanto diz que a falta do homem deve ser escondida, e não deve nunca cometer o erro de oferecer um presente a amante que a esposa possa reconhecer; encontros não devem ser marcados sempre no mesmo local para não correr o risco de ser pego. Se por acaso for descoberto, deve negar até o fim: *“Se os teus atos ainda que escondidos são por fim*

descobertos, mesmo assim nega-os até o fim. Não sejas mais submisso do que costuma ser nem mais acariciante do que habitualmente.” (II, 410-412) No entanto o autor acha a concorrência importante para algumas mulheres:

*“Sei de algumas mulheres a quem a receosa
Obediência do amante em geral aborrece;
Se não tiverem uma rival perigosa seu amor enfraquece.”* (II, 435-436)

E continua descrevendo a reação feminina:

*“Do mesmo modo, se o amor desmaia
no doce torpor da segurança,
deve o amante empregar agulhões penetrantes
para o amor acordar da sua sonolência.
Faze que a tua amiga a cada hora tema.
No seu coração morno desperta um vivo amor.
Faze que a face rosada perca a cor
Quando louca souber que tens outra mulher.”* (II, 443-446)

Ovídio julga feliz o amante cuja amiga se lamenta por ter sido ofendida, e este amante deve oferecer-lhe carinho para que as pazes sejam feitas: *“A cama é o lugar onde nasce o perdão.”* (II, 465)

Em caso de um rival, Ovídio aconselha: *“Suporta o teu rival com paciência e no fim a vitória será tua.”* (II, 539-540) E continua ensinando como agir em

caso de infidelidade: *“O mais prudente é tudo ignorar. Se é infiel a tua amiga, deixa-a o papel de fiel representar.”* (II, 555)

Na obra do autor, uma passagem que chama a atenção e que já foi comentada anteriormente, é a importância que Ovídio dá a satisfação sexual da mulher, fato este não levado em conta por grande parte da sociedade romana do seu período. (II, 683-692)

A mulher da sociedade romana, matrona, a qual representa os valores tradicionais de mãe, educadora, guardiã do lar, aparece na elegia como mulher. Aqui ela tem seu lugar de desejo, visto que para os romanos, o casamento não é o lugar da satisfação de seus desejos sexuais. Nesta sociedade romana, amor e casamento não se encontram ligados.

A parte da obra voltada às mulheres se inicia falando da culpa, como um sentimento feminino, porém para Ovídio não se deve generalizar, pois nem todas as mulheres possuem esta macula:

*“Entre muitos, algum talvez possa dizer:
Para quê o curral abrir à feroz loba
E às serpentes um novo veneno fornecer?
Cuidado! Não estendas a todas as mulheres
A feminina culpa,
A peçonha que a alma só de algumas macula.
Que cada uma seja por seus atos julgada!”* (III, 7-10)

Em seguida, o autor fala da virtude comparada a mulher. Ensina-as como serem amadas e fala novamente à que mulheres é dirigido o poema:

*“A virtude é mulher pelo nome e pelo traje;
 não é de admirar
 que as mulheres a acolham com natural agrado.
 Mas não a tais espíritos dirijo o meu tratado.
 À minha embarcação menores velas convêm.
 Só ministro o ensino de ligeiros amores.
 Às mulheres vou dizer o que devem fazer
 Para serem amadas.
 Das chamas, ó mulheres!
 E dos arcos cruéis
 Não sabeis evitar as terríveis ciladas.
 Pelos homens muitas vezes
 São as frágeis mulheres torpemente enganadas
 E rareiam aquelas que à perfidia são dadas.” (III,23-32)*

Ovídio diz que o problema das mulheres está em não saber fazer o amor durar: *“Da vossa perdição a causa vos direi: Não sabeis amar, faltava-vos a arte que faz o amor durar.”* (III, 41-42) Afirma receber a inspiração de Afrodite, e assim as mulheres devem aprender a lição. Lembra-as que a velhice um dia chegará:

*“Da vida um só momento não deixeis de gozar.
 Enquanto a primavera da vida vos ocorre
 diverti-vos, mulheres,
 porque os anos vos fogem como a água que corre.
 A onda que passou
 Diante dos teus olhos nunca mais voltará*

*E a hora que morreu não ressuscitará(...)
 Colhei a flor, mulheres! Se ela não for colhida,
 Cairá por si mesma fanada e emurchecida.
 Não esqueças também
 Que os partos envelhecem as belas raparigas:
 Gasta-se o verde campo quando nele fazemos
 Colheitas repetidas.”(III,63-82)*

Esta parte do poema, um tanto melancólico, demonstra a rápida carreira das mulheres que vivem para amar e chegam ao fim da vida abandonadas sem que tenham conseguido garantir sua sobrevivência. Os conselhos de Ovídio têm a intenção de ensiná-las a garantir um futuro, faze-las amadas e talvez consigam até ser desposadas. No entanto o autor aconselha que elas pratiquem o amor e não a prostituição: *“Mas mulheres atenção! Minha voz aconselha que pratiquéis o amor, não a prostituição, (...)”*

Para Ovídio, a beleza é um dom divino, mas nem todas podem orgulhar-se dela, segundo o autor, é possível tornarem-se bonitas, e inicia uma série de dicas de estética e beleza (III 129-132; 193-194). Ovídio também incentiva suas alunas a estudar arte, música e literatura, esta instrução é dada às cortesãs como vimos no capítulo anterior:

*“Aqueles que seguirem meus conselhos
 não ignorem a arte ”
 do plectro na mão direita segurar
 e à mão esquerda a cítara entregar.(...)
 Aprenderas também a percorrer
 Com mão ligeira o ‘nablium’
 O alegre instrumento*

Que para os doces encontros recomendo.(...)
Lereis também os versos
De Propércio, poeta enternecido,
Alguns de Galo, ou tuas obras, Tibulo,
E o tosão de ouro cantado por Varrão
Tosão fatal a tua irmã, ó Frixo,
E as viagens do fugitivo Enéias,
A origem desta soberba Roma,
A obra mais ilustre que o Lácio produziu.” (III, 319-320;327-329;332-338).

É interessante perceber que estas dicas que são comuns às cortesãs são dadas também as mulheres livres.(III, 342-346) Ao mesmo tempo em que Ovídio diz pregar o amor e não a prostituição, o autor passa dicas de informações que fazem parte do cotidiano das cortesãs.Outro fato importante é percebido, no momento em que o autor adverte, que a mulher casada deve temer seu marido, mas não sendo uma matrona, pode seguir aos seus conselhos:

“Tema a mulher casada o seu marido;
dia e noite seja ela vigiada.
Eis o que exigem as conveniências
As leis, o nosso chefe, e o pudor.
Mas quem poderá admitir
Que te submetam à mesma vigilância
A ti que pela varinha do pretor
Foste agora tocada? Para aprenderes a enganar
Agrega-te ao meu culto.” (III, 611-616)

O autor também ensina como a esposa deve agir ao trair seu marido com

um amante:

*“Mas já que sem usardes da esposa
a sagrada faixa, sois casadas
e quereis enganar vossos maridos,
que a mão de um escravo ou de uma serva
seja a discreta mensageira
das tabuinhas de cera.(...)(III, 483-486)*

Ovidio e suas “inovadoras e revolucionárias” idéias sobre a sexualidade, em especial, no que se refere à mulher, custaram-lhe a deportação. Informações como estas citadas, podem ter sido o motivo da acusação de imoral e incitador ao adultério, pelo imperador Augusto. O imperador, por sua vez, havia ditado uma série de leis, através das quais tentava frear a imoralidade crescente que invadia a sociedade, especialmente nas classes altas, restabelecendo as tradicionais virtudes romanas de sobriedade, austeridade e, se não fidelidade (por parte do homem), pelo menos estabilidade matrimonial e familiar.²³⁷

Mas o que mudou realmente em Roma para que o imperador visse a sociedade romana em perigo e considerasse imprescindível restabelecer “os bons costumes?” Segundo Cuatrecasas, o que se modificou substancialmente foram à mentalidade e a atitude da mulher. O homem romano continuou basicamente o mesmo, ele sempre gozou com suas amantes e concubinas em relações extramatrimoniais, e nesse caso não houve, portanto, nenhuma mudança fundamental, se bem que partia para o divórcio com mais facilidade. Foi a mulher que mudou. A mulher que antes aceitava resignada sua sorte – ou melhor, seu “infortúnio matrimonial e sexual” -, agora, pelo contrário, liberada,

²³⁷ CUATRECASAS, Alfonso. *Erotismo no Império Romano*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997, p.131.

não queria mais ter filho, porque a gravidez deformava sua figura e fazia-lhe perder a firmeza dos seios. Foi a mulher que já não se conformava com seu papel meramente passivo nas relações sexuais. E foi ela quem começava muitas vezes a levar a iniciativa nos divórcios, se não amava seu marido, ou não achava satisfatória suas relações. Foi a mulher também que timidamente começou a sair “à caça” de amantes e aventuras eróticas, e essa situação transformou e muito a estabilidade familiar, célula básica e fundamental da sociedade e, conseqüentemente, do Estado romano, do qual a mulher era elemento-chave.²³⁸

No ano 2 a.C., quando a mulher achava-se em avançado processo de evolução e o governo de Augusto se esforçava por impor os velhos costumes, apareceu a “*Ars Amatoria*”, que representou uma autêntica revolução na “arte” do amor. Sua idéia revolucionária – talvez uma simples constatação, reconhecimento e incitação pública do que realmente sentiam já os homens e mulheres romanos – é que o prazer sexual, para ser plenamente satisfatório, tinha de ser mútuo, e a relação, livre e espontânea por ambas as partes. O homem, por sua vez, não devia impor seu domínio na busca do prazer que encontrava na sedução. Devia cortejar a mulher, objeto de seu desejo, devia se esforçar para atraí-la com suas maneiras e seu porte. Inclusive, se tivesse um rival, deveria suportá-lo com resignação, convencido de que com paciência, tenacidade e discrição sua amada voltaria espontaneamente para ele. (II 539-540).

*“Sinta a mulher que os deleites de Vênus
ressoam nos abismos do seu ser;*

²³⁸ Idem, p. 132.

*e para os dois amantes
 seja igual o prazer.
 Nunca os doces murmúrios interrompam nem as palavras que escorrem
 quais carícias
 E no meio das volúpias não se calem
 Aquelas que soam mais lascivas.
 Mesmo se a natureza te negou
 De Vênus as frementes sensações,
 Finge o doce prazer experimentar com mentirosas inflexões.
 Infeliz da mulher se o órgão de prazer permanece insensível
 E que volúpias deve originar para ela e para o amante.
 Mas cuidado não seja o fingimento
 Manifesto e visível.
 Que a fingida expressão e os movimentos que o teu amante enganam
 Seja aos teus olhos crível.” (III, 793-802)*

Estes versos implicavam que tanto o homem como a mulher tinham de procurar, além do seu próprio prazer, o do companheiro. Ou seja, nem a prostituição nem o matrimônio eram fontes de autêntico prazer, porque, no primeiro caso, a mulher ia para a cama por interesse, e, no segundo, ainda que os esposos se amassem, era o dever que conduzia a esposa para o leito. Só no caso da amante é que o amor levava a mulher para o leito do amado; assim, o amor se traduzia antes de tudo, e especialmente, em prazer. Amor e prazer, neste caso deveriam ser a mesma coisa. “Tinha que ser um sentimento anárquico e impetuoso, não ditado pelas leis”.²³⁹ E, embora Ovídio cansasse de repetir que sua obra se dirigia às prostitutas e às mulheres de vida licenciosa, fica claro que ele acreditava firmemente que também as matronas desejavam e sucumbiam ao prazer. Ele pretendia que

²³⁹ Idem, p. 133.

toda mulher e todo homem que se amassem deviam transformar-se em objeto e sujeito de prazer mútuo. Em síntese, esta era a revolução sexual de Ovídio – algo muito lógico para nós – porém esta “revolução” custou-lhe a morte no exílio.

No entanto, como Augusto poderia tolerar essa interpretação das relações sexuais, um convite aberto e uma incitação ao adultério? Como admitir esse público convite ao amor livre, se até pouco tempo antes, as relações do homem romano com sua esposa, ou com qualquer uma de suas amantes, baseavam-se na relação dono-escravo, em que a mulher devia ser um modelo de virtude a serviço do amo e esposo? Como Augusto poderia tolerar essa submissão à amada, quando durante toda a história de Roma era até sinônimo de vergonha e falta de virilidade o preocupar-se com o prazer da própria esposa durante o coito? E finalmente, como tolerar que se incitasse a mulher romana a seduzir homens e procurar os amantes que quisesse, ensinando em seu livro como deveria tirar o máximo partido de sua beleza e de suas habilidades na cama, bem como experimentar o máximo possível do prazer?

Ainda que saibamos que a “*Ars Amatoria*”, de Ovídio, teve excelente acolhida e ampla difusão na sociedade romana, não sabemos até que ponto realmente influiu no progressivo relaxamento dos antigos costumes romanos. Porém, o que sabemos, é que apesar das medidas de Augusto, a mulher romana, esteve em busca de sua liberdade e de uma forma de amor e prazer, que pudesse compensá-la por tantos anos de frustrações e repressões.

5. CONCLUSÃO.

Hoje em dia, a amante, é representada em romances, filmes, novelas de tevê, peças de teatro e mesmo na cabeça da maior parte das pessoas como vilã, mulher fatal e perigosa, ameaça aos lares felizes e à família, a “outra”, a amante do homem casado, é um personagem muito presente na vida. Reais ou não essas representações tornam a amante um ser misterioso e profano, encoberto por enigmas e máscaras, que pode a tudo e a todos contaminar. É a mulher pecadora, Eva, desobediente a Deus e aos valores da sociedade, que deve permanecer escondida para não macular a pureza das virgens e das esposas fiéis. Seu destino é sempre infeliz: a morte ou a velhice solitária. Para as que cuidam com amor e sacrifício da moral familiar, restam as benesses sociais: os filhos, os netos, o amor eterno do marido.

Odiada ou invejada, a amante permanece oculta. Sem possuir a identidade principal da mulher em nossa sociedade – esposa-mãe -, esconde-se atrás de outros papéis. No entanto, existe uma identidade própria da amante? Sim, de acordo com Mirian Goldenberg,

“(...) existe uma identidade própria da amante, construída a partir das acusações internalizadas de desvio e por um contraste com a identidade da esposa. Esta identidade aparece manipulada, construída de forma a

valorizar a amante em detrimento da esposa e de fugir das acusações e discriminações sociais.”²⁴⁰

A Amante se constrói como a verdadeira companheira em todos os níveis (afetivos, sexuais e intelectuais), enquanto a esposa aparece como o vínculo obrigatório do parceiro. Tanto hoje em dia, quanto na antiguidade clássica, vemos que este “conceito” de amante não é muito diferente apesar de toda a distância que separa uma da outra.

Em discursos, como os de Ovídio, aparecem contradições, ambigüidades, incoerências, tensões e conflitos. Apesar do relacionamento amoroso ser idealizado, os amantes demonstram o desejo de serem os únicos uns dos outros, tanto no caso do homem quanto da mulher. Este desejo surge das mais variadas formas, desde a mais conservadora (casar legalmente) até as mais modernas (cada um com sua independência.) Justapõem-se o “velho” e o “novo”, o “tradicional” e o “moderno”, o “hierárquico” e o “igualitário”, demonstrando existir um modelo que está sendo construído sempre. Os papéis, as identidades e as referências perdem-se num emaranhado de questionamentos e incertezas.

No entanto, abordar as questões do gênero, ou seja, o que é ser mulher, as representações sobre os papéis femininos e a inserção da figura da amante neste contexto de representações, nos parece pertinente.

Partindo da diferenciação entre sexo e gênero, referindo-se o sexo ao biológico (macho/fêmea) e o gênero sendo uma construção social sobre as qualidades

²⁴⁰ GOLDENBERG, Mirian. *A Outra: Estudos antropológicos sobre a identidade da amante do homem casado*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 65.

biológicas, é possível perceber, como a cultura apropria-se de uma distinção fisiológica, seleciona os fatos naturais e os exarceba ou os anula. Essas distinções só fazem sentido quando pensadas em cada cultura específica.²⁴¹ Portanto, masculino e feminino, ser homem ou ser mulher assumem significados diferentes em cada cultura, são socialmente construídos, produtos de determinada ordem social. Estas diferenças biológicas são apropriadas pela cultura e geram diferentes papéis sociais para homens e mulheres, valorizando os papéis e atividades masculinas. O Tema estudado está inserido dentro de uma cultura patriarcal, a partir desta constatação, uma série de representações sobre “ser homem”, ou “ser mulher”, surgem como resultantes desta cultura patriarcal que estimula certos comportamentos sexuais masculinos e condena os mesmos comportamentos quando realizados por mulheres.

Uma reflexão pode ser feita, sobre o estigma que cerca o papel da mulher que é amante de um homem casado, enquanto o homem que é amante de uma mulher casada aparece com um certo prestígio. Este homem consegue transgredir a honra alheia, e o estigma recai sobre o marido traído. Na sociedade de Augusto, era assim que os valores eram colocados. Talvez esteja aí a preocupação de Augusto. No seu entendimento, é bem provável que a matrona possa ter se corrompido ao ler a “Arte de Amar”.

A “revolução moral” a qual os poetas contribuíram consistia em ter introduzido o amor, o amor-paixão, o desejo e sua satisfação nas relações que criassem laços morais, deveres e direitos entre os seres. Coube aos romanos descobrir que existe uma

²⁴¹ Idem, p. 124.

ética do sentimento: a tradição ancestral concedia direito de cidadania à afeição filial, ao respeito pela esposa, aos deveres da paternidade e da maternidade, porém fingia ignorar o amor carnal, que afinal estava no centro de todo esse complexo. Era preciso amar a mulher, mas isso não era nem necessário nem muito confessável. Os poetas da época de Augusto contribuíram muito para dar ao amor seu verdadeiro lugar e ao mesmo tempo libertar a mulher daquele lugar de respeito puramente formal que os costumes a colocavam, para restituir-lhes o direito de amar, de escolher, de consentir em sua fidelidade. No entanto, essa revolução foi entendida, como uma vitória da devassidão. Usando as palavras de Grimal, *quando uma moral traz valores novos, o que ela tem de positivo aparece inicialmente com menos nitidez que seu aspecto negativo*²⁴². E não foi diferente com esta moral, que veio subverter as idéias aceitas ao longo de tantos séculos. Ovídio pagou com seu exílio por sua ousadia em incentivar um amor e um estilo de vida que os políticos consideravam prejudicial ao Estado.

²⁴² GRIMAL, op. Cit. p. 197.

6. FONTES.

APULEIO. *O Asno de Ouro*. São Paulo: Cultura Moderna, 1936.

OVÍDIO. *Arte de Amar = Ars Amatoria*. Edição Bilingüe. Tradução de Natália Correia e David Mourão Ferreira. São Paulo: Ars poética, 1997.

_____. *Obras: Os Fastos, Os Amores e Arte de Amar*. Traduções de Feliciano de Castilho. São Paulo: Edições Cultura, 1943.

_____. *Tristium*. Edição bilingüe. Tradução de Augusto Velloso. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução de Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SÊNECA. *Obras*. Tradução de G. D. Leoni. São Paulo: Atena, 1961.

SUETÔNIO. *As Vidas dos doze Césares*. Tradução de Sady-Garibaldi. São Paulo: Atena, 1959.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ALFÖLDY, Géza. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.
- ANDERSON, P. *Passagens da Antigüidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ARENDT, Hannah. *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Editora Florense, 1997.
- ARIÉS, P. & DUBY, G. *História da Vida Privada: Do Império Romano ao Ano Mil*. V. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.
- _____ & BÉJIN, A. *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo Brasiliense, 1986.
- BALSDON, J. P. V. D. (org). *O Mundo Romano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- BASSANEZI, Carla S. *Virando as páginas, revelando as mulheres: Relações homem-mulher e revistas femininas, 1994 – 1964*. Dissertação (Mestrado) FFLCH, Universidade de São Paulo, 1992. Pp. 07 – 65.
- BELLECHASSE, André. *Herculano e Pompéia*. Rio de Janeiro: Editions Ferni, 1978.
- BESSA, Karla. Adriana Martins. “O crime de sedução e as Relações de Gênero”. *Cadernos Pagu*, 2, 1994, p. 175-196.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales. 1929 – 1989: A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997.
- _____. *A Escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CABECEIRAS, M. R. V. “Representações Culturais e publicização da vida social na literatura latina: A mulher e o amor no ‘Corpus Ovidianum.’” In. *Phoînix*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995. Pp. 287 – 298.
- CARCOPINO, Jérôme. *A Vida Quotidiana em Roma no Apogeu do Império*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.
- CARPICECI, Alberto C. *Pompéia hoje e como era a 2000 atrás*. Florença: BET, 1995.
- CARVALHO, Margarida. M. & GONÇALVES, Ana Teresa M. “Mulher romana e casamento na obra de Apuleio”. *História*. São Paulo: UNESP, 12, p.115-122.
- CHARTIER, Roger. “Diferenças entre os sexos e dominação simbólica” (nota crítica).

- Cadernos Pagu*, 4, 1995, pp. 97-116.
- _____. "O mundo como representação". *Estudos Avançados*, São Paulo, 5, 11, 1995, pp. 180-193, jan. /abr.,
- CIRIBELLI, Marilda C. "Reflexões sobre a História da Mulher em Roma". In: *Phoênix*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995, pp. 137-146.
- CORASSIN, Maria Luiza. *A Reforma Agrária na Roma Antiga*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CUATRECASAS, Alfonso. *Erotismo no Império Romano*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- DOSSE, François. *A História em Migalhas. Dos Annales a Nova História*. São Paulo: Ensaio, 1994.
- DUBY, G. *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Lisboa: Terramar, 1991.
- _____. & PERROT, M. *História das Mulheres: Antigüidade*. V. 1. Porto: Afrontamento, 1990.
- FEITOSA, Lourdes M. G. C. *Homens e Mulheres Romanos: O corpo, o amor e a moral, segundo a literatura amorosa do primeiro século d.C. (Ovídio e Petrónio)*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Assis: UNESP, 1994.
- _____. "Reflexões sobre as Relações de Gênero na sociedade Romana". *Boletim do CPA*. Campinas: Unicamp, Ano IV, no. 7. Janeiro/Junho, 1999.
- FINLEY, Moses. *Aspectos da Antigüidade*. Lisboa: Martins Fontes, 1990.
- _____. *História Antiga. Testemunhos e Modelos*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2. O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. *História da Sexualidade 3. O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FRIGHETTO, Renan. *Cultura e Poder na Antigüidade Tardia Ocidental*. Curitiba: Juruá, 2000.
- FUNARI, P. P. A. "A caricatura gráfica e o "ethos" popular em Pompéia". *Clássica*. Belo Horizonte, 1992, 1, p. 117-139.
- _____. *Antigüidade Clássica. A História e a cultura a partir dos documentos*. Campinas,

- SP: Editora da Unicamp, 1995.
- _____. *Cultura Popular na Antigüidade Clássica*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. “Romanas por elas mesmas”. In. *Cadernos Pagu*. 1995. pp. 179- 200.
- _____. “Cultura(s) dominante(s) e cultura(s) subalterna(s) em Pompéia, da vertical cidade ao horizonte do possível”. *Revista Brasileira de História*. 1987, 7, p. 33-48.
- FURET, François. *A Oficina da História*. São Paulo: Gradiva, 1979.
- GOLDENBERG, Mirian. *A Outra: Estudos Antropológicos sobre a identidade da Amante do Homem Casado*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GRIMAL, P. *O Amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. *Os Erros da Liberdade*. Campinas: Papyrus, 1990.
- GUDEMAN, Alfred. *Historia de La Literatura Latina*. Barcelona: Editorial Labor, 1952.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- KURY, Mario da Gama. *Dicionário de Mitologia Grega e romana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- LEÓN, Maria Luisa Sánchez. *El Alto Império Romano. (14 – 235)*. Madrid: Síntesis, (s.d.)
- LEONI, G. D. *A Literatura de Roma*. São Paulo: Livraria Nobel S/A, 1958.
- MARSON, Melina Izar. “Da Feminista “Macha” aos Homens Sensíveis: O Feminismo na Brasil e as (Des) construções das Identidades Sexuais”. *Cadernos Ael* , n.3/4, 1995/1996.
- MARTIN, René. “História Social do Mundo Romano Antigo: Métodos e Problemas”. In. GODINHO, Vitorino Magalhães. (Org.). *História Social: Problemas, Fontes e Métodos*. Lisboa: Cosmos, 1967. PP. 67-98.
- MATOS, M.I.S. SAMARA, E. M, SOIHET, R. *Gênero em debate. Trajetórias e Perspectivas na Historiografia Contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997.
- _____. “Do público para o privado: redefinindo espaços e atividades femininas”. *Cadernos Pagu*, 4, 1995, p.97-116.
- MONTANHINI, Wagner. *O Simbolismo Visual dos Grafites na Epigrafia Latina Popular Pompeiana (50-79 d.C.)*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências

- e Letras, UNESP/Assis, 1994.
- MONTERO, Santiago. *Deusas e Adivinhas*. São Paulo: Musa, 1998.
- PANTEL, Pauline S. “A História das mulheres na História da Antigüidade, hoje”. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres: Antigüidade*. V. 1, São Paulo: Ebradil, 1990.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura Latina*. Lisboa: Calouste, 1983.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. V. II. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 1989.
- PERROT, Michelle. “Escrever uma História das Mulheres: Relato de uma experiência”. In: *Cadernos Pagu*. 4, 1995. p. 9-28.
- _____. *Os Excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PROUST, Jacques. “História Social e História Literária”. In: GODINHO, Vitorino Magalhães. (Org.). *História Social: Problemas, Fontes e Métodos*. Lisboa: Cosmos, 1967. PP. 301-316.
- RAGO, Margareth. “Adeus ao Feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil”. *Cadernos AEL.*, n.3/4, 1995/1996. pp. 11-43.
- _____. “Epistemologia Feminista, Gênero e História”. Unicamp, pp. 1-11, (prelo).
- RANKE, Leopold. Von Ranke. In: HOLANDA Sergio Buarque (Org.). *História*. São Paulo: Ática, 1979.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1994.
- ROUSSELLE, Aline. Pornéia. *Sexualidade e Amor no Mundo Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SALLES, Catherine. “As Prostitutas de Roma” In: DUBY, G. *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Lisboa: Terramar, 1991, pp. 87- 104.
- _____. *Nos Submundos da Antigüidade*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SARAIVA, F. R. Dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.
- SILVA, Glaydson J. *Aspectos de Cultura e Gênero na ‘Arte de Amar’ de Ovídio e no ‘Satyricon’ de Petrónio: Representações e Relações*. (Dissertação de Mestrado) Campinas, julho de 2001.

- SISSA, Giulia. "Filosofias do Gênero: Platão, Aristóteles e a Diferença dos Sexos".
In: DUBY, G. PERROT, M. *História das Mulheres: Antigüidade*. V. 1 Porto:
Afrontamento, 1990.
- SCHEID, John. "Estrangeiras Indispensáveis: Os papéis Religiosos das Mulheres em
Roma". In DUBY, _____.
- SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação e Realidade*.
Porto Alegre, 16 (2): pp. 5 – 22, 1990.
- SCOTT, Joan. "História das Mulheres". In. BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História:
Novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. Pp. 63 – 96.
- SCOTT, Joan. "Prefácio à Gender and Politics of History". *Cadernos Pagu*. 1994 pp.?
- SHARPE, Jim. "A história vista de baixo". In. BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História:
Novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. Pp. 39-62.
- TILLY, Louise A. "Gênero, História das Mulheres e História Social". *Cadernos Pagu*, 3,
1994, pp. 29-62.
- THOMAS, Yan. "A Divisão dos Sexos no direito Romano". In: DUBY, G. PERROT, M.
História das Mulheres: Antigüidade. V. 1. Porto: Afrontamento, 1990, pp. 127-202.
- VEYNE, Paul. *A Elegia Erótica Romana. O amor, a poesia e o ocidente*. São Paulo:
Brasiliense, 1995.
- _____. "O Casamento". In. ARIÉS, P. & DUBY, G. *História da Vida Privada: Do
Império Romano ao ano Mil*. V. 1. São Paulo: Companhia das letras, 1985, pp.45-60.